

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO

**REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

**ALFENAS/MG
2024**

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO

**REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

Objeto de Aprendizagem apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Aparecida da Silva Oliveira

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Ribeiro, André Luiz.

Representações da loucura em Dom Quixote : Uma Proposta Didática /
André Luiz Ribeiro. - Alfenas, MG, 2024.

168 f. : il. -

Orientador(a): Kátia Aparecida da Silva Oliveira.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de
Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Dom Quixote. 2. Loucura como metáfora. 3. História Cultural. 4.
Ensino de História. I. Oliveira, Kátia Aparecida da Silva, orient. II. Título.

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 28 de novembro de 2024.

Profa. Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiúza

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UEL/UNIOESTE-PR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL- PR)

Profa. Dra. Adriana Vidotte

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Universidade Federal de Goiás (UFG-GO)



Documento assinado eletronicamente por **Kátia Aparecida da Silva Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 04/12/2024, às 12:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1383336** e o código CRC **D4E511E3**.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) pela oportunidade oferecida. A todos os professores das disciplinas do Programa de Pós-graduação em História Ibérica (PPGHI) da Universidade federal de Alfenas pelo apoio e compartilhamento de conhecimento durante o programa, e que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação. À Professora Dr^a. Kátia Aparecida da Silva Oliveira, orientadora, pela disponibilidade e suporte teórico, além do incentivo na elaboração deste trabalho. À coordenação do Programa de Pós-graduação em História Ibérica pela motivação e dedicação no processo de formação. A todos os funcionários e colaboradores da Universidade Federal de Alfenas por fazerem esta instituição funcionar de forma eficiente, proporcionando um ambiente de compartilhamento de histórias e conhecimentos. A todos os meus colegas de mestrado pela amizade e suporte que fizeram deste processo mais agradável. Aos meus familiares que me apoiaram desde o início deste novo estágio de minha vida. A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta didática para o ensino de História Ibérica a partir do estudo de um trecho de uma obra literária, o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. A proposta consiste em três vídeos e um guia imprimível, elaborada para o Ensino Médio, com uma abordagem ativa e interdisciplinar, buscando a participação do aluno no seu próprio processo de aprendizagem e integrando os estudos literários com a História. A elaboração desse objeto de ensino se deu a partir dos resultados de uma pesquisa que trata das representações da loucura nos episódios que ocorrem entre o primeiro e o quinto capítulo da primeira parte do romance *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de La Mancha* (1605) de Miguel de Cervantes (1547-1616). Nossa análise foi feita pelo prisma da História Cultural, amparando-nos nas concepções de Roger Chartier (História Cultural, 2002). O objetivo de estabelecer a interpretação proposta é entender como Cervantes usou a loucura como recurso literário para criar uma representação crítica da sociedade em que vivia. Para isso, buscamos entender como o autor construiu sua obra, tomando como modelo as representações de loucura vigentes desde o final do Medievo. Também analisamos como Dom Quixote foi visto por seus contemporâneos como uma paródia que revelava as contradições de um império que se deteriorava por conta de decisões governamentais embasadas em convicções obsoletas. Com essa análise, pretendemos evidenciar como a loucura de Dom Quixote serviu como uma metáfora para esse período histórico. Através de nossa proposta didática, desejamos tornar o resultado dessa pesquisa acessível para os alunos do Ensino Médio.

Palavras-chave: Dom Quixote; Loucura como metáfora; História Cultural; Ensino de História.

RESUMEN

El presente trabajo es una propuesta didáctica para la enseñanza de la Historia Ibérica a partir del estudio de un fragmento de una obra literaria, *Don Quijote*, de Miguel de Cervantes. La propuesta consta de tres videos y una guía imprimible, diseñada para estudiantes de la educación secundaria, con un enfoque activo e interdisciplinario, buscando la participación de los estudiantes en su propio proceso de aprendizaje e integrando los estudios literarios con la Historia. La elaboración de este objeto didáctico se basó en los resultados de una investigación que trata de las representaciones de la locura en los episodios que ocurren entre el primer y quinto capítulo de la primera parte de la novela *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* (1605) de Miguel de Cervantes (1547-1616). Nuestro análisis se realizó a través del prisma de la Historia Cultural, basado en los conceptos de Roger Chartier (*Historia Cultural*, 2002). El objetivo de establecer la interpretación propuesta es comprender cómo Cervantes utilizó la locura como recurso literario para crear una representación crítica de la sociedad en la que vivió. Para ello, buscamos comprender cómo el autor construyó su obra, tomando como modelo las representaciones de la locura vigentes desde finales de la época medieval. También analizamos cómo Don Quijote fue visto por sus contemporáneos como una parodia que revelaba las contradicciones de un imperio que se deterioraba por decisiones gubernamentales basadas en convicciones obsoletas. Con este análisis pretendemos resaltar cómo la locura de Don Quijote sirvió como metáfora de este periodo histórico. A través de nuestra propuesta didáctica deseamos hacer accesibles los resultados de esta investigación a estudiantes de la educación secundaria.

Palabras clave: Don Quijote; La locura como metáfora; Historia cultural; Enseñanza de la Historia.

SUMMARY

This work is a didactic proposal for teaching Iberian History based on the study of an excerpt from a literary work, *Don Quixote*, by Miguel de Cervantes. The proposal consists of three videos and a printable guide, designed for high school students, with an active and interdisciplinary approach, seeking the participation of students in their own learning process and integrating literary studies with History. The development of this teaching object was based on the results of a research that deals with the representations of madness in the episodes that occur between the first and fifth chapters of the first part of the novel *The Ingenious Knight, Don Quixote De La Mancha* (1605) by Miguel de Cervantes (1547-1616). Our analysis was made from the perspective of Cultural History, supported by the concepts of Roger Chartier (*História Cultural*, 2002). The objective of establishing the proposed interpretation is to understand how Cervantes used madness as a literary resource to create a critical representation of the society in which he lived. For that, we sought to understand how the author built his work, taking as a model the representations of madness that were prevalent since the end of the Medieval times. We also analyzed how Don Quixote was seen by his contemporaries as a parody that revealed the contradictions of an empire that was deteriorating due to government decisions based on obsolete convictions. With this analysis, we intend to highlight how Don Quixote's madness served as a metaphor for this historical period. Through our didactic proposal, we hope to make the results of this research accessible to high school students.

Keywords: Don Quixote; Madness as a metaphor; Cultural History; History Teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PARTE I – REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE: OBJETO DE APRENDIZAGEM	
2.1	APRESENTAÇÃO.....	13
2.2	PROPOSTA DIDÁTICA.....	14
3	PARTE II – REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE: UMA CONEXÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA	
3.1	INTRODUÇÃO.....	99
3.2	A ESPANHA NOS TEMPOS DE DOM QUIXOTE.....	100
3.3	A PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO DO ROMANCE.....	106
3.4	AS REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA DO FIM DO MEDIEVO AO INÍCIO DA MODERNIDADE E OS ANTECEDENTES DE DOM QUIXOTE.....	108
3.5	AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE.....	118
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	136
5	PARTE III – REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA	
5.1	INTRODUÇÃO.....	140
5.2	ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E O ENSINO POR MEIO DE COMPETÊNCIAS.....	145
5.3	PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO.....	148
5.4	CRIAÇÃO E APLICABILIDADE DA PROPOSTA DIDÁTICA.....	151
5.5	SÍNTESE DA PROPOSTA.....	158
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
	REFERÊNCIAS.....	161
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
	REFERÊNCIAS.....	165

Não nos surpreendamos ao reencontrá-la tantas vezes nas ficções do romance e do teatro. Não nos surpreendamos ao vê-la andar de fato pelas ruas. [...] A loucura desenha uma silhueta bem familiar na paisagem social. (Foucault, 2019, p.43)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de uma convergência entre nossos estudos literários sobre *Dom Quixote* (1605) e a História Ibérica. Impelidos pelo desafio que nós, professores, encontramos ao abordar um clássico da literatura em uma sala de aula do Ensino Médio, decidimos propor formas de usar o romance de Cervantes (1547-1616) como documento histórico primordial, sob o prisma da História Cultural. Assim, pretendemos evidenciar a loucura de Dom Quixote como representação crítica e simbólica dos anseios arcaicos de uma monarquia católica em uma sociedade que vinha se tornando cada vez mais pragmática e racionalista.

Para isso, desenvolvemos uma proposta didática que visa transpor os resultados de nossa análise teórica para o mundo do aluno do Ensino Médio. Aspirando uma maior aproximação com a linguagem usual desse público, decidimos criar vídeos de curta duração em formato de minidocumentário. Esses objetos de aprendizagem têm o suporte teórico de um guia de atividades, que chamaremos aqui de *Manual do professor*, que contém sugestões de como usar nossas produções em uma sala de aula dentro de uma abordagem interdisciplinar e significativa para os estudantes.

Como exigência do Programa de Pós-graduação em História Ibérica (PPGHI) da Universidade federal de Alfenas (UNIFAL-MG), nossa proposta didática está dividida em três partes. Na parte I, disponibilizamos uma cópia do nosso *Manual do Professor*; nele temos uma descrição detalhada dos vídeos produzidos como objetos de aprendizagem e de como usá-los dentro de uma perspectiva de ensino baseado em competências. Há também textos teóricos auxiliares derivados de nossos estudos pedagógicos sobre o tema. Ao final do manual, há uma série de atividades sugeridas para o professor aplicar de acordo com seu público-alvo.

Na parte II, apresentamos os aspectos históricos envolvendo a obra de Cervantes, e o contexto em que surgiu. Analisamos aqui, os acontecimentos descritos entre os capítulos 1 e 5 do romance que tratam da primeira saída de Dom Quixote. Nesse tópico, analisamos como os personagens que entraram em contato com Dom Quixote reagem à sua figura exótica.

Ainda nessa parte, analisamos como obras artísticas do final do Medievo já representavam a loucura como crítica social, como se observa nas pinturas, *A extração da pedra da loucura* (cerca de 1475-1480) e *A nau dos loucos* (cerca de 1490-1500) de Hieronymus Bosch (1450-1516). Em seguida, demonstramos a contribuição de Erasmo de Rotterdam (1466-1536) na compreensão da loucura como um traço da condição humana, pavimentando o caminho para as representações da loucura na Espanha do início da modernidade. Discutimos também a intercomunicação entre História e Literatura, tendo como apoio teórico os estudos de Sandra

Jatahy Pesavento. É importante mencionar que a versão do romance que usamos para nossa pesquisa é a edição bilíngue publicada em 2016 pela editora 34, traduzida por Sérgio Molina.

Na parte III, apresentamos nossa proposta didática embasada teoricamente na abordagem de ensino por competências, tendo como um de seus principais proponentes o sociólogo suíço Philippe Perrenoud (*Construir as competências desde a escola*, 1999). Aqui, analisamos as formas de interações sociais vigentes entre os estudantes do Ensino Médio e refletimos sobre como uma perspectiva de ensino-aprendizagem baseada mais em competências do que em conhecimento teórico parece condizente com o mundo destes estudantes, afinal, estamos diante de uma geração de “nativos digitais” (Prensky, 2001) que domina a linguagem das redes sociais e das multiplataformas de maneira natural, embora, todo esse contato indiscriminado com todos os tipos de informações online, deixe esses estudantes muito vulneráveis à proliferação de notícias falsas e opiniões sem embasamento teórico ou contexto histórico que comumente são tidas como verdades. Por isso, acreditamos que a atuação do professor nunca foi tão necessária como é hoje.

Nossa proposta didática pretende não apenas enriquecer o conhecimento dos estudantes do Ensino Médio sobre *Dom Quixote* e sobre as possíveis reflexões a respeito da história que podem surgir de sua leitura, mas carrega também o desafio de cultivar o pensamento crítico, visando incentivá-los a agir com discernimento em meio ao mar de informações a que estão expostos diariamente. Ao reconhecer a loucura de Dom Quixote como uma metáfora crítica das contradições de sua época, buscamos desenvolver nos alunos a capacidade de questionar e analisar as informações que recebem, aguçando a reflexão sobre o real e o ilusório, o fundamentado e o superficial, ou seja, pensar as dicotomias ainda presentes na sociedade atual.

Em suma, nos debruçamos sobre as formas de representação da loucura durante o final do Medievo e o início da Modernidade. Período caracterizado por profundas alterações na estrutura social e cultural, influenciando significativamente como a loucura foi entendida e representada. O ensino de História pode se beneficiar de nossa proposta ao abordar a necessidade de se compreender as transformações históricas, culturais e intelectuais que criaram um ambiente propício para a concepção da loucura de Dom Quixote, explorando como conceitos e representações da loucura evoluíram ao longo do tempo e influenciaram a literatura e as artes em geral. Isso permitirá aos alunos compreenderem melhor a complexidade do processo histórico e as mudanças nas percepções sociais, enriquecendo o entendimento deles sobre como as ideias a respeito da insanidade e outros conceitos foram moldadas por seu contexto histórico.

PARTE I

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE:

OBJETO DE APRENDIZAGEM

2.1 APRESENTAÇÃO

Apresentamos uma proposta didática voltada para o Ensino Médio com o uso de vídeos de curta duração sobre o tema: “Representações da loucura em *Dom Quixote*”. Para uma melhor aplicabilidade dessa proposta em sala de aula, preparamos uma série de apresentações de slides para serem usadas pelo professor em uma aula multimídia. Além disso, elaboramos um guia didático – que chamaremos aqui de *Manual do Professor* – com atividades propostas para uma aula dinâmica e ativa, visando a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem. No *Manual do Professor*, o educador contará com um suporte teórico sobre a abordagem baseada em competências, além de várias atividades.

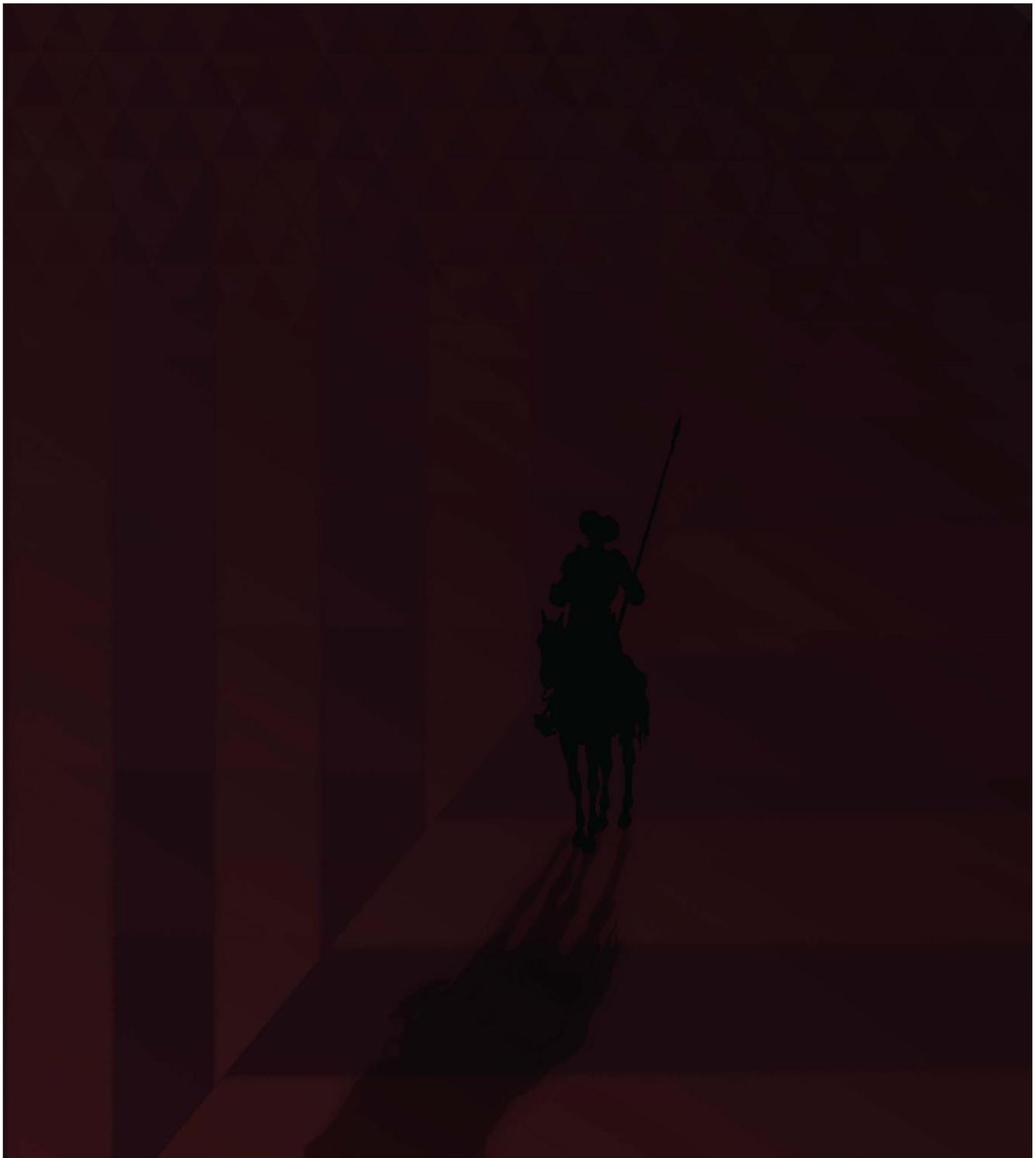
Ao final do manual, preparamos alguns exercícios imprimíveis, caso o professor queira se aprofundar em questões de interpretação de texto com os alunos. Há também sugestões de atividades criativas para incentivar os alunos na elaboração de seus próprios projetos relacionados ao tema. Estarão disponíveis no repositório da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), o *Manual do Professor* no formato PDF, 3 apresentações de slides com o conteúdo da aula em PPT e PDF, além dos 3 vídeos em MP4 com cerca de 6 minutos cada. Os links serão disponibilizados pela instituição. Os vídeos também estarão disponíveis no *YouTube* – os links serão disponibilizados no *Manual do Professor*, podendo ser acessados por meio de *QR code*. Nas próximas páginas apresenta-se o *Manual do Professor*.

2.2 PROPOSTA DIDÁTICA

Representações da Loucura
em Dom Quixote:
Uma Proposta Didática

MANUAL DO
PROFESSOR





Autor: André Luiz Ribeiro
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Aparecida da Silva Oliveira.

UNIFAL



Apresentação

Este manual é resultado da pesquisa de André Luiz Ribeiro para o Mestrado Profissional em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Kátia Aparecida da Silva Oliveira. Trata-se de um olhar sobre as representações da loucura em *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes pelo prisma da História Cultural. Notamos a necessidade de inserir no processo de ensino-aprendizagem, elementos mais próximos do cotidiano do jovem estudante do Ensino Médio, ao mesmo tempo em que evidenciamos a importância do professor como mediador desse processo, considerando o alto número de informações sem averiguação a que esses jovens são expostos nas redes. Nesse sentido, a produção e utilização de vídeos de curta duração e um guia didático de atividades para os professores – e educadores de uma forma geral – nos parece coerente com nossa intenção de democratizar o processo de ensino-aprendizagem, não somente dando mais protagonismo ao estudante, mas também aguçando sua capacidade crítica. Por isso, decidimos construir uma proposta didática que apresente a loucura de Quixote como uma forma de representação crítica da sociedade de sua época.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
Mestrado Profissional

www.unifal-mg.edu.br/ppghi/

ppghi@unifal-mg.edu.br

SUMÁRIO

ASPECTOS METODOLÓGICOS GERAIS	8
O PAPEL DO PROFESSOR	9
O PAPEL DOS ESTUDANTES	10
CONCEITOS A SEREM TRABALHADOS	11
UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR	12
ÁREAS QUE PODERÃO SE BENEFICIAR DESSA PROPOSTA DIDÁTICA	13
CUIDADO COM OS ESTEREÓTIPOS	14
SÍNTESE DA PROPOSTA DIDÁTICA	15
A IMPORTÂNCIA DO WARM-UP	16
UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DE VÍDEOS	18
ALGUMAS SUGESTÕES DE ADAPTAÇÕES DE DOM QUIXOTE	19
ADAPTAÇÕES DO QUIXOTE PARA AS TELAS	20
MANIFESTAÇÕES DE DOM QUIXOTE EM TERRAS BRASILEIRAS	22
VÍDEO 1: PASSO A PASSO	25
TEXTO REFLEXIVO:	
O OBJETO DE APRENDIZAGEM DENTRO DE UMA PERSPECTIVA PÚBLICA	26
PRIMEIROS PASSOS	27
REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA - REFLEXÃO	28
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE LINGUAGEM ACESSÍVEL	29
SUGESTÕES DE TAREFAS	32
UMA REFLEXÃO SOBRE AS TAREFAS SUGERIDAS	33
UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DE VÍDEOS NO	
PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	35
VÍDEO 2: PASSO A PASSO	37
TEXTO REFLEXIVO:	
A ESPANHA NOS TEMPOS DE CERVANTES	38
PRIMEIROS PASSOS	39
SUGESTÕES DE TAREFAS	44
VÍDEO 3: PASSO A PASSO	47
TEXTO REFLEXIVO:	
HISTÓRIA E LITERATURA	48
PRIMEIROS PASSOS	49

SUMÁRIO CONTINUAÇÃO

SUGESTÕES DE TAREFAS	55
UMA REFLEXÃO SOBRE A AVALIAÇÃO	55
VÍDEO I - TRANSCRIÇÃO	56
VÍDEO II - TRANSCRIÇÃO	57
VÍDEO III - TRANSCRIÇÃO	58
REFERÊNCIA DO MANUAL	59
REFERÊNCIAS DE PESQUISA	61
CADERNO DE ATIVIDADES	67



KIT DIDÁTICO



CONTEÚDO

QUANTIDADE	CONTEÚDO	FORMATO
1	Manual do Professor	PDF/ E-book
3	Vídeos	MP4
3	Apresentações de Slides	PDF/ PPT

ASPECTOS METODOLÓGICOS GERAIS



Esta proposta didática consiste em um modelo interativo com o uso de vídeos de curta duração, tendo o professor como instigador e guia das discussões. Propomos, assim, uma aprendizagem:

ATIVA: Os alunos são encorajados a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, envolvendo-se em atividades práticas, projetos e trabalhos em grupo.

INTERDISCIPLINAR: As atividades podem ser desenvolvidas em diferentes disciplinas, permitindo uma abordagem interdisciplinar em que os conhecimentos e habilidades são aplicados em contextos variados.

COM ÊNFASE NO PROCESSO: O foco não está apenas no resultado — apesar de ser um elemento importante do planejamento —, mas também no processo de ensino-aprendizagem, sendo mais coerente avaliá-los na capacidade de desenvolver competências. Erros são vistos como oportunidades de aprendizagem.

PERSONALIZADA: Leva em conta as necessidades e interesses dos alunos, buscando oferecer experiências de aprendizagem mais significativas.

NA PRÁTICA, EM NOSSA PROPOSTA A APRENDIZAGEM OCORRE POR MEIO DE:

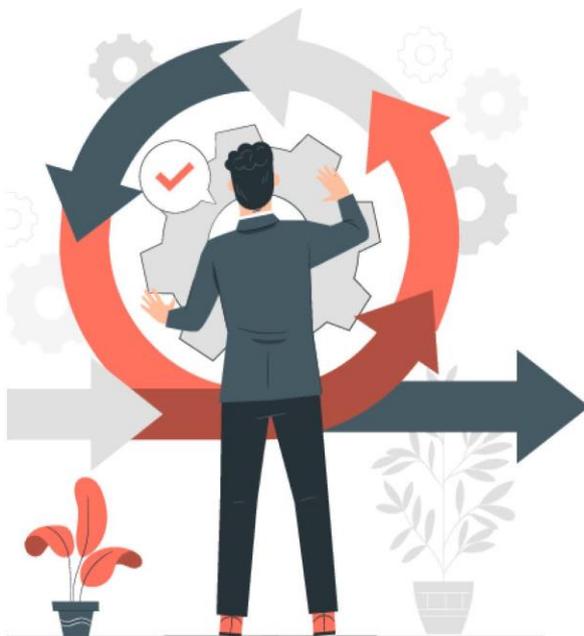


Imagem: PNGWING

- ✓ Debates pertinentes ao tema proposto.
- ✓ Problematização do cotidiano.
- ✓ Atividades de compreensão de texto e imagens.
- ✓ Reflexões instigadas pelo professor.
- ✓ Atividades em duplas ou em grupos.
- ✓ Instigação de uma postura crítica.
- ✓ Produção de conteúdo.

O PAPEL DO PROFESSOR



O professor tem papel fundamental no processo, sendo responsável pela moderação entre o conteúdo e os estudantes e por tomar as decisões mais pertinentes diante do conhecimento prévio do aluno. Para uma aplicabilidade mais eficaz das atividades, é desejável que o professor desenvolva um perfil de orientador. Nessa proposta, o docente tem a função de promover a reflexão sobre o posicionamento do aluno diante dos tópicos abordados. O professor é quem determina a adequação do conteúdo ao interesse do aluno, instigando-o na busca por dados que auxiliem na construção de sua realidade pessoal. É importante realçar, no entanto, que o fato de o professor chamar o aluno para a discussão não tira dele a responsabilidade de mediar o processo. Cabe ao professor:

- ✓ Iniciar as aulas com um *warm-up* (primeiros passos) interativo, onde algum elemento do cotidiano do aluno é explorado como forma de compreensão do tema. (jogos, HQs, música etc.)
- ✓ Assegurar a autonomia dos alunos.
- ✓ Promover discussões.
- ✓ Moderar possíveis conflitos indesejáveis para o processo de ensino-aprendizagem.
- ✓ Instigar relações interpessoais entre os estudantes.
- ✓ Acompanhar o desempenho dos estudantes.
- ✓ Aplicar as atividades do *Manual* referentes aos vídeos.
- ✓ Avaliar as atividades de maneira formativa.
- ✓ Encerrar a aula propondo uma atividade para a próxima aula; podendo ser a atividade proposta neste *Manual* ou alguma outra mais pertinente àquela turma específica.
- ✓ Refletir sobre as aulas e sugerir mudanças que julgue necessárias para as próximas intervenções. O sociólogo suíço Phillipe Perrenoud estabelece que a **prática reflexiva** do professor deve estar baseada nas seguintes competências profissionais:

1. Organizar e estimular situações de aprendizagem;
2. Gerenciar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
5. Trabalhar em equipe;
6. Participar da gestão escolar;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar as novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Gerenciar sua própria formação contínua (Perrenoud, 2008, p.95).

O PAPEL DOS ESTUDANTES

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

Nesse modelo, é desejável que os estudantes desenvolvam a capacidade de expor suas visões de mundo e sejam expostos às outras visões compartilhadas em sala de aula. No entanto, nada pode ser feito sem levar em conta os aspectos individuais do aluno, como traços de personalidade, necessidades especiais e projetos de vida, pois a diversidade é outro aspecto a ser compreendido pelos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Dentro desse escopo, os estudantes são vistos como:

- ✓ Detentores de conhecimentos prévios.
- ✓ Autônomos no processo de aprendizagem.
- ✓ Possuidores de competências diversas.
- ✓ Detentores de representações (leituras) de mundo diversas.
- ✓ Curiosos e entusiastas de alguma coisa, portanto, dispostos a aprender, cabendo ao professor entender o que e de que forma aguçar essa curiosidade.

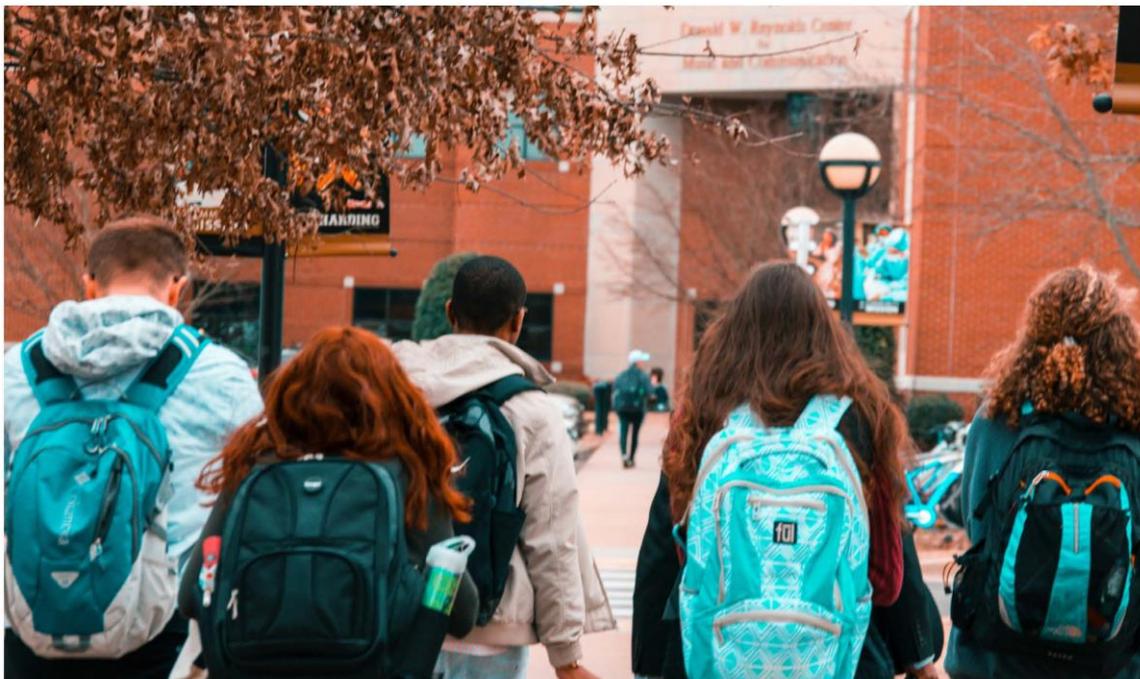


Foto de Stanley Morales: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/pessoas-usando-mochilas-1454360/>

CONCEITOS A SEREM TRABALHADOS



Foto de cottonbro studio: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/garoto-menino-rapaz-crianca-5801656/>

Consideramos que o romance *Dom Quixote de la Mancha* (1605/1615), do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), oferece uma excelente oportunidade para explorar com os alunos o uso da loucura como estratégia literária para criticar uma determinada sociedade. Ao trabalharmos com uma obra clássica da literatura mundial que veio a público no início do século XVII, abre-se diante de nós uma série de desafios e possibilidades de questionamentos conceituais que poderão ser tratados em uma ou várias aulas de História. Por exemplo:

- ✓ **Anacronismo** – Como a forma como vemos a loucura hoje difere das representações de loucura dos contemporâneos de Cervantes, e como isso deve ser levado em consideração para que evitemos fazer análises incoerentes de uma obra – ou de um documento histórico qualquer?
- ✓ **Documento histórico** – Até que ponto um romance pode ser considerado um documento histórico capaz de nos fazer entender a sociedade em que foi produzido?
- ✓ **Dualidade** – Como a imaginação e a realidade são retratadas no romance? Como a Literatura trabalha com esses conceitos?
- ✓ **Estereótipo** – Por que o protagonista do romance se tornou um modelo de ficção, gerando até mesmo formas linguísticas de se referir a alguém que esteja alheio à materialidade dos fatos, como "quixotesco"?
- ✓ **Renascimento** – Como as representações de loucura do renascimento ajudaram a estabelecer uma visão patológica da loucura?
- ✓ **Humanismo** – Como os pensadores e artistas do período transitório entre a Idade Média e a Moderna passaram a usar modelos reais para expressar suas ideais?

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

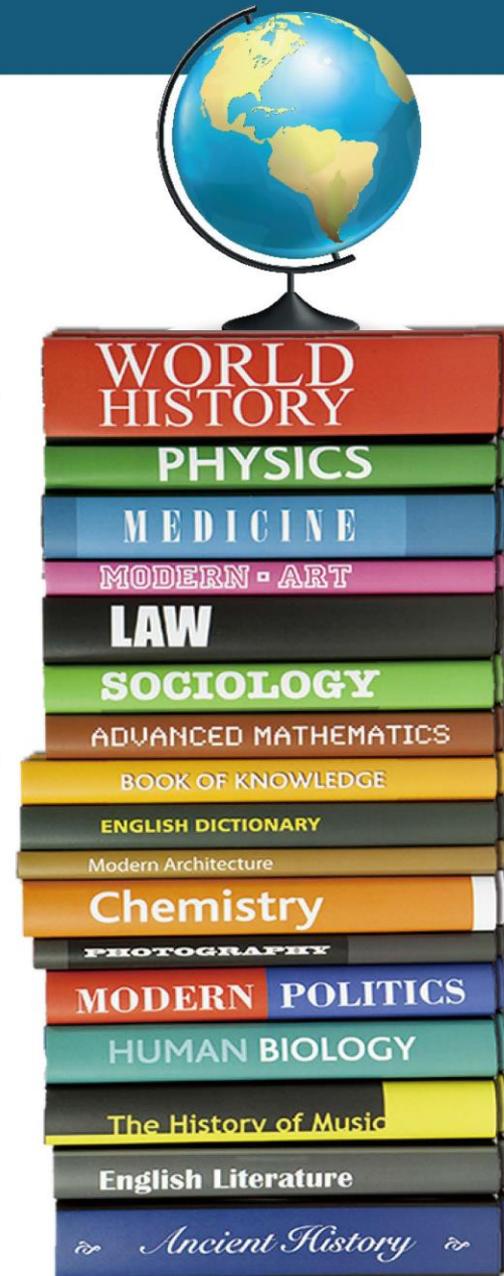
Diante da perspectiva teórica à qual nos alinhamos, baseada no ensino por competências, a interdisciplinaridade é o caminho sem o qual não conseguiríamos produzir uma problematização coerente com a complexidade do tema. Falando sobre a didática do ensino de História nas escolas, Saddi aponta para a impossibilidade de um ensino eficaz ao se ignorar os saberes pedagógicos.

“Quando a Didática da História ignora seu vínculo com as ciências afins, ela é incapaz de cumprir os seus objetivos. Na análise da História escolar, por exemplo, se não leva em consideração os acúmulos alcançados pela Pedagogia e pela Psicologia da Aprendizagem, a análise didática tende a ignorar os saberes e interesses que envolvem a especificidade do ambiente escolar, bem como não é capaz de produzir um aprendizado complexo ao não compreender a relação entre os sujeitos da aprendizagem.” (Saddi, 2010, p.77)

Sendo assim, dominar o saber histórico e as especificidades do tema proposto não basta se quisermos realmente criar um ambiente favorável onde possamos mediar o processo de aprendizagem entre nosso conteúdo e os estudantes. A produção de uma proposta didática, por si só, é uma exigência interdisciplinar, pois sua construção está ligada a uma intencionalidade prática que lida com vários campos do saber.

Em última instância, nossa intervenção como professores visa a formação do indivíduo como ser social, como diz Antônio Joaquim Severino, “o homem só pode ser efetivamente formado como humano se for formado como cidadão”. (Severino, 2008, p. 41) E formar cidadãos diz mais respeito a como esses indivíduos usam seus saberes coletivamente do que de maneira individual. O autor acrescenta que:

“em todas as esferas de sua prática, os homens atuam como sujeitos coletivos. Por isso mesmo, o saber, como expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber quando se der interdisciplinarmente.” (Severino, 2008, p. 40)



Imagens: PNGWING in: <https://www.pngwing.com/pt/free-png-bptrv>

De uma forma mais simples, uma abordagem interdisciplinar em sala de aula é uma maneira de preparar os alunos para enfrentar desafios do mundo real que não se limitam às fronteiras de uma única disciplina. Ela promove uma compreensão mais profunda dos temas e estimula a curiosidade e a criatividade dos estudantes.

ÁREAS QUE PODERÃO SE BENEFICIAR DESSA PROPOSTA DIDÁTICA

◀ VOLTAR AO
SUMÁRIO

LITERATURA	O uso da metáfora como estratégia literária; as fundamentações do romance moderno; literatura como representação social; mito literário; escolas literárias (barroco e romantismo) etc.
PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA	Como o conceito de loucura se modifica durante o processo histórico; como o efeito Dom Quixote se tornou um tema comum na sociedade moderna; como as casas de saúde que cuidam exclusivamente dos loucos são um fenômeno recente.
SOCIOLOGIA	Como o renascimento tratou da loucura e como a sociedade atual carrega resquícios desse tipo de tratamento; como a criação de estereótipos da loucura ajuda a manter o assunto como um tabu.
ENSINO DE ESPAANHOL	Como uma obra canônica de língua espanhola ajudou a moldar a língua espanhola como a conhecemos hoje.
HISTÓRIA	Como a Literatura pode servir como um documento histórico; como as representações da loucura se modificam no decorrer da História; como podemos identificar o anacronismo nos estudos das obras literárias.
CINEMA	Como as representações de Dom Quixote foram traduzidas para a linguagem cinematográfica.
FILOSOFIA	Como Erasmo de Rotterdam personificou a loucura de forma satírica para criticar a sociedade de seu tempo.

CUIDADO COM OS ESTEREÓTIPOS



Imagem de wayhomestudio no Freepik

Não é o foco desse trabalho estudar a loucura como patologia ou como fenômeno social. No entanto, como trabalhamos com jovens estudantes que inevitavelmente trazem suas vivências para a sala de aula, é importante que o professor esteja preparado para intervenções anedóticas que eventualmente sejam compartilhadas pelos alunos, pois a loucura nunca teve protagonismo nas apostilas, nos livros didáticos ou nos planos de ensino dos professores de nenhuma das disciplinas escolares tradicionais. Talvez, pela hegemonia da visão médica da loucura que a encarcerou dentro de um território bem limitado que diz respeito aos profissionais da saúde mental, ou talvez por seu caráter complexo e seu estigma social, se estabeleceu que esse é um assunto que não se deva tocar. No entanto, a loucura carrega em seu cerne uma série de reflexões que não podemos negligenciar enquanto agentes educadores.

Ter conhecimento de como uma sociedade trata os seus loucos é essencial para entendermos, por exemplo, como atacar o problema da exclusão social sofrida por indivíduos que não se alinham ao que as representações hegemônicas da sociedade estabelecem. Ter consciência de que há uma forma de narrativa que não é coerente com a sociedade que criamos, ao mesmo tempo, em que se evidencia um comportamento de instabilidade mental, também nos adverte para outras possibilidades de pensamento e de concepção de mundo, às quais não teríamos acesso caso alguém não extrapolasse esses limites estabelecidos entre o real e o imaginário. Em outras palavras, o próprio fazer literário não seria possível se não se desse valor aos mundos imaginários. Por fim, é importante que o educador tenha noção do tipo de abordagem que irá usar para um bom andamento da aula e esteja preparado para eventuais polêmicas.

SÍNTESE DA PROPOSTA DIDÁTICA



PÚBLICO-ALVO	Alunos do Ensino Médio (podendo ser adaptado para outros públicos).
DURAÇÃO DA ATIVIDADE	Sugerimos que cada uma das 3 atividades com vídeo seja aplicada em 1 hora aula. Ou seja, a aplicação dos três vídeos tomará 3 horas aula.
CONTEÚDOS ABORDADOS	Crítica literária; linguagem metafórica; História da loucura; renascimento espanhol; monarquia espanhola; sociedade espanhola do século XVII.
ÁREAS COM AS QUAIS A PROPOSTA DIALOGA	Literatura; História; Sociologia; Psicologia; Psiquiatria; Cinema; Teatro; Filosofia etc.
OBJETIVOS	Discutir a maneira como a loucura de Dom Quixote representa uma crítica ao contexto social em que o personagem está inserido.
RESULTADOS ESPERADOS	Espera-se que ao final da aplicação desta proposta, os alunos sejam capazes de refletir a respeito das representações metafóricas da loucura em <i>Dom Quixote</i> e produzir a partir de suas reflexões conteúdos críticos significativos para seus respectivos mundos.
RECURSOS	Computador com <i>Powerpoint Office</i> e <i>Internet</i> . Equipamentos audiovisuais como: <i>Datashow</i> e caixas de som. Obs. Há também a possibilidade de se imprimir as atividades.



A IMPORTÂNCIA DO *WARM-UP*



Assim como as atividades físicas são favorecidas com um aquecimento prévio para preparar a musculatura para a ação, o *warm-up* busca “aquecer” os alunos, estimulando suas mentes, ativando conhecimentos prévios e criando uma atmosfera propícia para o processo de aprendizagem.

A ideia é que o *warm-up* ajude a estabelecer um ambiente positivo para a aprendizagem, reduzindo a resistência inicial dos alunos e criando um clima mais favorável para a participação e absorção do conteúdo da aula. Ele pode ser aplicado em diversas disciplinas e níveis educacionais, adaptando-se à idade, aos interesses e às necessidades dos estudantes.

O *warm-up* é uma oportunidade para o professor entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno, ou seja, com o conhecimento que esse indivíduo construiu no decorrer de sua vivência social.

Dentro de uma perspectiva piagetiana:

“O homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outras palavras, o homem não social, o homem considerado como molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe.” (Piaget, 1964, p. 314)

Entendemos que uma atividade de *warm-up* bem trabalhada pode ser valiosa para o professor estabelecer um diálogo com o mundo do aluno, além de indicar um caminho a ser usado no decorrer da aula.

Nesta proposta didática, chamamos nossos *warm-ups* de “primeiros passos” como uma forma de demonstrar o aspecto de atividade inicial que propomos. Os *primeiros passos* são atividades iniciais curtas, geralmente baseadas em algum tipo de *gamificação*, preparando os alunos para a aula.



Imagem: PNGWING

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

Há também a possibilidade dessas atividades iniciais serem feitas por intermédio de ferramentas interativas *online*, como o *Kahoot!* e o *Mentimeter*, caso os alunos tenham familiaridade com esses aplicativos.

O *Kahoot!* é uma plataforma pensada para incentivar estratégias de gamificação do ensino. Os professores criam questionários de múltipla escolha (sempre com 4 opções) e os alunos participam *online*, cada um com seu dispositivo (computador, *tablet* ou celular). Os participantes não precisam criar uma conta. Basta fornecer o código (*Game PIN*) para entrar no *quiz* que foi criado. Depois de cada pergunta, o professor pode analisar imediatamente quantos participantes acertaram a questão.

<https://kahoot.com/pt/>

O *Mentimeter* é uma plataforma *online* para criação e compartilhamento de apresentações de slides com elementos interativos. O serviço está disponível em planos gratuitos e pagos e possibilita que profissionais de diversas áreas, como instrutores e professores, criem apresentações gamificadas e complexas. A ferramenta oferece recursos interativos, como nuvem de palavras e questionários, que podem ser compartilhados via *Internet* com seu público.

<https://www.mentimeter.com/pt-BR>



UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DE VÍDEOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

VOLTAR AO SUMÁRIO

Segundo Marc Prensky (2001), criador do termo “nativos digitais”, os estudantes de hoje são “falantes nativos da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet” enquanto os professores recebem a alcunha de “imigrantes digitais”. Assim como um imigrante fora de seu país de origem carrega marcas que o identificam como não nativo, o professor carrega seu “sotaque” de um mundo analógico (Prensky, 2001). Nesse sentido, disponibilizar formas multimídias de interação no processo de ensino-aprendizagem seria uma maneira de nós, “professores analógicos”, nos aproximarmos mais do mundo desse estudante que, antes de tudo, é um espectador nativo digital. No entanto, o termo “nativos digitais” vem provocando controvérsia entre os profissionais da educação. Segundo Ana Claudia Ferrari, Daniela Machado e Mariana Ochs, em seu Guia da Educação Midiática (2020), Prensky quis dizer, apenas, que os nativos digitais são os que já nascem em um mundo em que os dispositivos digitais são onipresentes, mas houve quem entendesse que essas crianças e jovens já “vinham de fábrica” com pleno conhecimento e aptos a lidar com tecnologia. “Longe disso!” (Ferrari et al., 2020, p.23). Em uma pesquisa realizada pela *Stanford History Education Group (SHEG)* em 2016, o psicólogo da educação, Sam Wineburg, que conduziu a pesquisa com alunos estadunidenses de Ensino Médio, chegou à seguinte conclusão:

“nossos ‘nativos digitais’ são capazes de ir e voltar do Facebook para o Twitter e simultaneamente postam uma *selfie* no Instagram, escrevendo uma mensagem para um amigo. Mas, quando o assunto é avaliar as informações que transitam pelas redes sociais, eles são facilmente ludibriados” (Wineburg, 2016, p.4).

As autoras supracitadas, que usaram as apurações de Wineburg para fundamentarem seu guia, concluem que “apesar de serem a geração mais familiarizada com as novas tecnologias de comunicação e informação, essas crianças e jovens têm muita dificuldade de processar informações encontradas nas redes sociais” (Ferrari et al., 2020, p.23), ou seja, os alunos, em grande medida, sabem mais que seus professores sobre como acessar redes sociais e se utilizarem delas para vários propósitos, e

isso só evidencia que a intervenção do professor nunca foi tão necessária. Como acrescentam as autoras:

“Saber viver, aprender, discernir e prosperar, tanto *online* quanto *offline*, em uma cultura de mídia global e diversificada, é exercício constante que demanda compreensão do ecossistema das mídias como condição essencial para o gerenciamento de informação, consumo consciente, criação responsável de conteúdo e participação ativa na sociedade” (Ferrari et al., 2020, p.20).

Não estamos considerando, aqui, os problemas relativos à desigualdade social. Ao adicionarmos essa questão à equação, teremos que ter em mente que, dentro da realidade do ensino público brasileiro, há escolas de comunidades muito empobrecidas cujos professores realizam verdadeiras façanhas com um número limitadíssimo de recursos tecnológicos. Para alunos desses tipos de instituições, aplicar o termo “nativos digitais” seria uma ingenuidade de nossa parte. De uma forma geral, no entanto, as novas configurações sociais que vêm se descortinando diante de nós atualmente, por meio da *internet*, não raramente vêm inundando a sociedade com conteúdos pseudo-historiográficos, muitas vezes, utilizados de má-fé. Parafraçando Anita Luchesi, Pedro Telles da Silveira e Thiago Lima Nicodemo – quando levantaram a voz contra o pessimismo que estabelecia uma certa crise das humanidades na atualidade –, eu diria que a presença do historiador nas redes sociais “nunca foi tão útil” (Luchesi et al., 2020). Canais do YouTube como o *Manual do Mundo*, *Nerdologia* e *Ciência Todo Dia* se tornaram verdadeiros fenômenos de público na *internet*, destacando-se na produção de conteúdos que podem servir ao professor ou tutor como auxílio na sua interação com os estudantes, afinal, recursos audiovisuais que prendem a atenção do telespectador têm grande chance de aumentar a motivação. É essencial sempre reforçar a importância do professor nas tomadas de decisões sobre o processo de uso do vídeo em sala de aula. Como explicam Agnaldo Arroio, Manuela Lustosa Diniz e Marcelo Giordan:

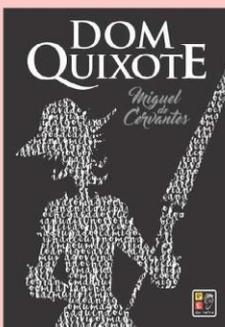
“um vídeo, um filme ou programa de televisão, não pode por si só gerar conhecimento, nem mudanças de comportamento nos alunos, não substituem nem o texto escrito e muito menos o papel do professor como orientador dos processos de aprendizagem” (Arroio et al., 2005, p.5).

ALGUMAS SUGESTÕES DE ADAPTAÇÕES DE DOM QUIXOTE



VOLTAR AO SUMÁRIO

Há uma infinidade de adaptações do romance *Dom Quixote* disponíveis no mercado. As adaptações para leitores iniciantes adultos e para crianças têm grande importância para que as novas gerações tenham acesso a essa história clássica e fundadora do romance moderno. Além disso, as adaptações proporcionam diferentes interpretações e visões criativas da obra, enriquecendo o entendimento do texto original e sua relevância cultural ao longo do tempo. Aqui selecionamos algumas adaptações surgidas nos últimos anos, que podem servir para a elaboração de uma aula.



Editora: Editora Pé da Letra
ISBN: 9788595200852
Ano da Edição: 2018
Páginas: 239
Idioma: Português
Origem: Brasil
Capa: Brochura
Autores: Miguel de Cervantes Saavedra
Adaptação: Marcelo Montoza
Ilustrações: Não contém

A obra criada por Miguel de Cervantes é considerada por muitos especialistas como a narrativa de ficção mais importante de todos os tempos. Esta publicação da Pé da Letra oferece ao leitor a oportunidade de entrar em contato com a engenhosidade de uma obra-prima da literatura universal. Por meio de uma linguagem acessível, é possível acompanhar, ao lado dos eternos Dom Quixote e Sancho Pança, algumas das aventuras mais famosas da história da literatura.

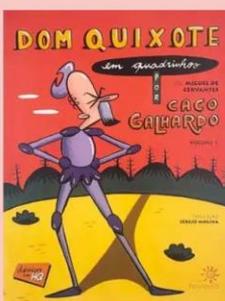
Texto divulgação: Editora Pé da Letra



Editora: Editora Escarlate
ISBN: 978-65-8772-403-4
Ano da Edição: 2021
Páginas: 128
Idioma: Português
Origem: Brasil
Capa: Brochura
Autores: Miguel de Cervantes Saavedra
Adaptação: Luciana Sandroni
Ilustrações: Ana Matsusaki

O fidalgo Alonso Quixano possuía uma fazenda em Mancha, na Espanha, mas a estância ia de mal a pior, porque o nobre não tinha nenhuma disposição para trabalhar nela. Tudo o que ele queria era ler novelas antigas de cavalaria, ocupação a que se dedicava sem parar - com muita paixão. Um dia, imaginou que podia ser ele mesmo um cavaleiro andante. Assim, Quixano se transforma em Dom Quixote e deixa sua casa em busca de aventuras, mesmo onde elas não existem. Luciana Sandroni adapta este que é considerado o primeiro romance moderno. Engraçado, irreverente e tocante, apresenta ao jovem leitor, com projeto gráfico e ilustrações de Ana Matsusaki, esse personagem icônico, "quixotesco", que se tornou sinônimo dos que lutam por um ideal, mesmo que inalcançável.

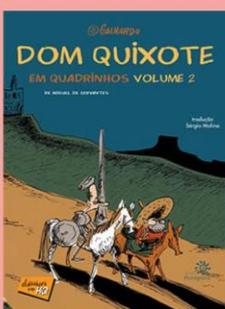
Texto divulgação: Editora Companhia das Letras



Editora: Editora Peirópolis
ISBN: 978-85-7596-028-8
Ano da Edição: 2005
Páginas: 48
Idioma: Português
Origem: Brasil
Capa: Brochura
Autores: Miguel de Cervantes Saavedra
Adaptação: Caco Galhardo
Ilustrações: Caco Galhardo

Primeiro volume da adaptação bem-humorada de Caco Galhardo, aqui o leitor poderá visitar as passagens mais significativas do clássico de Cervantes, desde as reflexões iniciais que remetem à transformação do pacato fidalgo no visionário cavaleiro andante, herói cujas aventuras atravessaram os séculos, até as grandes batalhas, com destaque para a famosa luta com os moinhos de vento, que ocupa dez páginas desta adaptação em HQ.

Texto divulgação: Editora Peirópolis



Editora: Editora Peirópolis
ISBN: 978-85-7596-312-8
Ano da Edição: 2013
Páginas: 64
Idioma: Português
Origem: Brasil
Capa: Brochura
Autores: Miguel de Cervantes Saavedra
Adaptação: Caco Galhardo
Ilustrações: Caco Galhardo

Nesse segundo volume da versão em quadrinhos da obra de Cervantes, D. Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, sai novamente para conquistar o mundo ao lado de seu escudeiro, o fiel Sancho Pança. Juntos, enfrentam leões selvagens, grutas fantasmagóricas, cavaleiros misteriosos e o sarcasmo das pessoas, em uma obra de humor e lirismo, criada pelo talentoso Caco Galhardo. Essa obra foi vencedora do prêmio Jabuti em 2014.

Texto divulgação: Editora Peirópolis



Adaptações do Quixote para as telas

O romance *Dom Quixote*, assim como todo clássico, já mexeu com a cabeça de vários cineastas desde que o cinema surgiu. A primeira adaptação conhecida para as telas foi produzida em 1898 pela produtora francesa *Gaumont*, conhecida por ser a primeira companhia de cinema do mundo. Esse filme se perdeu, assim como muitos produzidos no final do século XIX. Segundo João Eduardo Hidalgo, há mais de 30 adaptações conhecidas de *Dom Quixote*; sobre algumas delas, só restaram seus registros de produção. Apesar de haver adaptações cinematográficas do romance aclamadas pela crítica, essa empreitada nunca pareceu ser tarefa fácil. A crítica sempre recepciona uma nova produção de *Dom Quixote* com desconfiança, pois já é sabido que a transposição da história do velho Manchego para as telonas encontra alguns percalços, como aponta Maria Augusta Vieira, em entrevista para o portal *UOL* em 2019: “A obra original indaga o leitor, levanta questões e nos faz mergulhar profundamente na problemática dos personagens. É assim que o livro funciona e não poderia ser de outra maneira. O que interessa está além do que é contato, está na forma, e isso acaba empobrecendo muitas reproduções”. A despeito dessa dificuldade técnica, é possível se divertir com algumas produções clássicas ou mesmo *underground* que estão acessíveis nos serviços de *streaming* ou no *YouTube*. Seleccionamos aqui algumas delas. Divirtam-se.

Fontes:

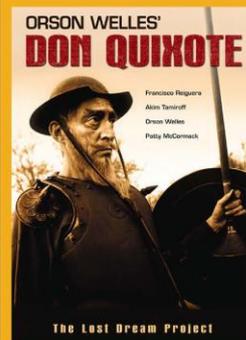
HIDALGO, J.E.. Adaptações de Dom Quixote para o cinema. Revista Re-produção. São Paulo: Ed. Unesp, 2016, p.176-177. Disponível em: <<https://www.casaguilhermealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=73>> Acesso em: 20 de Jul. 2024.

RODRIGUES, L.. Por que é tão difícil adaptar a história de “Dom Quixote” para o cinema? *UOL*, 29/05/2019. Filmes. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/29/por-que-e-tao-dificil-adaptar-dom-quixote-para-a-tv-e-o-cinema.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 20 jul. 2024.



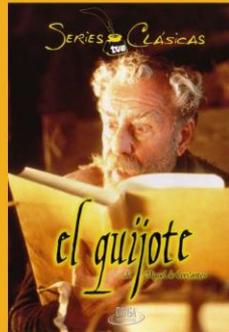
O Homem de La Mancha (1972)

O Homem de La Mancha é uma comédia romântica musical de produção italiana e estadunidense de 1972. Foi dirigida por Arthur Hiller, com roteiro de Dale Wasserman, baseado em sua peça teatral *O Homem de La Mancha*. O filme foi escolhido como um dos dez melhores de 1972 pelo *National Board of Review*. Em seu elenco, temos Peter O’Toole como Dom Quixote de La Mancha (Alonso Quijana), Sophia Loren como Dulcinéia (Aldonza) e James Coco no papel de Sancho Pança.



Don Quixote (1955/1992)

Don Quixote é um projeto inacabado escrito e dirigido por Orson Welles. O filme começou a ser gravado entre 1955 e 1957 e foi retomado em 1972. Welles continuou trabalhando no filme ininterruptamente até sua morte em 1985. Ele foi então editado e finalizado em 1992, por Jesús Franco, e foi lançado em 1992. O filme é todo em preto e branco. Seu elenco conta com Francisco Reiguera no papel de Dom Quixote e Akim Tamiroff como Sancho Panza. Welles também emprestou sua voz como narrador do filme.



El Quijote (1992)

El Quijote é uma mini-série televisiva espanhola produzida por Emiliano Piedra para a *Televisión Española*. Foi dirigida por Manuel Gutiérrez Aragón. Seu elenco conta com Fernando Rey como Don Quixote e Alfredo Landa como Sancho Pança. Foram produzidos 5 episódios adaptando a primeira parte do romance.



Don Quixote (2000)

Don Quixote foi feito para a TV. Sua direção ficou a cargo de Peter Yates. No elenco, temos John Lithgow como Dom Quixote e Bob Hoskins como Sancho Pança. O filme conta ainda com Isabella Rossellini no papel de uma duquesa e Vanessa Williams como Dulcinea.



O homem que matou Don Quixote (2018)

O Homem que matou Don Quixote é uma comédia que mistura aventura e fantasia, escrita por Terry Gilliam e Tony Grisoni e dirigida pelo próprio Gilliam. O elenco conta com José Luis Ferrer como Don Quixote e Ismael Fritschi como Sancho Pança. Assim como aconteceu com o filme de Orson Welles, a produção deste filme enfrentou sérias interrupções e só foi concluída após 30 anos de persistência por parte do diretor.



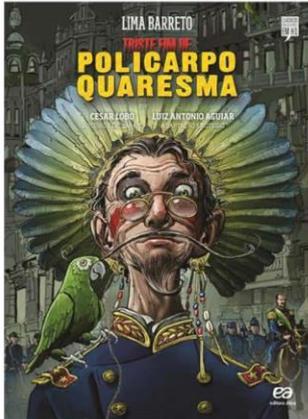
The true Don Quixote (2019)

The true Don Quixote é uma comédia dirigida por Chris Poche. Conta a história de um ex-livreiro desempregado que, desgostoso com a vida, começa a imaginar que é Dom Quixote e convence um jovem rapaz chamado Kevin para se juntar a ele em sua jornada. O filme pode ser uma boa escolha para o público jovem. O elenco conta com Tim Blake Nelson como Dom Quixote e Jacob Batalon como Sancho Pança.

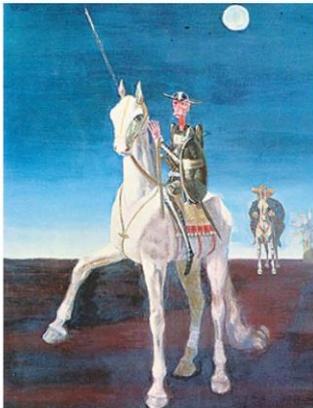
◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

Manifestações de Dom Quixote em terras brasileiras

Vejamos alguns exemplos de adaptações e releituras de *Dom Quixote* no Brasil. Essas diversas expressões culturais podem servir de incentivo para abordar o tema em sala de aula.



Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), Lima Barreto cria um personagem que possui traços nitidamente quixotescos. Policarpo Quaresma se tornou uma caricatura de um tipo específico de nacionalista exacerbado, o que causou vários percalços na trajetória do protagonista. Este é um clássico da literatura brasileira, geralmente nas listas dos principais vestibulares do país.



Em 1956, o pintor Candido Portinari fez vários esboços em lápis de cor de alguns episódios emblemáticos de *Dom Quixote*. Portinari foi incumbido de ilustrar um livro que contaria com poemas de Carlos Drummond de Andrade, obra que hoje é considerada uma raridade entre os livreiros.



Em 1969, a banda *Os Mutantes*, que contava com Rita Lee nos vocais, lançava seu segundo álbum, intitulado simplesmente de *Os Mutantes*. A música de abertura, *Dom Quixote*, trazia uma letra que fazia referência ao moinho de vento como metáfora para a vida. A vida é descrita como uma busca impossível, um caminho cheio de ilusões e desilusões.



Em 2003, o grupo gaúcho de pop rock *Engenheiros do Hawaii* lançou o álbum *Dançando em um campo minado* com a música *Dom Quixote*. Nessa canção, a banda faz

VOLTAR AO SUMÁRIO

uma reflexão sobre a individualidade e a persistência em meio a um mundo que muitas vezes não valoriza essas qualidades. O narrador da música se apresenta da seguinte maneira: “Prazer, meu nome é otário”, alguém que, apesar de ser visto como ingênuo ou deslocado (‘Peixe fora d’água’), mantém-se fiel às suas convicções e paixões (‘Por amor às causas perdidas’).



O rapper Djonga lançou em 2022 uma canção intitulada *Dom Quixote*. Na letra, ele reflete sobre a autenticidade e o valor da arte, especialmente no contexto do rap. Djonga repete diversas vezes o refrão “Essas rimas que não vendem mais”, uma frase que pode ser interpretada como uma crítica à comercialização da música e sua convivência com uma estrutura que prioriza o sucesso comercial.



Em 2010, através do samba-enredo *Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro dos sonhos impossíveis*, a escola de samba *União da Ilha do Governador*, no Rio de Janeiro, levou à avenida a figura do cavaleiro de La Mancha.



Em 2016, através do samba-enredo *O Brasil de la Mancha*, desenvolvido pelo carnavalesco Alexandre Louzada, a escola de samba *Mocidade Independente* levou o cavaleiro andante para a avenida.

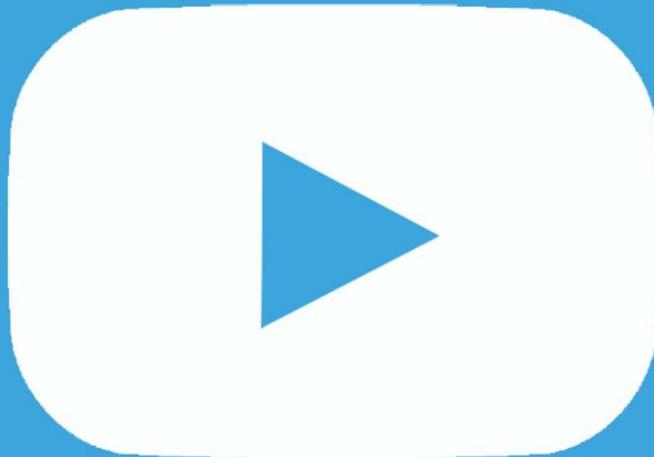


A companhia *CIAUM* tem uma peça intitulada *Dom Quixote*. Uma gravação feita no SESC São Paulo, disponível no *YouTube* desde 2019, já atingiu

mais de 40.000 visualizações. Essa peça, dirigida por Rodrigo Audi, revisita a loucura de Quixote, narrando a história de um homem, interno de um hospício e aficionado por livros, que decide tornar-se um cavaleiro andante sob a alcunha de *Dom Quixote*, com o propósito de ajudar as pessoas a vencerem as opressões do mundo. Nessa adaptação, o protagonista terá a companhia de seu fiel enfermeiro, Sancho Pança.



Clique aqui
**PARA ASSISTIR
AO VÍDEO**



EXOTE REE

PASSO A PASSO 1

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO



PASSO A
PASSO

Video 1

introdução



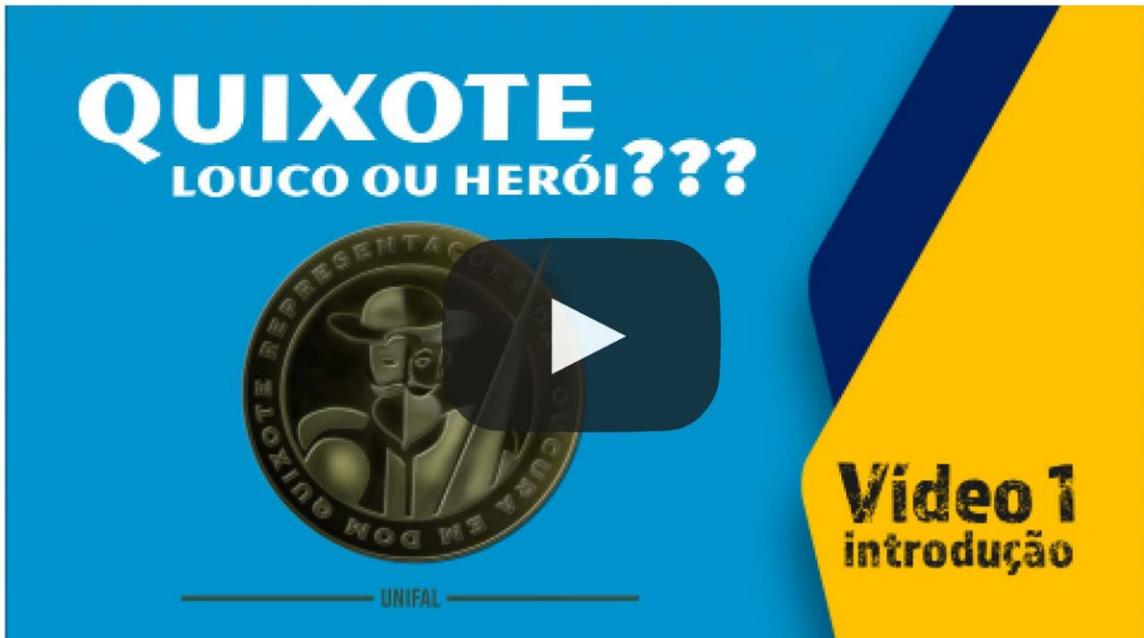


Imagem: Composição: André Ribeiro

TEXTO REFLEXIVO: O OBJETO DE APRENDIZAGEM DENTRO DE UMA PERSPECTIVA PÚBLICA

Julgamos que a escolha da produção de vídeos de curta duração atende não só a uma conveniência tecnológica, já que hoje em dia temos ferramentas muito eficazes de produção de vídeos, como também à receptividade de nosso público-alvo (jovens alunos dos últimos anos do Ensino Médio), que consome cada vez mais conteúdo desse tipo.

Nosso tema é "As Representações da Loucura em Dom Quixote: Uma proposta didática". Trata-se da análise de parte de uma obra literária do século XVII. Mas que tipo de contribuição essa obra poderia oferecer à sociedade atual, sob a perspectiva da História Cultural? Primeiramente, não estamos lidando com um romance comum. Estamos falando da criação de um modelo de loucura hoje bem difundido no Ocidente: o sonhador solitário que perde o juízo após se empanturrar de má literatura.

Essa loucura, personificada pelo velho Dom Quixote, não é a mesma que assola os defensores de golpes de Estado nos dias de hoje, que baseiam suas crenças em posts de *WhatsApp*? Mas, a questão que devemos levantar é: até que ponto defender pautas anacrônicas pode ser considerado loucura? Afinal, é do feitio popular do brasileiro exaltar tempos pretéritos como forma de criticar o tempo presente, que não funciona mais como antes. Avós dizendo que, nos tempos da ditadura, tudo era mais justo e não havia a quantidade de crimes que vemos hoje em dia; políticos usando descaradamente discursos e estética nazistas no horário público do governo federal; pessoas cantando o hino nacional para um pneu de caminhão e evocando algum tipo de ajuda extraterrestre usando a luz do celular como comunicador; e, ainda, pessoas invadindo instituições públicas, depredando e defecando em patrimônio público em nome da moral e dos bons costumes.

Esses são apenas alguns exemplos, ainda frescos em nossa memória, que podem nos ajudar a refletir sobre as representações da loucura ao longo da História. Esse tipo de comportamento, que em uma época era considerado loucura, foi em outra visto como patriotismo heroico por uma boa parcela da população. Ao partir do contemporâneo, podemos inculcar nos alunos ou telespectadores — especialmente pensando em conteúdo para redes sociais — a noção de que a loucura é uma construção histórica que se modifica com o passar dos anos, ao mesmo tempo em que preserva certas permanências, tornando-se um conceito difícil de delimitar.

QUIZ

OBJETIVOS:

- ✓ Criar um vínculo entre o conteúdo e o estudante
- ✓ Avaliar o conhecimento prévio do aluno
- ✓ Avaliar o interesse e a motivação do aluno sobre o tema



Unifaf PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

1 Nesta atividade de PRIMEIROS PASSOS, vamos trabalhar com os alunos o conceito de HEROÍSMO. Para isso, utilizaremos um quiz com perguntas de múltipla escolha sobre frases ditas por personagens de ficção, dentre eles alguns super-heróis dos quadrinhos e o nosso cavaleiro D. Quixote.

Adivinhe quem disse essa frase...

“*Todos os dias me levanto sabendo que quanto mais pessoas eu salvar, mais inimigos eu farei.*”

PETER PARKER (HOMEM-ARANHA)
 CLARK KENT (SUPER-HOMEM)
 ALONSO QUIJANO (DOM QUIXOTE)

Unifaf PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

2 No primeiro slide temos a seguinte frase: “Todos os dias me levanto sabendo que quanto mais pessoas eu salvar, mais inimigos eu farei.” Nas opções temos Peter Parker (Homem-aranha), Clark Kent (Super Homem) e Alonso Quijano (Dom Quixote). O objetivo é, além de criar uma competitividade segura, causar uma certa estranheza no aluno com a presença de D. Quixote em meio a dois personagens contemporâneos dos quadrinhos.

Adivinhe quem disse essa frase...

“*Você quer ser excelente? Verdaderamente excelente no que faz? Então seja excelente todos os dias, em todas as partes da sua vida. É isso que as melhores pessoas fazem.*”

CAROL SUSAN JANE DANVERS (CAPITÃ MARVEL)
 BRUCE WAYNE (BATMAN)
 ALONSO QUIJANO (DOM QUIXOTE)

Unifaf PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

3 Na segunda pergunta temos a frase: “Você quer ser excelente? Verdaderamente excelente no que faz? Então, seja excelente todos os dias, em todas as partes da sua vida. É isso que as melhores pessoas fazem.” O professor pode explorar a frase e discutir com os alunos pedindo que defendam seus pontos de vista.

Adivinhe quem disse essa frase...

“*As minhas leis são desfazer os erros, prover o bem e evitar o mal. Eu fugi da vida fácil, da ambição e da hipocrisia, e busco para minha própria glória o caminho mais estreito e difícil. Isso é ser tolo e ingênuo?*”

DON DIEGO DE LA VEGA (ZORRO)
 CLARK KENT (SUPER-HOMEM)
 ALONSO QUIJANO (DOM QUIXOTE)

Unifaf PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

4 Na terceira pergunta, temos a seguinte frase: “As minhas leis são desfazer os erros, prover o bem e evitar o mal. Eu fugi da vida fácil, da ambição e da hipocrisia, e busco para minha própria glória o caminho mais estreito e difícil. Isso é ser tolo e ingênuo?” Aqui temos uma frase famosa de D. Quixote e será interessante explorá-la com os alunos e pedir para que eles produzam argumentos contra e a favor dela.

Adivinhe quem disse essa frase...

“*Se alguém precisa de ajuda e você pode ajudar, tem a obrigação de fazer isso.*”

PETER PARKER (HOMEM-ARANHA)
 CLARK KENT (SUPER-HOMEM)
 ALONSO QUIJANO (DOM QUIXOTE)

Unifaf PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

5 Na quarta pergunta temos a frase: “Se alguém precisa de ajuda e você pode ajudar, tem a obrigação de fazer isso.” Para finalizar o quiz, pergunte aos alunos que tipos de personagens foram mencionados no quiz. Incentive as discussões entre eles.

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA - REFLEXÃO

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO



Dom Quixote (1605), de Miguel de Cervantes (1547-1616), é uma obra ficcional cujo protagonista, que dá título ao romance, é um homem de idade avançada para a época, que enlouquece após ler demasiados livros de cavalaria, muito populares durante aquele período.

As figuras caricatas de Dom Quixote e seu fiel escudeiro, Sancho Pança, sobreviveram até nossos dias como a representação de um sonhador antissistema, e, mesmo em uma época tão distante da Espanha do século XVII, não é impossível fazer tal leitura. Mas, o que os contemporâneos de Cervantes pensavam dessa figura? Até que ponto a loucura como recurso literário representava uma crítica àquela sociedade?

Entender a recepção do romance na época de sua publicação nos ajuda a evitar o anacronismo, um erro comum nas análises literárias de obras clássicas reinterpretadas à luz da atualidade. Como afirma José D'Assunção Barros, o historiador, por não ser contemporâneo da obra ou do processo que analisa, "precisa trazer em seu texto aquilo que torna viva essa época, que permite rerepresentá-la quando ela não está mais presente (representá-la, literalmente)" (Barros,

2017). Devemos, portanto, trazer para os olhos atuais o que a loucura de Quixote representava para aqueles que leram o romance dentro do contexto de sua época.

Barros também nos elucida sobre a necessidade de atuarmos de forma interdisciplinar. Se considerarmos outros tipos de espaço, como o "imaginário" ou o "literário", outras áreas do conhecimento, como a semiótica, a psicanálise ou a crítica literária, podem ser de grande valia para o historiador (Barros, 2006).

Se pensarmos que a produção de *Dom Quixote* está ligada a uma visão particular da realidade em um território e período específicos, devemos considerar que o texto ficcional representa uma entre muitas narrativas possíveis. Nosso objetivo nesta atividade é elucidar essa narrativa, confrontando-a com o seu período histórico. Como destaca Roger Chartier, as obras:

"São investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre formas e motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam" (Chartier, 2002, p. 93).

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

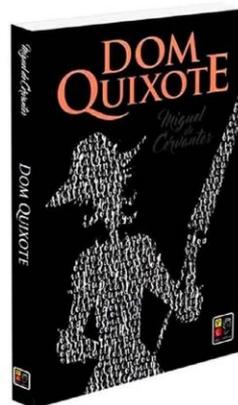
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE LINGUAGEM ACESSÍVEL

Um vídeo de *YouTube*, por si só, não é exatamente um objeto de aprendizagem. No entanto, ele pode tomar essa forma ao ser introduzido no planejamento do professor como ingrediente didático. Segundo Circe Bittencourt,

“Contos, lendas, filmes de ficção ou documentários televisivos, músicas, poemas, pinturas, artigos de jornal ou revistas, leis, cartas, romances são documentos produzidos para um público bastante amplo que, por intermédio do professor e seu método, se transformam em materiais didáticos.” (Bittencourt, 2008, 297)

No caso da nossa proposta didática, temos um romance do século XVII como fonte de estudo primordial. Por isso, devemos prestar atenção aos desafios relacionados à linguagem e aos tópicos abordados. Afinal, nossa intenção não é tornar a compreensão dos estudantes mais difícil, mas, como ressalta Circe Bittencourt, ao utilizar um documento em uma aula de História, o objetivo “é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais.” (Bittencourt, 2008, p. 330)

Considerando que nosso objetivo com a produção dos vídeos é servir de atalho para instigar os alunos a lerem o romance, seria interessante utilizar uma das várias adaptações do romance, que tenha uma linguagem mais acessível para alunos adolescentes. Indicamos a adaptação de Marcelo Montoza, publicada pela *Editora Pé da Letra* em 2018, como uma opção, pois a linguagem é acessível aos nossos tempos, e o livro foi reduzido a apenas 240 páginas, um tamanho interessante para alunos acostumados com romances comerciais.



Editora: Editora Pé da Letra
 ISBN: 9788595200852
 Ano da Edição: 2018
 Páginas: 239
 Idioma: Português
 Origem: Brasil
 Capa: Brochura
 Autores: Miguel de Cervantes Saavedra
 Adaptação: Marcelo Montoza
 Ilustrações: Não contém

PASSO A PASSO



ANTES DE ASSISTIR



OBJETIVOS:

- ✓ Introdução à Figura de Dom Quixote; livros de cavalaria e a loucura de Dom Quixote;
- ✓ Entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno;
- ✓ Anacronismo e Comparações Modernas.

1 Discussão! O que as palavras a seguir representam para você? Você as usa frequentemente?

2 Desafio! Em grupos ou duplas, escreva um parágrafo contendo todas as palavras ao lado:

Regras:

- Cada grupo ou dupla deve apresentar um texto, apenas.
- Cada palavra deve aparecer ao menos uma vez no seu texto.
- As palavras podem ser usadas em qualquer ordem.

Romance
Quixotesco
Exótico
Juízo
Clássico

1 Na atividade “Discussão”, os alunos deverão dizer o que cada uma das palavras apresentadas representa para eles, e se eles usam essas palavras recorrentemente. O objetivo é mapear o conhecimento prévio de seus alunos. Isso servirá de *feedback* para as próximas atividades. Depois, na atividade “Desafio!” Eles devem usar as palavras em contexto, além de serem inseridos em um desafio.

3 Minha Experiência

O que você sabe sobre Dom Quixote de La Mancha?

Qual foi a primeira vez em que você ouviu falar esse nome?

Em que situação podemos usar o adjetivo “quixotesco”?

2 Nessa atividade, “MINHA EXPERIÊNCIA”, os alunos serão questionados sobre a obra que irão estudar durante as aulas. O objetivo, assim como no primeiro Slide, é entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno. É importante se atentar para o que eles respondem, pois essa informação será muito importante para a sua atuação nas próximas atividades.

ENQUANTO ASSISTE O VÍDEO



OBJETIVOS:

- ✓ Motivar o aluno
- ✓ Despertar curiosidade

VAMOS VER UM VÍDEO

SOBRE DOM QUIXOTE

3 Introduza o vídeo. Diga aos alunos que irão ver um vídeo de curta duração sobre o personagem Dom Quixote de La Mancha.

ENQUANTO ASSISTE

Tome notas sobre as principais características de Dom Quixote.

4 Passe o vídeo sem interrupções. Peça para os alunos fazerem anotações sobre as principais características de Dom Quixote, pois nas próximas atividades eles serão questionados sobre o que entenderam a respeito do vídeo.

DEPOIS DE ASSISTIR



OBJETIVOS:

- Refletir sobre o vídeo.
- Explorar o conhecimento prévio do aluno.
- Inculcar a capacidade de opinar.

5 DEPOIS DE ASSISTIR

- Quem é Dom Quixote?
- Quais adjetivos você usaria para descrever Dom Quixote?
- Você ou alguém que você conhece tem alguma obsessão por algo, assim como Dom Quixote tinha por ler livros de cavalaria? Dê exemplos.
- Em sua opinião, Dom Quixote é uma figura heroica ou ridícula? Explique.



Unifal PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BÉRCIA
Mestrado Profissional

5 Na atividade “DEPOIS DE ASSISTIR”, o professor deverá criar uma atmosfera contagiante e motivadora para que eles possam refletir e dar suas opiniões sobre o que entenderam do que foi explicado no vídeo.

6 Debate

a
Defenda Dom Quixote: Reúna-se com seu grupo e escreva bons argumentos para defender a figura de Dom Quixote exaltando suas virtudes como um herói de seu tempo.

b
Defenda que Dom Quixote era um homem insensato: Reúna-se com o seu grupo e escreva bons argumentos para expor a insensatez de Dom Quixote e demonstre como ele estava longe de ser considerado um herói de seu tempo.



Unifal PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BÉRCIA
Mestrado Profissional

6 Nessa atividade de “DEBATE”, os alunos serão instigados a criar argumentos contra e a favor de um tema proposto. Nesse caso, o debate será sobre a possível insensatez de Dom Quixote em contraste com a sensatez. Mesmo que os alunos discordem do restante de seu grupo, o professor deverá explicar que esse é um exercício de convencimento. Para você defender de forma eficaz uma ideia, é importante que você conheça os argumentos contrários aos seus.

REFLEXÃO

Em grupos



Unifal PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BÉRCIA
Mestrado Profissional

7 Essa atividade visa aguçar o senso crítico do aluno por meio de questionamentos genéricos sobre os temas abordados até o momento. O professor deverá conduzir um bate-papo sobre o tema e isso lhe dará informações importantes sobre o andamento das próximas aulas.

REFLEXÃO

Questão

1
Quais elementos do passado você gostaria que permanecesse em nossa época? Explique...



Em grupos



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BÉRCIA
Mestrado Profissional

8 “Quais elementos do passado você gostaria que permanecessem em nossa época? Explique...”
O objetivo dessa questão é identificar como os seus alunos entendem as noções de conservadorismo e progressismo. Todos já ouvimos de nossos avós e pais que, “no meu tempo era melhor” ou coisa do tipo. A ideia aqui é notar se seus alunos são mais conservadores ou não. É IMPORTANTE EVITAR POLÊMICAS DESNECESSÁRIAS!

REFLEXÃO

Questão

2
Descreva três teorias da conspiração e responda porque há pessoas que acreditam nelas:



Em grupos



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BÉRCIA
Mestrado Profissional

9 “Descreva três teorias da conspiração e responda porque há pessoas que acreditam nelas...”
O intuito dessa pergunta é checar o quão eles estão propensos a cair em notícias falsas e posteriormente relacionar essa questão com as crenças fixas de Dom Quixote.

PASSO A PASSO



REFLEXÃO

3

Em grupos

Como você chamaria uma pessoa que levanta uma bandeira em prol de uma causa que você julga impossível de ser alcançada? Escolha abaixo um adjetivo e explique por que o escolheu.

a) Ingênuo (a)
 b) Ignorante
 c) Herói ou heroína
 d) Sábio (a)
 e) Louco (a)

10 “Como você chamaria uma pessoa que levanta uma bandeira em prol de uma causa que você julga impossível de ser alcançada? Escolha abaixo um adjetivo e explique por que o escolheu.” Essa pergunta visa entrar em contato, pela primeira vez, com as representações da loucura internalizadas por seus alunos. Dependendo de suas escolhas, você saberá o grau de estereotipização que seus alunos reproduzem.

SUGESTÕES DE TAREFAS



OBJETIVOS:

- ✓ Estimular a criatividade dos estudantes
- ✓ Incentivar a autonomia dos estudantes



11 Em “TAREFAS”, o professor será apresentado a algumas opções de “dever de casa” para oferecer aos alunos. Essas sugestões, é claro, só serão possíveis de serem realizadas se o professor dispor de recursos tecnológicos em sua escola. Por isso, colocamos algumas opções que não necessitam do uso de tecnologias digitais.

TAREFA 1

Leitura do Romance

Iremos ler os cinco primeiros capítulos do Romance Dom Quixote de Miguel de Cervantes. Para isso usaremos uma versão adaptada da editora “Pé da Letra”. Nessa edição cada capítulo tem entre 2 e 3 páginas. Vocês serão divididos em 5 grupos e cada grupo ficará responsável por apresentar um dos capítulos aos colegas. Caso queiram ler todo o romance, fiquem a vontade, pois essa adaptação tem apenas 240 páginas.

Apresentação oral

Como será a apresentação?
A apresentação será oral. Nos reuniremos em círculo e eu farei perguntas aos membros de cada grupo, de forma aleatória. As perguntas se organizarão conforme os acontecimentos narrados nos respectivos capítulos. Ao final das apresentações todos saberão o que ocorreu nesses 5 capítulos.

12 A primeira opção de tarefa, “TAREFA 1”, consiste em pedir aos alunos para lerem os cinco primeiros capítulos de Dom Quixote. Para não sobrecarregá-los, divida-os em 5 grupos, onde cada grupo será responsável pela leitura de um dos capítulos. É uma forma de incentivar a leitura. Há uma versão adaptada lançada pela editora “Pé da letra” que pode ser um ótimo contato inicial.

TAREFA 2

Leitura do Romance

Iremos ler os cinco primeiros capítulos do Romance Dom Quixote de Miguel de Cervantes. Para isso usaremos uma versão adaptada da editora “Pé da Letra”. Nessa edição cada capítulo tem entre 2 e 3 páginas. Vocês serão divididos em 5 grupos e cada grupo ficará responsável por apresentar um dos capítulos aos colegas. Caso queiram ler todo o romance, fiquem a vontade, pois essa adaptação tem apenas 240 páginas.

vídeo entrevista

Como será a apresentação?
O grupo se reunirá para gravar um vídeo sobre o capítulo que ficou responsáveis de ler. O vídeo deverá ter entre 2 e 6 minutos. O vídeo deverá ter o formato de entrevista. Um dos membros do grupo ficará responsável por fazer perguntas referentes ao capítulo que leu enquanto os outros deverão responder. Todos os alunos do grupo devem participar ou como entrevistadores ou como entrevistados.

13 A segunda opção de tarefa, “TAREFA 2”, consiste em usar a mesma premissa da tarefa anterior, no entanto, dessa vez, os alunos deverão criar um vídeo. Divida-os em grupos. O grupo se reunirá para gravar um vídeo sobre o capítulo ao qual ficaram responsáveis de ler. O vídeo deverá ter entre 2 e 6 minutos. Deverá ter o formato de entrevista. Um dos membros do grupo ficará responsável por fazer perguntas referentes ao capítulo que leu enquanto os outros deverão responder. Todos os alunos do grupo devem participar ou como entrevistadores ou como entrevistados.

TAREFA 3

Assista o vídeo

Como é explicado no vídeo, o anacronismo, no campo da História é um erro, mas, como um exercício reflexivo é possível usar nossa imaginação para refletir sobre o que poderia acontecer com esse personagem caso ele vivesse nos dias de hoje. Assista o vídeo novamente e baseado nele, escreva um texto de no mínimo 3 parágrafos, descrevendo o que poderia ter ocorrido com Dom Quixote após sua saída em busca de ser um cavaleiro andante, caso ele fosse um personagem do nosso tempo. A atividade é individual e você deverá ler o seu texto na aula marcada pelo professor.

Ver o vídeo e escrever

Como será a apresentação?

Como se trata de um texto de opinião, não há certo ou errado a priori, a sua avaliação vai considerar sua participação na sala de aula ao ler seu texto para refletirmos sobre como a ficção pode ser usada para refletir sobre a vida real.

14 A terceira opção de tarefa, “TAREFA 3”, consiste em usar a mesma premissa das tarefas anteriores, no entanto, aqui o aluno deverá compreender o conceito de “anacronismo”. Conforme explicado no vídeo, o anacronismo, no campo da História, se trata de um erro, mas, como um exercício reflexivo, é possível usar nossa imaginação para refletir sobre o que poderia acontecer com esse personagem caso ele vivesse atualmente. Assista ao vídeo novamente e, baseado nele, escreva um texto de no mínimo 3 parágrafos, descrevendo o que poderia ter ocorrido com Dom Quixote após sua saída em busca de ser um cavaleiro andante, caso ele fosse um personagem do s nossos tempos. A atividade é individual e o aluno deverá ler seu texto na aula marcada pelo professor.

Apresentação oral 1

vídeo entrevista 2

Ver o vídeo e escrever 3

Qual a melhor opção para você?

15 O professor pode eleger a tarefa que melhor se adequar à sala em que estiver aplicando a aula. Outra opção é mesclar as três tarefas com grupos diferentes, dividindo os alunos com mais vocação para uma determinada atividade. Ou até mesmo criar outra tarefa que o próprio professor queira aplicar por notar alguma necessidade específica daquele grupo de alunos. Outra opção seria mostrar o slide para os alunos e deixar que eles próprios escolham suas tarefas.

UMA REFLEXÃO SOBRE AS TAREFAS SUGERIDAS

Nosso objetivo com a produção dos vídeos é despertar o interesse dos alunos pela leitura de Dom Quixote; para tal, é essencial introduzir o romance desde a primeira etapa de nossa aplicação didática. No entanto, entendemos que a realidade dos estudantes do Ensino Médio no Brasil nem sempre favorece a leitura de clássicos. Durante nossa experiência em sala de aula, observamos que, embora alguns alunos sejam apaixonados por livros, geralmente voltados ao público adolescente, esses são exceções.

A maioria dos estudantes não tem o hábito de ler, e quando o fazem, é geralmente para cumprir exigências escolares. Portanto, seria imprudente apresentar *Dom Quixote de La Mancha* em sua versão completa, que, em algumas edições, ultrapassa as mil páginas. Isso poderia ser visto como uma tortura, até mesmo para aqueles que têm a leitura como passatempo. Para tornar a introdução ao *Dom Quixote* mais agradável, podemos utilizar adaptações contemporâneas, que servirão como um convite para uma leitura mais aprofundada do romance no futuro.

Há diversas edições disponíveis no mercado, e uma sugestão seria que os alunos lessem os cinco primeiros capítulos, que narram a primeira aventura de Dom Quixote. Propomos dividir os alunos em cinco grupos, com cada grupo responsável por um capítulo específico. A ideia é que eles gravem um vídeo no formato de uma entrevista, discutindo o capítulo lido. Isso garantirá que todos participem da leitura e se envolvam com o texto. Como incentivo para continuar, podemos mencionar que nos capítulos seguintes ocorrem cenas icônicas, como a famosa luta de Dom Quixote contra os moinhos de vento, que ele acredita serem gigantes, e a entrada do fiel escudeiro, Sancho Pança, na história.

Na adaptação publicada pela *Editora Pé da Letra* em 2018, cada capítulo tem, em média, duas páginas. Isso torna a tarefa mais acessível e encorajadora para os alunos. Portanto, essa pode ser uma opção viável caso outras versões não estejam disponíveis na biblioteca da escola. Vale lembrar que essa sugestão de atividade deve considerar o tempo disponível no planejamento do professor e na instituição de ensino. Outra possibilidade seria utilizá-la como uma avaliação no final do semestre.



IMPORTANTE: Certifique-se de que os alunos compreendam a importância de tratar a loucura com sensibilidade, respeito e empatia. Explique que é fundamental evitar estereótipos e preconceitos ao abordar a questão.

A SUGESTÃO QUE OFERECEMOS É A SEGUINTE:

O professor pode propor aos alunos a leitura dos cinco primeiros capítulos do romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Para isso, sugerimos a versão adaptada publicada pela editora *Pé da Letra*. Nessa edição, cada capítulo tem entre 2 e 3 páginas. Para facilitar, o professor dividirá a turma em 5 grupos; cada um ficará responsável por apresentar um dos capítulos aos seus colegas. Motive-os a ler o romance todo, pois essa adaptação tem apenas 240 páginas. Seria uma boa preparação para uma leitura completa do romance futuramente.

Procedimento:

O grupo se reunirá para gravar um vídeo sobre o capítulo que lhe foi designado. O vídeo deve ter entre 2 e 6 minutos e seguir o formato de uma entrevista. Um dos membros do grupo ficará responsável por fazer perguntas referentes ao capítulo, enquanto os outros responderão. Todos os alunos do grupo devem participar, seja como entrevistador ou como entrevistado. Essa atividade pode ser adaptada conforme as necessidades do professor e da turma.



Photo by George Milton: <https://www.pexels.com/photo/happy-young-black-woman-setting-up-smartphone-before-shooting-podcast-6954220/>

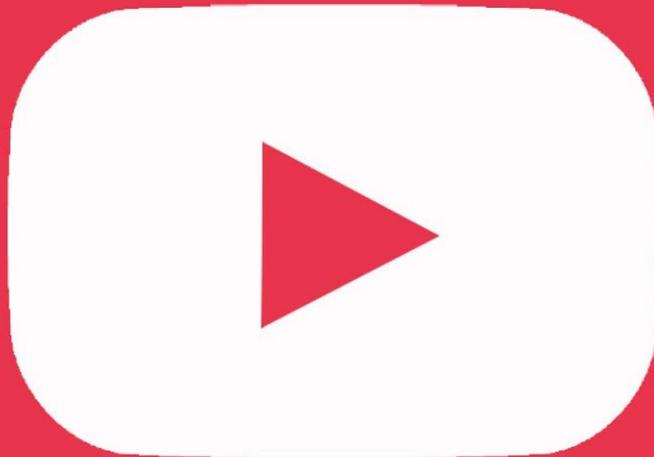
**Página intencionalmente
deixada em branco**



◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

Clique aqui

**PARA ASSISTIR
AO VÍDEO**



EXOTE REE

PASSO A PASSO 02

◀ VOLTAR AO
SUMÁRIO



PASSO 2 PASSO

Video 2 A Espanha nos tempos de Cervantes





Imagem: Composição: André Ribeiro

A ESPANHA NOS TEMPOS DE CERVANTES

Para entender as construções metafóricas subjacentes à crítica de Cervantes, é crucial examinar o contexto histórico que a originou. No século XVI, a Espanha emergiu como o maior império ultramarino da época. A nação conquistou vastos territórios não só no Novo Mundo, mas em todos os continentes, dominando rotas comerciais marítimas e anexando o império português ao seu já vasto domínio, no que ficou conhecido como "União Ibérica".

Na década de 1580, a Espanha era comparável ao que chamamos hoje de superpotência. A dinastia Habsburgo, especialmente a partir de Filipe II, articulou um projeto imperial cristão universal, inspirado por visões proféticas e messiânicas.

Enquanto a Espanha mantinha uma poderosa marinha para sustentar e expandir seu domínio, enfrentava desafios políticos e sociais significativos, como crises econômicas e conflitos religiosos. Dom Quixote surgiu nesse período de contradições e disputas ideológicas. Portanto, é importante que seus alunos finalizem essas atividades com a compreensão de que Dom Quixote é uma metáfora de seu tempo.

QUIZ

OBJETIVOS:

- ✓ Criar um vínculo entre o conteúdo e o estudante
- ✓ Avaliar o conhecimento prévio do aluno
- ✓ Avaliar o interesse e a motivação do aluno sobre o tema



1 Nesta atividade de PRIMEIROS PASSOS, vamos trabalhar com algumas informações aleatórias sobre a Espanha. Isso permitirá com que o professor avalie a compreensão dos alunos sobre a Espanha na contemporaneidade, para, a partir daí, se aprofundar nas questões históricas do país.



2 Inicie a sessão com a seguinte pergunta: "O que você sabe sobre a Espanha?" Avalie a compreensão deles e diga que irão responder a uma série de perguntas sobre a Espanha. Essa atividade, por ser um jogo, ou seja, pode ser trabalhada de forma mais lúdica, inclusive dividindo-os em dois times e dar um pequeno prêmio ao time vencedor.



3 Na primeira pergunta temos: "Quantas línguas são oficialmente reconhecidas na Espanha?" Muitos não têm a noção de que apesar de o espanhol ser a língua oficial da Espanha, há comunidades autônomas que têm suas próprias línguas. Como:

- Espanhol/Castelhano
- Valenciano
- Catalão
- Basco
- Galego
- Aranês



4 A Terceira pergunta tem mais a ver com os adolescentes que gostam de futebol, ou seja, a maioria dos meninos. Terão que responder "Qual o time de futebol mais caro do mundo?" No ano de 2024 esse time foi o Real Madrid.



5 O Objetivo dessa pergunta é revelar aos alunos que o espanhol é uma das línguas mais faladas no mundo. Isso permitirá fazê-los entender sobre o passado imperial da Espanha.

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

PASSO A PASSO



O QUE VOCÊ SABE SOBRE A ESPANHA?

QUE FRUTA É USADA PARA ATIRAR NAS PESSOAS DURANTE O MAIOR FESTIVAL DE GUERRA DE COMIDA DO MUNDO?

PRIMEIROS PASSOS

A Uvas
B Melancias
C Tomates

La Tomatina é um festival que ocorre em Buñol, Espanha, onde os participantes jogam tomates uns nos outros. Diz-se que é a maior luta alimentar do mundo.

Unifal MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

6 Uma pergunta somente sobre uma curiosidade sobre uma festa da Espanha. Trata-se de “La Tomatina,” um festival espanhol que ocorre na cidade de Buñol, onde os participantes jogam tomates uns nos outros. Diz-se que é a maior luta alimentar do mundo.

O QUE VOCÊ SABE SOBRE A ESPANHA?

POR QUAL DANÇA A ESPANHA É CONHECIDA?

PRIMEIROS PASSOS

A Salsa
B Quadrilha
C Flamenco

Unifal MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

7 Uma pergunta sobre um aspecto cultural da Espanha. Essa pergunta provavelmente seja a mais provável de eles acertarem.

O QUE VOCÊ SABE SOBRE A ESPANHA?

QUAL DAS SÉRIES ABAIXO NÃO É DA ESPANHA?

PRIMEIROS PASSOS

A **B** **C**

Unifal MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

8 Nessa pergunta os alunos deverão dizer qual das três capas de séries não foi produzida na Espanha. Partindo do pressuposto de que as séries espanholas fazem grande sucesso entre os adolescentes brasileiros, pode ser que ele consigam acertar por exclusão.

ANTES DE ASSISTIR



OBJETIVOS:

- ✓ Contextualizar historicamente a Espanha do início do século XVII.
- ✓ Investigar as representações da loucura na transição entre Idade Média e Modernidade:

PARTE 2

ANTES DE ASSISTIR

Unifal MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA
Mestrado Profissional

9 ANTES DE ASSISTIR, é a sessão onde os alunos serão preparados para assistir o vídeo. Nesse momento você poderá trabalhar com eles alguns conceitos que aparecerão no vídeo e que você julga ser de difícil entendimento para eles. Nesse caso, trabalharemos com imagens que representam algum momento histórico da Espanha. As imagens foram retiradas do próprio vídeo, sendo assim, seus alunos poderão associar aos conceitos tratados no vídeo.

VOLTAR AO SUMÁRIO

PASSO A PASSO



1 Imagens e Representações

F

O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?

Amadis de Gaula, a edição mais antiga conhecida desse romance é de 1533.

15 Nesta imagem temos uma edição clássica de Amadis de Gaula, representando os romances de cavalaria. Esse personagem já foi apresentado no vídeo anterior. Amadis de Gaula é uma das grandes obsessões de Dom Quixote.

2 Discussão!

O que as palavras a seguir representam para você? Você as usa frequentemente?

3 Desafio

Em grupos ou duplas, escreva um parágrafo contendo todas as palavras ao lado:

Regras:

- Cada grupo ou dupla deve apresentar um texto, apenas.
- Cada palavra deve aparecer ao menos uma vez no seu texto.
- As palavras podem ser usadas em qualquer ordem.

Idade-Média
Modernidade
Crítica
Cavalaria
Império

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRÉSCIA
Unifal - Universidade Profissional

16 Na atividade “DISCUSSÃO”, os alunos deverão dizer o que cada uma das palavras apresentadas representa para eles e se usam essas palavras recorrentemente. O objetivo é mapear o conhecimento prévio de seus alunos. Isso servirá de *feedback* para as próximas atividades. Depois, na atividade “Desafio!”, Eles devem usar as palavras em contexto, além de serem inseridos em um desafio.

4 Minha Experiência

O que você sabe sobre a História da Espanha?

Por que a língua espanhola é falada em mais de 20 países ao redor do mundo?

O que estava acontecendo na Europa na virada do século XVI para o XVII?

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRÉSCIA
Unifal - Universidade Profissional

17 Nessa atividade, “MINHA EXPERIÊNCIA”, os alunos serão questionados sobre a obra que irão estudar durante as aulas. O objetivo é entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno. É importante se atentar para o que eles respondem, pois essa informação será muito importante para a sua atuação nas próximas atividades.

ENQUANTO ASSISTE O VÍDEO



OBJETIVOS:

✓ Motivar os alunos em relação ao tema proposto

VAMOS VER UM VÍDEO

SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO ENVOLVENDO DO DOM QUIXOTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRÉSCIA
Unifal - Universidade Profissional

18 Introduza o vídeo. Diga aos alunos que irão ver um vídeo de curta duração sobre o contexto histórico envolvendo Dom Quixote.



PASSO A PASSO



19 Passe o vídeo sem interrupções. Peça para os alunos fazerem anotações sobre as principais características relacionadas ao contexto histórico envolvendo Dom Quixote, pois nas próximas atividades eles serão questionados sobre o que entenderam sobre o vídeo.

DEPOIS DE ASSISTIR



OBJETIVOS:

- Refletir sobre o vídeo.
- Explorar o conhecimento prévio do aluno.
- Incutir a capacidade de opinar.

6 DEPOIS DE ASSISTIR

- Quais são as características do romance descritas no vídeo?
- Como o narrador descreve a Espanha na época da publicação do romance *Dom Quixote*?
- O que Miguel de Cervantes critica em seu romance *Dom Quixote*? Dê exemplos.
- Como a figura de um velho fidalgo delirante pode revelar a verdade sobre o que a Espanha vinha passando naquele momento?



20 Na atividade “DEPOIS DE ASSISTIR” o professor deverá criar uma atmosfera contagiante e motivadora para que eles possam refletir e dar suas opiniões sobre o que entenderam do que foi explicado no vídeo.

7 Debate

a Defenda o Império espanhol: Imagine que o rei da Espanha, Felipe II, quer ampliar seu reino, seu comércio, a Inglaterra. Seu objetivo é criar argumentos para convencer os ingleses espanhóis a declarar desleixo para esse império.

b Você é contra a invasão: A coroa espanhola está requisitando recursos de sua corte para invadir um de seus maiores adversários comerciais nos mares. Reúna seu grupo e crie argumentos para rebater os argumentos a favor da invasão da Inglaterra.

21 Nessa atividade de “DEBATE” os alunos serão instigados a criar argumentos contra ou a favor de um tema proposto. Nesse caso, o debate será sobre a uma questão bem específica. Enquanto um grupo defenderá o Império Espanhol sobre suas visão expansionista, enquanto outro grupo defenderá o contrário.

REFLEXÃO

Em grupos

22 Essa atividade visa aguçar o senso crítico do aluno. Por meio de questionamentos genéricos sobre os temas abordados até o momento. O professor deverá conduzir um bate-papo sobre o tema e isso lhe dará informações importantes sobre o andamento das próximas aulas.



PASSO A PASSO



REFLEXÃO Questões

1

O que as preferências literárias de uma época podem revelar sobre uma determinada população?

Em grupos

UNIFALMG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA

23 “O que as preferências literárias de uma época podem revelar sobre uma determinada população?”

Com essa questão os alunos serão instigados a pensar na literatura como uma representação do social.

REFLEXÃO Questões

2

Como os impérios surgem e caem?

Em grupos

UNIFALMG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA

24 “Como os Impérios surgem e caem?” Com essa pergunta os alunos serão instigados a pensarem em outros impérios. Por exemplo, o imperialismo estadunidense na contemporaneidade e seu contraste com a China. Deixe os alunos viajarem nesse conceito.

REFLEXÃO Questões

3

Vamos falar sobre as representações da Espanha via Dom Quixote:

Como Cervantes utilizou a figura de Dom Quixote para criticar e revelar a situação política e cultural da Espanha? Considere como a narrativa de um “louco delirante” expõe as tensões e desilusões da sociedade espanhola daquele período. Você vê algo semelhante na nossa época?

Em grupos

UNIFALMG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA

25 Vamos falar sobre as representações da Espanha via Dom Quixote: Como Cervantes utilizou a figura de Dom Quixote para criticar e revelar a situação política e cultural da Espanha. Considere como a narrativa de um “louco delirante” expõe as tensões e desilusões da sociedade espanhola daquele período. Você vê algo semelhante na nossa época?

SUGESTÕES DE TAREFAS



OBJETIVOS:

- ✓ Estimular a criatividade dos estudantes
- ✓ Incentivar a autonomia dos estudantes

TAREFAS

UNIFALMG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA BRASILEIRA

26 Em “TAREFAS” o professor será apresentado a algumas opções de “dever de casa” para oferecer aos alunos. Essas sugestões, é claro, só serão possíveis de serem realizadas se o professor dispor de recursos tecnológicos em suas escolas. Por isso, colocamos algumas opções que não necessitam do uso de tecnologias digitais.

Análise os seguintes memes inspirados em Dom Quixote.

A Literatura foi uma forma muito eficiente de crítica social na época de Cervantes, tanto é que seu romance continua significativo até hoje. A seguir, analisaremos algumas representações atuais que utilizaram a referência de Dom Quixote.



27 Falando sobre as representações da loucura no nosso tempo, oferecemos algumas reflexões sobre as representações que encontramos sobre Dom Quixote atualmente, desde memes de internet até músicas de artistas famosos do nosso país.

TAREFA 1 Análise os seguintes memes inspirados em Dom Quixote.



Apresentação oral

Como será a apresentação?

Analisar os memes ao lado ou algum outro que você escolher e explicar à sala o que eles representam. Após estudar a mensagem visual, apresente suas conclusões, respondendo às seguintes perguntas do(a) professor(a):

- Como a imagem aborda Dom Quixote?
- O que a imagem está criticando?
- Que tipo de metáfora podemos encontrar na imagem? Dê exemplos.

28 Aqui apresentamos dois memes de internet para que os alunos analisem e expliquem à sala o que eles representam. O objetivo é que eles compreendam que as representações artísticas estão ligadas à realidade material que a engloba.

TAREFA 2 Análise as seguintes tirinhas inspiradas em Dom Quixote.



Apresentação oral

Como será a apresentação?

Analisar os memes ao lado ou algum outro que você escolher e explicar à sala o que eles representam. Após estudar a mensagem visual, apresente suas conclusões. Respondendo às seguintes perguntas do(a) professor(a):

- Como a imagem aborda Dom Quixote?
- O que a imagem está criticando?
- Que tipo de metáfora podemos encontrar na imagem? Dê exemplos.

29 Aquis apresentamos duas tirinhas para que os alunos analisem e expliquem à sala o que eles representam. O objetivo é que eles compreendam que as representações artísticas estão ligadas a realidade material que a engloba.

TAREFA 3 A Literatura foi uma forma muito eficiente de crítica social na época de Cervantes, tanto é que seu romance tem relevância até os dias de hoje. Quais são as formas mais eficazes de denúncia atualmente? Em grupo, analise alguns usos contemporâneos da crítica apresentada por Dom Quixote.



Djonga - Dom Quixote (2022)

Engenheiros do Hawaii - Dom Quixote (2003)

Milton Nascimento - Dom Quixote (1988)

Apresentação oral

Como será a apresentação?

O grupo reunirá para ouvir uma das canções sugeridas ao lado, ou alguma outra de que o próprio aluno tenha conhecimento e lerá como título "Dom Quixote," ou que, mesmo não sendo esse título, faça referência a esse personagem. Após estudar a letra da música, o grupo apresentará suas conclusões em sala respondendo às seguintes perguntas do(a) professor(a):

- Como a letra da canção aborda Dom Quixote?
- O que a música está criticando?
- Que tipo de metáfora podemos encontrar na letra? Dê exemplos.

30 Aquis apresentamos três músicas de artistas populares para que os alunos analisem suas letras. O objetivo é que eles compreendam que as representações artísticas estão ligadas a realidade material que a engloba.

VAMOS CONVERSAR UM POUCO

- O QUE É LOUCURA?
- VOCÊ CONHECE ALGUM LOUCO?
- DÊ EXEMPLOS DE REPRESENTAÇÕES DE LOUCOS QUE VOCÊ CONHECE, UM PERSONAGEM DE UM LIVRO, DE UMA SÉRIE OU DE UM FILME.

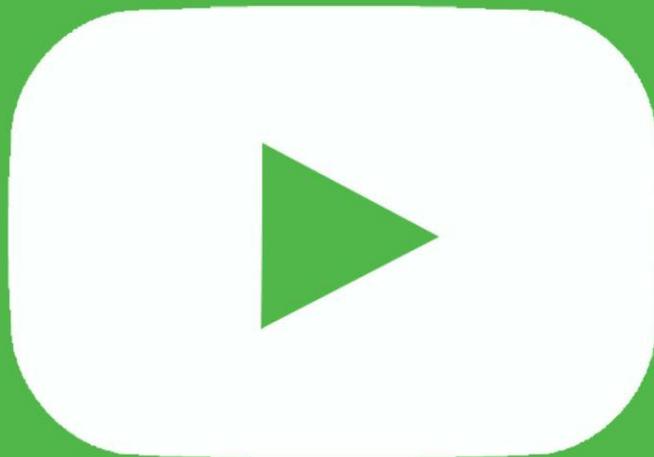
PREPARAÇÃO PARA A PRÓXIMA AULA



31 Use as perguntas do slide para gerar uma conversa entre os alunos.

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

Clique aqui
PARA ASSISTIR
AO VIDEO



EXOTE REE

PASSO A PASSO 03



PASSO A PASSO

Video 3 A loucura como metáfora





Imagem: Composição: André Ribeiro

HISTÓRIA E LITERATURA

Dom Quixote não apenas se destacou como uma crítica literária afiada contra os romances de cavalaria, mas também como uma poderosa metáfora de seu tempo. O romance oferece uma reflexão profunda sobre como Cervantes, desiludido com o governo e a monarquia de sua época, usou a figura de Dom Quixote para questionar a ideologia vigente na corte espanhola. Dessa forma, Dom Quixote serve como um espelho das contradições e complexidades da Espanha daquele período.

A literatura é vista aqui como um documento histórico essencial para a redescoberta de um dado período. Ela é um documento mais crível do que a História oficial, que tende a replicar os anseios de uma era dourada como algo factual, pois os cronistas do século XVI viviam sob a influência de um mundo dourado propagado, sobretudo pela monarquia. Por não ter o compromisso de descrever os fatos exatamente como ocorreram, a Literatura busca confirmar ou negar aspectos de um período por meio de narrativas.

É justamente esse descompromisso com a verdade que nos permite acessar o imaginário de um momento histórico. Como afirma Pesavento, “a literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas” (Pesavento, 2016, p. 14). Assim, ao unir História e Literatura, podemos entender *Dom Quixote* como um reflexo das contradições e complexidades da sociedade espanhola, que vivia sua transição para a Idade Moderna, onde o imaginário coletivo se confrontava com a realidade de um império em declínio.

◀ VOLTAR AO SUMÁRIO

PRIMEIROS PASSOS



QUIZ

OBJETIVOS:

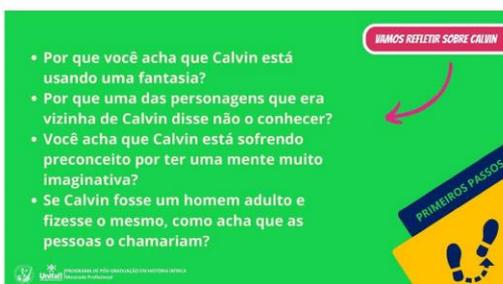
- ✓ Criar um vínculo entre o conteúdo e o estudante
- ✓ Avaliar o conhecimento prévio do aluno
- ✓ Avaliar o interesse e a motivação do aluno sobre o tema



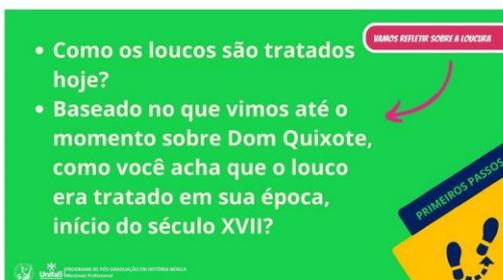
1 Nesta atividade de PRIMEIROS PASSOS, vamos trabalhar com uma tirinha do Calvin e Haroldo. Nessa tirinha, Calvin está vestido como um super-herói e diz coisas sem sentido, fazendo com que uma de suas amigas diga que não o conhece. A intenção é fazer com que os alunos reflitam sobre a possibilidade de uma pessoa criar mundos imaginários mesmo quando não são mais crianças.



2 O ideal é motivar os alunos a encenarem a tirinha. Caso não consiga convencê-los, peça para que alguém leia para os outros.



3 As perguntas visam extrair dos alunos suas representações da loucura e como isso pode ser usado em uma obra literária. Com a pergunta “Se Calvin fosse um homem adulto e fizesse o mesmo, como acha que as pessoas o chamariam?” Dependendo de suas repostas podemos trabalhar com eles as formas reflexivas da imaginação. Nem sempre imaginar mundos imaginários é considerado loucura, para que isso ocorra é preciso que a sociedade considere isso fora do comum.



4 Essas perguntas visam expor aos alunos que a loucura é um conceito volátil e que se transforma no decorrer da História.

ANTES DE ASSISTIR



OBJETIVOS:

- ✓ Explorar a Representação da Loucura no Contexto Histórico de Cervantes.
- ✓ Relacionar a crítica de Cervantes à crise de valores na Espanha do século XVII.



5 ANTES DE ASSISTIR, é a sessão onde os alunos serão preparados para assistir ao vídeo. Nesse momento você poderá trabalhar com eles alguns conceitos que aparecerão no vídeo e que você julga ser de difícil entendimento. As imagens foram retiradas do próprio vídeo, sendo assim, seus alunos poderão associar aos conceitos que serão tratados no vídeo.



6 Essa imagem mostra uma representação da loucura no final da Idade Média. Devemos trabalhar com a curiosidade que a cena possa causar nos alunos, inclusive falado que se trata da reprodução de um ato de charlatanismo.



7 Aqui temos um texto de suporte. O professor pode pedir para os alunos irem lendo em partes e ir explicando entre uma leitura e outra. A leitura desse texto é importante para elucidar os símbolos que a imagem utiliza para criar metáforas.



8 Aqui o professor deve dizer aos alunos que irão assistir a um vídeo institucional do museu do Louvre. O vídeo mostra em detalhes a imagem de outro quadro de Bosch, chamado "A nave dos loucos." O intuito do vídeo é mostrar aos alunos o quão acessível é hoje em dia entrar em contato com obras clássicas sem precisar sair de casa. Claro que a plicação dessa atividade só será possível caso a escola possua recursos para a transmissão.



PASSO A PASSO



9 Caso o professor tenha recursos para isso, seria interessante mostrar aos alunos o quão acessível é entrar no site do Museu do Louvre e ver todas as obras que se encontra no local.



10 Mostre o vídeo e peça para que os alunos preste atenção a todos os detalhes da pintura, pois após a exibição eles deverão expor suas impressões sobre a obra. Há um QR code no alto do slide para caso seja necessário acessar nos próprios celulares.



11 Após a exibição do vídeo deixe o slide destacando o centro da imagem sendo projetada e inicie uma conversa sobre as impressões que tiveram sobre o quadro.



12 “Por que a pintura se chama A Nave dos loucos?” A alegoria de um barco que levava as pessoas insensatas para além-mar era muito comum no período medieval. O navio representaria a vida e seus ocupantes são membros da sociedade.



13 “Descreva o que você achou da pintura com apenas um adjetivo. Explique...” O objetivo com essa questão é extrair dos alunos que tipo de visão eles têm dessas representações da loucura em questão e se essa visão contrasta com a loucura de Dom Quixote.



PASSO A PASSO



Question

4

Descreva quem são os protagonistas em primeiro plano.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
Unifal MG
Mestrado Profissional

14

“Descreva quem são os protagonistas em primeiro plano.”

Essa pergunta visa compreender o conhecimento pictórico dos alunos em relação aos estereótipos do século XVI representados na imagem e se permanecem até hoje.

3 **Discussão**

VAMOS DISCUTIR SOBRE AS PALAVRAS OPOSTAS APRESENTADAS ABAIXO. DÊ EXEMPLOS DE PERSONAGENS DE FIÇÃO QUE PODEM SER ROTULADAS DENTRO DOS SEGUINTES CONCEITOS:

Loucura - lucidez
Humor - tragédia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
Unifal MG
Mestrado Profissional

15

Na atividade “Discussão” os alunos deverão dizer o que cada uma das palavras apresentadas representa para eles. E se eles usam essas palavras recorrentemente. O objetivo é mapear o conhecimento prévio de seus alunos. Isso servirá de feedback para as próximas atividades. Depois, na atividade “Desafio! Eles devem usar as palavras em contexto, além de serem inseridos em um desafio.

4 **Estabeleça a conexão**

Renascimento

↕

Humanismo

Texto de apoio

O termo Humanismo surgiu no século XVI para designar as atitudes renascentistas que enfatizavam o homem e sua posição privilegiada na Terra. A própria denominação de Renascimento também só começou a ser empregado a partir do século XVI, para designar a retomada do pensamento e das formas de expressão da Antiguidade Clássica. O Humanismo é comumente definido como um empreendimento moral e intelectual que colocava o homem no centro dos estudos e das preocupações espirituais, buscando construir o mais alto tipo de humanidade possível. É preciso ressaltar, no entanto, que os humanistas não seguiam uma única filosofia, ou seja, não formavam um grupo homogêneo. Em comum, compartilhavam apenas o entusiasmo pelo estudo dos clássicos gregos e latinos.

Fonte: Dicionário De conceitos Históricos (2009)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
Unifal MG
Mestrado Profissional

16

Peça aos alunos lerem o texto em voz alta e a partir dele tentarem descrever os conceitos de “Renascimento” e “humanismo” e como eles estão relacionados.

5 **Minha Experiência**

O que você sabe sobre a Loucura na Europa do Século XVII?

Como são vistos os loucos hoje?

De que forma uma obra literária pode revelar os costumes de uma época, incluindo como os loucos são tratados?

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
Unifal MG
Mestrado Profissional

17

Nessa atividade, “MINHA EXPERIÊNCIA” os alunos serão questionados sobre a obra que irão estudar durante as aulas. O objetivo é entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno. É importante se atentar para o que eles respondem, pois essa informação será muito importante para a sua atuação nas próximas atividades.

ENQUANTO ASSISTE O VÍDEO



OBJETIVOS:

- Motivar o aluno no tema proposto



18

Introduza o vídeo. Diga aos alunos que irão ver um vídeo de curta duração sobre as representações da loucura em diferentes períodos históricos e como a literatura a usa como crítica social.



19

Passa o vídeo sem interrupções. Peça para os alunos fazerem anotações sobre as representações da loucura em diferentes épocas

DEPOIS DE ASSISTIR



OBJETIVOS:

- Refletir sobre o vídeo.
- Explorar o conhecimento prévio do aluno.
- Incutir a capacidade de opinar.

7 DEPOIS DE ASSISTIR

- Como o louco era representado no final da Idade Média?
- Como a loucura era vista no início do século XVII, quando Dom Quixote foi publicado?
- Como uma obra literária pode servir como documento histórico para se compreender os modos de vida de uma época?
- Como o louco é tratado hoje em dia no nosso país? Faça um paralelo com o que temos visto nessas aulas



20

Na atividade “DEPOIS DE ASSISTIR” o professor deverá criar uma atmosfera contagiante e motivadora para que eles possam refletir e dar suas opiniões sobre o que entenderam do que foi explicado no vídeo.

8 Debate

a
Você está em total acordo com a frase atribuída a Dom Quixote no meme ao lado. Crie argumentos persuasivos para defendê-la.

b
Você não concorda com a frase atribuída a Dom Quixote no meme ao lado. Crie argumentos persuasivos para dizer o quão incoerente ela é.



21

Nessa atividade de “DEBATE” os alunos serão instigados a criar argumentos contra ou a favor de um tema proposto. Nesse caso, colocamos um meme bem difundido nas redes sociais atribuído a Quixote. Essa frase é muito comum entre as frases de autoajuda, por isso esse debate terá o objetivo de construir uma visão crítica sobre a frase.



PASSO A PASSO



22

Essa atividade visa aguçar o senso crítico do aluno. Por meio de questionamentos genéricos sobre os temas abordados até o momento. O professor deverá conduzir um bate-papo sobre o tema e isso lhe dará informações importantes sobre o andamento das próximas aulas.



23

Com essa questão visamos extrair do aluno o que ele entende por metáfora e como a obra Dom Quixote representa uma metáfora de seu tempo.



24

Com esse questionamento pretendemos que os alunos façam uma ligação das metáforas utilizadas hoje em dia em suas vivências cotidianas.



25

Com essa pergunta teremos condição de saber se os alunos entenderam as representações de Quixote que permaneceram até os nossos dias.

SUGESTÕES DE TAREFAS



OBJETIVOS:

- ✓ Estimular a criatividade dos estudantes
- ✓ Incentivar a autonomia dos estudantes



26 Em “TAREFAS”, o professor será apresentado a algumas opções de “dever de casa” para oferecer aos alunos. Essas sugestões, é claro, só serão possíveis de serem realizadas se o professor dispor de recursos tecnológicos em suas escolas. Por isso, colocamos algumas opções que não necessitam do uso de tecnologias digitais.



20 Após assistir aos três vídeos é hora de produzir seu próprio vídeo resposta. O vídeo deve ser feito no intuito de responder os questionamentos levantados pelo narrador.

UMA REFLEXÃO SOBRE A AVALIAÇÃO

Chegamos ao fim da nossa proposta didática. Agora é hora de avaliar a experiência. Para isso, é importante que o educador não veja, pelo menos no âmbito dos resultados da aplicação desse projeto, o aluno como um recipiente que foi enchido com conhecimento novo. A avaliação deve ser feita pela capacidade que o aluno adquiriu de usar o aprendizado dessas aulas em suas vidas cotidianas. Por isso, todas as atividades propostas aqui visaram entrar em contato com as estratégias pessoais do aluno para reconhecer o mundo e reconhecer-se nele.

Nesse sentido, entrar em contato com as diversas “estruturas cognitivas” presentes em uma sala de aula é também uma forma de o professor avaliar e aprender a linguagem dos alunos, seus códigos sociais e suas leituras de mundo peculiares, além de aguçar uma postura crítica em suas formas de interpretar o mundo. Nesse caso, o verbo ler pode ser usado de forma literal, pois utilizamos um romance clássico para atingir esse objetivo. A avaliação desse processo deve, portanto, considerar quais competências os alunos conseguiram reforçar, ou seja, se eles serão capazes de aplicar tudo isso em seus respectivos mundos, com suas ações e relações sociais. Perrenoud diz que:

“Se aceitarmos que competência é uma capacidade de agir eficazmente num determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles, é preciso que alunos e professores se conscientizem das suas capacidades individuais que melhor podem servir o processo cíclico de Aprendizagem-Ensino-Aprendizagem” (Perrenoud, 1999, p. 7).

Nesse sentido, essa experiência didática diz respeito não somente ao aluno, mas também à autoavaliação do próprio responsável pela educação. O professor deve assumir uma postura reflexiva diante de tudo que foi realizado e avaliar suas ações nesse processo. Depois disso, terá substância para criar sua defesa ou crítica a tudo que foi realizado.

VÍDEO I – INTRODUÇÃO: QUEM É DOM QUIXOTE? (TRANSCRIÇÃO)



Olá! Você provavelmente já ouviu falar de Dom Quixote. Talvez você até já tenha lido alguma versão de suas aventuras, assistido um filme ou uma série que faça referência a ele, ou mesmo ouvido uma música de rap ou rock por aí, que o menciona, ou pelo menos conhece alguém que disse ter lido o livro que conta a história do velho cavaleiro andante Dom Quixote de La Mancha, afinal, esse é um daqueles clássicos que todos alegam ter lido para parecer mais inteligente. Esse é um sinal de que a figura de Dom Quixote faz parte de nosso imaginário coletivo, mesmo não tendo lido o livro dificilmente alguém não o conhece. Mas quem é essa figura exótica? De onde ele vem? E por que todos sabemos seu nome, mesmo não sabendo sua história?

Apresento a vocês Dom Quixote de la Mancha:

Dom Quixote era um velho fidalgo que de tanto ler livros de cavalaria acabou perdendo o juízo. Mas o que eram esses livros de cavalaria que o deixou louco? Eram livros que contavam histórias de grandes feitos de bravos cavaleiros medievais que tinham uma força descomunal e um senso de justiça acima do comum, aliás, nesses livros eles serviam como exemplos de justiça, lealdade, ética e coragem, é claro.

Saca só quem era um dos cavaleiros mais populares na época em que a história de Dom Quixote veio a público. Amadis de Gaula, esse cara era um verdadeiro super-herói. Saía por aí matando dragões, salvando donzelas indefesas, e sozinho, derrotava exércitos inteiros. Os livros que contavam essas aventuras eram muito populares naqueles tempos. Após passar dias e noites seguidas lendo esses livros obcecadamente, o velho fidalgo Alonso Quijano resolve que ele próprio sairia pelo mundo, desfazendo agravos e travando batalhas com os mais diversos tipos de inimigos que encontrasse pelo caminho. Incluindo gigantes horríveis, que, na verdade, não passavam de moinhos de vento. Para isso, ele precisava de armas e, é claro, de uma armadura.

Foi aí então que ele pegou algumas espadas velhas e enferrujadas que tinha em casa, se meteu em uma armadura antiga que pertencia a seus bisavôs, montou em seu cavalo que batizou de Rocinante e saiu pelo mundo em busca de aventuras. Ah... e como todo cavaleiro que se preze, lutava pelo coração de uma bela donzela, Dom Quixote não podia ser diferente, ele elegeu Dulcineia de Toboso como sua musa. Aquela seria sua inspiração em todas as ba-

talhas que lhe aparecesse no caminho.

Na verdade, essa moça era uma camponesa pela qual o velho Quijano havia se apaixonado certa vez, mas ele nunca chegou a cortejá-la – se é que me entendem, nunca chegou a conversar com ela, na real. Com espada em punho, montado em seu corcel – pelo menos era assim que ele o via – e com Dulcineia na cabeça, nascia ali, a lenda. Aquele de quem o mundo precisava para consertar todos os males. O herói dos oprimidos. Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro andante.

Tipo o Bruce Wayne quando coloca sua armadura e se transforma em Batman. Ah... e assim como Batman contava com Robin, seu fiel companheiro, Dom Quixote tinha Sancho Pança, seu fiel escudeiro.

Ok, não podemos confundir as coisas aqui. Provavelmente, seu professor de história já deve ter te explicado o que é “anacronismo”.

Anacronismo: Erro que consiste em atribuir os costumes de uma época a outra.

Batman, Superman e o Spider-Man são frutos do nosso tempo, ou seja, são parte do imaginário das pessoas do século XXI, Dom Quixote é um personagem de seu tempo.

Como podemos então compreender as representações por trás da figura emblemática de Dom Quixote? Onde ele foi criado? Por quê? O que ele representa historicamente?

Para compreendermos esta figura icônica, é necessário mergulhar no que está dentro de sua narrativa, mas não está escrito, ou seja, entender o que seu autor disse, através do que não foi dito. Parece meio confuso, né? Mas não se preocupem, eu vou explicar... No próximo vídeo, então até lá!

Esse vídeo é apenas um recorte; por isso, está cheio de generalizações, para se aprofundar mais, peça recomendações de leitura para a sua professora ou professor, ou eu te desafio a ler o romance e construir seu entendimento.

¡Hasta la vista!



VÍDEO 2 – DOM QUIXOTE: A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE (TRANSCRIÇÃO)



No vídeo anterior apresentamos a vocês, Dom Quixote de La Mancha, agora veremos o seu contexto histórico. Como vimos antes, Quixote é fruto de seu tempo. Como podemos então compreender as representações por trás da figura emblemática de Dom Quixote? Onde ele foi criado? Por quê?

O que ele representa historicamente? Para compreendermos esta figura icônica, é necessário mergulhar no que está dentro de sua narrativa, mas não está escrito, ou seja, entender o que seu autor disse, através do que não foi dito. Parece meio confuso, né? Mas não se preocupem, eu vou explicar. Para entendermos o nascimento do mito Dom Quixote, precisamos viajar no tempo, para o início do século XVII.

“Num Lugarejo em La Mancha, de cujo nome não me lembro, vivia, não faz muito tempo, um desses fidalgos de lança nas costas, escudo antigo, cavalo magro e bom cão de caça.” (Cervantes, 2018, p. 06)

Assim começa o romance “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha” de Miguel de Cervantes. E podemos dizer que assim começa o romance moderno. Pois Cervantes inaugurava aqui um novo jeito de contar histórias. Dentre outros fatores, algo que era inovador para a época, é que seus personagens são profundos e reflexivos, evoluem no decorrer da história, ou das histórias, pois há como que uma teia de narrativas que se intercalam e o próprio fazer literário é tratado no romance dentro de um viés realista, afinal há uma crítica contundente aos romances de cavalaria que eram ainda muito populares na época de Cervantes. Se você notar, tudo isso permanece até hoje nos romances que você lê. Mas onde fica La Mancha?

Onde vivia essa figura tão influente da nossa cultura ocidental? La Mancha fica na região central da Espanha. País que todos conhecem hoje pelos clubes milionários de futebol. Ou pela aquela série com um monte de gente vestida de macacão vermelho que resolve assaltar um banco, usando máscaras do Salvador Dalí. Salvador Dalí, que, aliás, é um pintor espanhol muito famoso. Ah... a Espanha também é a terra da Rosalía. Outra coisa interessante e que talvez você não saiba, é que a Espanha tem rei, seu nome é Filipe VI. Mas na época em que Dom Quixote foi publicado, em 1605, podemos dizer que a Espanha era uma superpotência comercial e militar.

Devemos lembrar que no século XVI a Espanha já havia conquistado a América, e vinha arrecadando o máximo de metais preciosos que podia extrair dessas terras. Com isso, logo conquistaram o domínio das rotas comerciais marítimas. Em 1580, com a morte de Dom Sebastião, rei de Portugal, sem deixar herdeiros, Felipe II, rei da Espanha, reivindicou seu direito ao trono português, pois alegou ter parentesco com Dom Sebastião. Era um parentesco distante, mas acabou colando. Portugal e seus territórios, inclusive o Brasil, são anexados ao já vasto império espanhol. A Espanha passa a ser, portanto, um império de dimensão global. Em 1571 a poderosa marinha de Felipe II venceu uma importante batalha contra o Império Otomano, que vinha tentando invadir a Europa pelo mediterrâneo,

no que ficou conhecido como a Batalha de Lepanto. O próprio Miguel de Cervantes serviu à Coroa espanhola nessa batalha, e foi aí que ele se feriu gravemente e como seqüela perdeu os movimentos de sua mão esquerda. Depois disso ele passou por vários perrengues, foi capturado por piratas e ficou vários anos cativo, depois foi resgatado e ao voltar à Espanha, enfrentou problemas financeiros, e problemas com a justiça. É provável que ele começou a escrever Dom Quixote atrás das grades. Toda grandeza, da Espanha, no entanto, aumentava as tensões políticas no núcleo do governo. Escritores do período apontavam vários problemas com a estrutura política da monarquia, dentre eles, a perda do equilíbrio fiscal, pois havia um gasto brutal para manter um império enorme sem um retorno que valesse a empreitada. Pois para financiar suas guerras o rei recorria aos impostos pagos à coroa, e para manter o apoio ao governo, o rei distribuía títulos de nobreza para fortalecer-se politicamente. Isso até certo ponto mascarava a realidade de uma monarquia falida. Essa dicotomia gerou tensões sociais, que Cervantes presenciou de perto. Dom Quixote é fruto desse momento histórico. Desse momento de “desilusão nacional.” Enfim, apesar de notarmos a clara crítica de Cervantes ao fenômeno literário dos livros de cavalaria de seu tempo, seu livro possui uma crítica muito mais profunda. Ao ridicularizar a cavalaria, Cervantes revela a própria Espanha.

Uma nação, construída por meio de narrativas heroicas, projetada para ser o maior império cristão jamais visto e que, no entanto, contrastava com a realidade de uma nova era. Uma era de reformas no campo da religião, da política, das artes e das formas de se fazer comércio, um era na qual a Espanha parecia cada vez mais representar o velho e o arcaico diante de seus novos concorrentes. É nesse sentido que a figura de um louco delirante emerge como alguém que revela a verdade que todos veem, mas poucos ousam dizer. Por meio do discurso de um louco de ideia fixa, Cervantes expôs a situação histórica e cultural da Espanha daquele período. Vocês aí! Acham que Dom Quixote era mesmo louco? Ou pensam que era só um cara que via algo que os outros não viam? Claro, temos que evitar o anacronismo, né? Será que o louco daquela época é o mesmo louco que vemos hoje? Para saber um pouco mais sobre isso, vocês terão que assistir ao próximo vídeo.

Até lá!

Esse vídeo é apenas um recorte; por isso, está cheio de generalizações. Para se aprofundar mais, peça recomendações de leitura para a sua professora ou professor, ou eu te desafio a ler o romance e construir seu entendimento.

¡Hasta la vista!



VÍDEO 3 – LOUCURA E LITERATURA (TRANSCRIÇÃO)



Olá, no vídeo anterior conhecemos Dom Quixote, o fidalgo que enlouqueceu por ler muitos romances de cavalaria.

Mas, vocês acham que Dom Quixote era mesmo louco? Vamos refletir um pouco.

O romance de Cervantes demonstrou – e vem demonstrando – a capacidade de ressoar de diferentes formas através das gerações. Durante esses mais de 400 anos de existência, o romance Dom Quixote já gerou todo tipo de interpretação possível.

Os leitores iniciais de Quixote tiveram uma recepção cômica e risível da obra. Mas, ao longo dos séculos, a interpretação do romance destoou significativamente de seu sentido original. De uma obra de humor no século XVII, ganhou ares de romance trágico no auge do romantismo europeu do século XIX e XX.

Até hoje, há quem diga que Dom Quixote era um homem totalmente alheio à realidade, com alguns lampejos de lucidez, outros o veem como um homem dotado de uma lucidez invejável. É claro que a interpretação de uma obra ficcional é livre e cada um assume a posição que mais lhe convém, no entanto, para nos aproximarmos da crítica construída por Cervantes em seu romance, devemos nos ater ao que a história nos mostra sobre as representações de loucura vigentes na época do autor. Pois, ao longo dos séculos, a forma como a loucura foi representada mudou bastante. No final do século XV, a loucura era vista como uma condição decadente do indivíduo, como um castigo divino. Por isso, o louco deveria ser excluído da sociedade em muitos casos.

A loucura era representada nas artes desse período, como uma crítica moral, em grande medida direcionada aos membros da Igreja, como podemos ver nas pinturas medievais de Hieronymus Bosch, que mostravam membros do clero em situações constrangedoras. Com o tempo, especialmente no Renascimento, a loucura começou a ser vista de forma diferente. Em alguns casos, ela era vista como uma parte integrante da razão. Erasmo de Rotterdam ajudou a construir essa perspectiva ao mostrar em Elogio da Loucura que a loucura é uma parte intrínseca da condição humana e que pode ser desejada em alguns momentos. Essa visão mais humanista da loucura adentrou o século XVII.

Em um dicionário do início do século XVII, a loucura era definida como enfermidade e essa definição dividia-se em dois tipos de pessoas que eram acometidos pela loucura: um é o louco que tem momentos de lucidez intercalados com períodos de loucura, e o outro é aquele que perde o juízo perpetuamente. Isso, de alguma for-

ma, reflete uma visão popular da loucura naquele período.

A loucura em Dom Quixote, portanto, era a manifestação de uma mente enferma para os moldes daquela sociedade.

Ao revelar o quão disparatado seria assumir a incumbência de ser um cavaleiro andante naquela época já tardia para a idade Média, Cervantes revelava uma Espanha imbuída em ideologias heroicas e messiânicas de sustentação de império que ruía. Portanto, a crítica de Cervantes dirigida aos livros de cavalaria é apenas um farol que lança luz à crise de valores da Espanha daquele período.

É nesse sentido que a simbologia contida nas artes e mais especificamente na literatura se torna uma valiosa ferramenta para compreendermos os modos de vida, as crenças, ou seja, o imaginário de um determinado período histórico.

Dom Quixote nos oferece, portanto, um olhar sobre como a ficção pode refletir e criticar a realidade social e política que a produz.

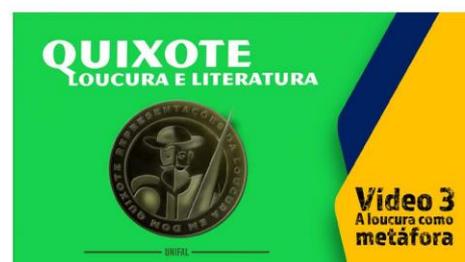
E aí, o que vocês acharam? Acreditam que as representações da loucura hoje em dia permanecem as mesmas desde a época de Cervantes? Como Dom Quixote seria visto nos dias de hoje?

O próximo vídeo é por sua conta, converse com sua professora ou professor sobre como você pode fazer um vídeo resposta para nossos vídeos.

Até breve!

Esse vídeo é apenas um recorte; por isso, está cheio de generalizações. Para se aprofundar mais, peça recomendações de leitura para a sua professora ou professor, ou eu te desafio a ler o romance e construir seu entendimento.

¡Hasta la vista!





REFERÊNCIAS DO MANUAL

- CERVANTES, M. **Dom Quixote**. Tradução: Marcelo Montoza. São Paulo: Editora Pé da Letra, 2018.
- FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.
- HIDALGO, J.E. **Adaptações de Dom Quixote para o cinema**. Revista Re-produção. São Paulo: Ed. Unesp, 2016. p.176-177. Disponível em: <<https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=73>> Acesso em: 20 de Jul. 2024.
- LA TAILLE, Y et al. Piaget, Vygotsky, Wallon. **Teorias psicogenéticas em discussão**. SP, Summus, 1992.
- LUCCHESI, A; SILVEIRA, P. T.; NICODEMO, T. L. **Nunca fomos tão úteis**. Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.
- PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Porto Alegre: Artimed. 2008.
- _____ **Construir competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999
- PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. De On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro (2001). Disponível em:<<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>> Acesso em: 03 e ago. 2023.
- RODRIGUES, L. **Por que é tão difícil adaptar a história de “Dom Quixote” para o cinema?** UOL, 29/05/2029. Filmes. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/29/por-que-e-tao-dificil-adaptar-dom-quixote-para-a-tv-e-o-cinema.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 20 jul. 2024.
- SADDI, R. **Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica**. História & Ensino, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010
- VIEIRA, M. A.C. Apresentação de D. Quixote. In: CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Primeiro Livro. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, v. I, 2016, p. 9-24.
- _____. **O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote**. 1. ed. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1998.
- WINEBURG, S. **Evaluating Information Online: The cornerstone of Civic Online Reasoning**. Disponível em: <stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/SHEG%20Evaluating%20Information%20Online.pdf> Acesso em: 23 de ago. 2023.

FONTES ICONOGRÁFICAS:

- BOSCH, Hieronymus. **A Extração da pedra da loucura**, óleo sobre madeira, 48x35cm, Madrid, Museo del Prado.
- BOSCH, Hieronymus. **Nave dos Loucos ou A Nau dos Insensatos**, óleo sobre madeira, 56,8x32,5cm, Paris, Musée National du Louvre.



REFERÊNCIAS DE PESQUISA

ARROIO, A.; DINIZ, M. L.; GIORDAN, M. A utilização do vídeo educativo como possibilidade de domínio da linguagem audiovisual pelo professor de ciências. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 5., 2005, Bauru. Atas..., Bauru, 2005.

ASENSIO, E. Tendencias y Momentos en el Humanismo Español. In: RICO, F. (org.) **Historia y Crítica de la Literatura Española 2/1 Siglos de Oro: Renacimiento**. Barcelona: Editora Crítica, 1991, p. 26-36

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BARROS, J. D.A. História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125 - 141, 22 jan. 2018.

_____. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. Varia hist. [online]. 2006, vol.22, n.36, p.460-475

_____. **Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo**. Ler História, 71 | 2017, Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/2930>>; Acesso em: 04 de ago. 2023.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

BOSING, W. **Bosch, Obra Completa de Pintura**. Taschen. 1991.

BRANT, S. **A Nau dos Insensatos**. Tradução: Karin Volobuef. São Paulo: Actavo. 2010.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2017. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 05 f ago. 2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BURBANK, J. COOPER, F. **Impérios: Uma nova visão da História universal**. Tradução: Bruno Cobalchini Mattos. São Paulo: Planeta. 2019.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

CAIMI, F. E. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar - Anos 90 (UFRGS. Impresso)**, v. 15, p. 129-150, 2008.

CERVANTES, M. de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Primeiro Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **O Engenhoso Cavaleiro D. Quixote de La Mancha: Segundo Livro**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2017.

CHARTIER, R. A História entre narrativa e conhecimento. In: **A beira da falésia: A História entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2002.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA (CONTINUAÇÃO)



_____. La Europa Castellana durante el tiempo del Quijote. In: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004, p. 129-158.

CRUZ, A. A. T. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma**. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americ.) - Universidade de São Paulo, 2009.

DOPICO BLACK, G. La Historia del Ingenioso Hidalgo Miguel de Cervantes. In: FEROS, A.; GELABERT, J. (org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 23-40.

_____. España abierta: Cervantes y el Quijote. In: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 345-388.

DURO. E. G. **Historia de la locura en España**. Siglo XXI de España, 2021.E-book

FEROS, A.; GELABERT, J. (org.) **España En Tiempos Del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GUILLÉN, D.M.G. **Don Quijote: ¿Locura O Heroísmo?** Anales de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, Número 94. 2017. p. 119-131

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HUIZINGA, J. **O Outono da Idade Média**. Tradução: Francis Petra Janssen. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LA TAILLE, Y. et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão**. SP, Summus, 1992.

LUCCHESI, A.; SILVEIRA, P. T.; NICODEMO, T. L. **Nunca fomos tão úteis**. Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.

MATIAS, K. D. **A Loucura na Idade Média: Ensaio sobre algumas representações**. Dissertação de Mestrado em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015.

MONTEIRO, J.; CALADO, C. **A Pedra da Loucura**. Lisboa: Edeal, 2008. p. 137-144. E-book.

MONTERO REGUERA, J. Miguel de Cervantes e o Quixote: De como surge o romance. In: VIEIRA, M. A. C. (Org.). **Dom Quixote: a Letra e os Caminhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006. p. 17-43

MORALES, Á. **La tradición del marco de la novela corta y la justificación de la ficción en el Renacimiento**. In: Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas. New York. 2004. p. 405-410

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Porto Alegre: Artimed. 2008.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA (CONTINUAÇÃO)



_____. **Construir competências desde a escola.** Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999

PESAVENTO, S. J. **História e Literatura: uma velha nova história.** In: COSTA, C. B.; MACHADO, M. C. T. (org.). *História & Literatura.* Uberlândia: EDUFU, 2006. P. 11-24

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.** Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. De On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro (2001). Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>> Acesso em: 03 e ago. 2023.

SADDI, R. **Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica.** *História & Ensino, Londrina*, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010

SEFFNER, F. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História.** In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo / SP. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.* São Paulo: ANPUH NACIONAL Brasil, 2011. v. 1. p. 1-23.

SEVERINO, A. J. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: Ivani Catarina Arantes Fazenda. (org.). **Didática e interdisciplinaridade.** Campinas: Papirus, 2008, v. , p. 31-44.

RANDALL, D.B.J.; BOSWELL, J.C. **Cervantes in Seventeenth Century England: The Tapestry Turned.** New York: Oxford University Press, 2009.

RINCÓN, J.S. **El Mundo Social Del "Quijote".** Madrid: Editorial Gredos, 1986.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto I.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROTTERDAM, E. de. **Elogio da Loucura.** Tradução: de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SCHAUB, J. F. La Monarquía Hispana en el sistema Europeo de Estados. In: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote.** Madrid: Taurus, 2004. p. 97-128.

THOMPSON. I.A.A. La guerra y el soldado: De la euforia de Lepanto a la tristeza de 1605. In: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote.** Madrid: Taurus, 2004. p. 159-195.

TSANEVA, M. **Hieronymus Bosch: 110 Masterpieces (Annotated Masterpieces Book 53).** Create Space Independent Publishing Platform (Maria Tsaneva; 1ª edição). 2013. E-book

VIEIRA, M. A.C. Apresentação de D. Quixote. In: CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.** Primeiro Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, v. I, 2016, p. 9-24.

_____. **O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote.** 1. ed. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1998.

VINCENT, B. La sociedad española en la época del Quijote. In: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote.** Madrid: Taurus, 2004. p. 279-307.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA (CONTINUAÇÃO)



WATT, I. **Mitos do Individualismo Moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robison Crusue. Tradução: Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

WINEBURG, S. **Evaluating Information Online**: The cornerstone of Civic Online Reasoning. Disponível em: <stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/ SHEG%20Evaluating%20Information%20 Online.pdf> Acesso em: 23 de ago. 2023.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Métodos para ensinar competências**. Porto Alegre: Penso, 2020. E-book

FONTES ICONOGRÁFICAS:

BOSCH, Hieronymus. **A Extração da pedra da loucura**, óleo sobre madeira, 48x35cm, Madrid, Museo del Prado.

BOSCH, Hieronymus. **Nave dos Loucos ou A Nau dos Insensatos**, óleo sobre madeira, 56,8x32,5cm, Paris, Musée National du Louvre.





IMPORTANTE:

Certifique-se de que os alunos compreendam a importância de tratar a loucura com sensibilidade, respeito e empatia. Explique que é fundamental evitar estereótipos e preconceitos ao abordar a questão.



CADERNO DE ATIVIDADES

1



REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 1 - INTRODUÇÃO

ASSISTA AO VÍDEO
aqui 



ATIVIDADES IMPRIMÍVEIS PARA OS ESTUDANTE

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 1 - INTRODUÇÃO



ADIVINHE QUEM DISSE ESSA FRASE...

1- "Todos os dias me levanto sabendo que quanto mais pessoas eu salvar, mais inimigos eu farei."

- PETER PARKER
 CLARK KENT
 ALONSO QUIJANO

2- "Você quer ser excelente? Verdadeiramente excelente no que faz? Então seja excelente todos os dias, em todas as partes da sua vida. É isso que as melhores pessoas fazem."

- CAROL SUSAN JANE DANVERS
 BRUCE WAYNE
 ALONSO QUIJANO

3- "As minhas leis são desfazer os erros, prover o bem e evitar o mal. Eu fugi da vida fácil, da ambição e da hipocrisia, e busco para minha própria glória o caminho mais estreito e difícil. Isso é ser tolo e ingênuo?"

- DON DIEGO DE LA VEGA
 CLARK KENT
 ALONSO QUIJANO

4- "Se alguém precisa de ajuda e você pode ajudar, tem a obrigação de fazer isso."

- PETER PARKER
 CLARK KENT
 ALONSO QUIJANO

1- DISCUSSÃO

O que as palavras a seguir representam para você? Você as usa recorrentemente?

- ROMANCE
- QUIXOTESCO
- EXÓTICO
- JUÍZO
- CLÁSSICO

2- DESAFIO

Em grupos ou duplas, escreva um parágrafo contendo todas as palavras ao lado:

- Cada grupo ou dupla deve apresentar um texto, apenas.
- Cada palavra deve aparecer ao menos uma vez no seu texto.
- As palavras podem ser usadas em qualquer ordem.

3- MINHA EXPERIÊNCIA

1. O que você sabe sobre Dom Quixote de La Mancha?
2. Qual foi a primeira vez em que você ouviu falar esse nome?
3. Em que situação podemos usar o adjetivo "quixotesco"? Utilize-o em uma frase.



4- ENQUANTO ASSITE

Tome notas sobre as principais características de Dom Quixote.

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 1 - INTRODUÇÃO



5 - DEPOIS DE ASSISTIR

- Quem é Dom Quixote?
- Quais adjetivos você usaria para descrever Dom Quixote?
- Você ou alguém que você conhece tem alguma obsessão por algo, assim como Dom Quixote tinha por ler livros de cavalaria? Dê exemplos.
- Em sua opinião, Dom Quixote é uma figura heroica ou ridícula? Explique.

6 Debate

a

Defenda Dom Quixote: Reuna-se com seu grupo e escrevam bons argumentos para defender a figura de Dom Quixote exaltando suas virtudes como um herói de seu tempo.

b

Defenda que Dom Quixote era um homem insensato: Reuna-se com o seu grupo e escrevam bons argumentos para expor a insensatez de Dom Quixote e demonstre como ele estava longe de ser considerado um herói de seu tempo.

REFLEXÃO

- Quais elementos do passado você gostaria que permanecessem em nossa época? Explique...
- Descreva três teorias da conspiração e responda porque há pessoas que acreditam nelas:
- Como você chamaria uma pessoa que levanta uma bandeira em prol de uma causa que você julga impossível de ser alcançada? Escolha ao lado um adjetivo e explique por que o escolheu.

- Ingênuo (a)
- Ignorante
- Herói ou heroína
- Sábio (a)
- Louco (a)

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 1 - INTRODUÇÃO



TAREFAS

Iremos ler os cinco primeiros capítulos do Romance Dom Quixote de Miguel de Cervantes. Para isso usaremos uma versão adaptada da editora “Pé da Letra”. Nessa edição cada capítulo tem entre 2 e 3 páginas. Vocês serão divididos em 5 grupos e cada grupo ficará responsável por apresentar um dos capítulos aos colegas. Caso queiram ler todo o romance, fiquem a vontade, pois essa adaptação tem apenas 240 páginas.

TAREFA 1

LEITURA EM GRUPO APRESENTAÇÃO ORAL

Como será a apresentação?

A apresentação será oral. Nos reuniremos em círculo e eu farei perguntas aos membros de cada grupo, de forma aleatória. As perguntas se organizarão conforme os acontecimentos narrados nos respectivos capítulos. Ao final das apresentações todos saberão o que ocorreu nesses 5 capítulos.

TAREFA 2

LEITURA EM GRUPO VÍDEO ENTREVISTA

Como será a apresentação?

O grupo se reunirá para gravar um vídeo sobre o capítulo que ficou responsáveis de ler. O vídeo deverá ter entre 2 e 6 minutos. O vídeo deverá ter o formato de entrevista. Um dos membros do grupo ficará responsável por fazer perguntas referentes ao capítulo que leu enquanto os outros deverão responder. Todos os alunos do grupo devem participar ou como entrevistadores ou como entrevistados.

TAREFA 3

VER O VÍDEO E ESCREVER

Como será a apresentação?

Como é explicado no vídeo, o anacronismo, no campo da História é um erro, mas como um exercício reflexivo é possível usar nossa imaginação para refletir sobre o que poderia acontecer com esse personagem caso ele vivesse nos dias de hoje. Assista o vídeo novamente e baseado nele, escreva um texto de no mínimo 3 parágrafos, descrevendo o que poderia ter ocorrido com Dom Quixote após sua saída em busca de ser um cavaleiro andante, caso ele fosse um personagem do nosso tempo. A atividade é individual e você deverá ler o seu texto na aula marcada pelo professor.



CADERNO DE ATIVIDADES

2



REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE

ASSISTA AO VÍDEO
aqui →



ATIVIDADES IMPRIMÍVEIS PARA OS ESTUDANTES

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



O QUE VOCÊ SABE SOBRE A ESPANHA?

1- QUANTAS LÍNGUAS SÃO OFICIALMENTE RECONHECIDAS?

- A. Seis
- B. Duas
- C. Uma

2- QUAL O TIME DE FUTEBOL MAIS CARO DO MUNDO?

- A. Barcelona
- B. Real Madrid
- C. Atlético de Madrid

3- EM QUANTOS PAÍSES O ESPANHOL É FALADO COMO LÍNGUA PRINCIPAL?

- A. 17
- B. 21
- C. 12

4- QUE FRUTA É USADA PARA ATIRAR NAS PESSOAS DURANTE O MAIOR FESTIVAL DE GUERRA DE COMIDA DO MUNDO?

- A. Uvas
- B. Melancias
- C. Tomates

5- POR QUAL DANÇA A ESPANHA É CONHECIDA?

- A. Salsa
- B. Quadrilha
- C. Flamenco

6- QUAL DAS SÉRIES ABAIXO NÃO É DA ESPANHA?

- A. Vis-a-vis
- B. La casa de Papel
- C. Bitter Daisies
- D. Prisma

PARTE 2

O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?



- A. Conquista da América
- B. Derrota da Invencível Armada espanhola
- C. Batalha naval de Lepanto
- D. O grande incêndio de Lisboa

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?



- A. Chegada dos espanhóis na América
- B. Retorno de Colombo à Espanha como herói
- C. Descobrimto do Brasil
- D. A conquista dos EUA

O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?



- A. Filipe III, Rei da Espanha no início do século XVII
- B. Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote
- C. Soldado Espanhol na batalha de Lepanto
- D. Dom Quixote montado em seu Rocinante

O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?



- A. Dom Quixote e Sancho Pança
- B. Membros da monarquia espanhola
- C. Dois nobres espanhóis
- D. Dois soldados da Armada Espanhola

O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?



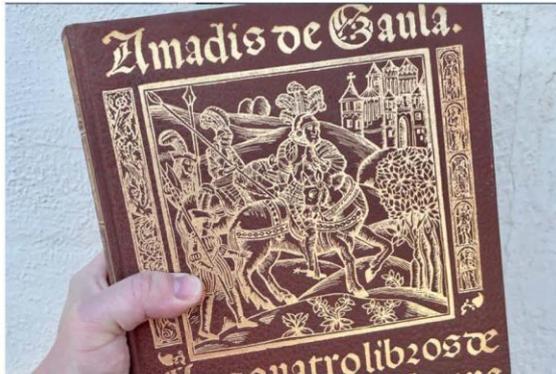
- A. Territórios conquistados pelos espanhóis no Século XVI
- B. Territórios portugueses após a quebra do tratado de Tordesilhas
- C. Império espanhol no final do Século XVI
- D. Territórios após a União Ibérica sob a coroa portuguesa

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



O QUE ESSA IMAGEM REPRESENTA?



- A. Dicionário Espanhol-Latim do século XVI
- B. Edição em Latim de Dom Quixote
- C. Bíblia Sagrada do século XVI
- D. Um Romance de cavalaria do Século XVI

2- DISCUSSÃO

O que as palavras a seguir representam para você? Você as usa frequentemente?

- IDADE-MÉDIA
- MODERNIDADE
- CRÍTICA
- CAVALARIA
- IMPÉRIO

3- DESAFIO

Em grupos ou duplas, escreva um parágrafo contendo todas as palavras ao lado:

Regras:

- Cada grupo ou dupla deve apresentar um texto, apenas.
- Cada palavra deve aparecer ao menos uma vez no seu texto.
- As palavras podem ser usadas em qualquer ordem

4- MINHA EXPERIÊNCIA

1. O quê você sabe sobre a História da Espanha?
2. Por que a língua espanhola é falada em mais de 20 países ao redor do mundo?
3. O que estava acontecendo na Europa na virada do século XVI para o XVII?



5- ENQUANTO ASSITE

Tome notas sobre as principais características da Espanha nos tempos de Cervantes.

6 - DEPOIS DE ASSISTIR

- Quais são as características do romance descritas no vídeo?
- Como o narrador descreve a Espanha na época da publicação do romance Dom Quixote?
- O que Miguel de Cervantes critica em seu romance Dom Quixote? Dê exemplos.
- Como a figura de um velho fidalgo delirante pode revelar a verdade sobre o que a Espanha vinha passando naquele momento?

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



7 Debate

a

Defenda o Império espanhol: Imagine que o rei da Espanha, Felipe II, quer invadir seu maior concorrente comercial, a Inglaterra. Seu objetivo é criar argumentos para convencer os nobres espanhóis a doarem dinheiro para essa empreitada.

b

Você é contra a invasão: A coroa espanhola está requisitando recursos de sua corte para invadir um de seus maiores adversários comerciais nos mares. Reúna seu grupo e crie argumentos para rebater os argumentos a favor da invasão da Inglaterra.



REFLEXÃO

- O que as preferências literárias de uma época podem revelar sobre uma determinada população?
- Como os impérios surgem e caem?
- Vamos falar sobre as representações da Espanha via Dom Quixote: Como Cervantes utilizou a figura de Dom Quixote para criticar e revelar a situação política e cultural da Espanha?
- Considere como a narrativa de um "louco delirante" expõe as tensões e desilusões da sociedade espanhola daquele período. Você vê algo semelhante na nossa época?

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



Analise os seguintes memes inspirados em Dom Quixote

A Literatura foi uma forma muito eficiente de crítica social na época de Cervantes, tanto que seu romance continua significativo até hoje. A seguir, analisaremos algumas representações atuais que utilizaram a referência de Dom Quixote.

TAREFA 1



Como será a apresentação?

Analise os memes ao lado, ou algum outro que você conheça e explique à sala o que eles representam: Após estudar a mensagem visual, apresente suas conclusões, respondendo às seguintes perguntas do(a) professor(a):

- Como a imagem aborda Dom Quixote?
- O que a imagem está criticando?
- Que tipo de metáfora podemos encontrar na imagem? Dê exemplos.

TAREFA 2



Como será a apresentação?

Analise as tirinhas ao lado ou alguma outra que você conheça e explique à sala o que elas representam: Após estudar a mensagem visual, apresente suas conclusões. Respondendo às seguintes perguntas:

- Como a imagem aborda Dom Quixote?
- O que a imagem está criticando?
- Que tipo de metáfora podemos encontrar na imagem? Dê exemplos.

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



TAREFA 3

Analise os seguintes memes inspirados em Dom Quixote

A Literatura foi uma forma muito eficiente de crítica social na época de Cervantes, tanto é que seu romance tem relevância até os dias de hoje. Quais são as formas mais eficazes de denúncia atualmente? Em grupo, analise alguns usos contemporâneos da crítica apresentada por Dom Quixote.



Djonga
Dom Quixote (2022)



Engenheiros do Hawaii
Dom Quixote (2003)



Milton Nascimento
Don Quixote (1988)

Como será a apresentação?

- O grupo se reunirá para ouvir uma das canções sugeridas ao lado, ou alguma outra de que o próprio aluno tenha conhecimento e tenha como título “Dom Quixote,” ou que, mesmo não tendo esse título, faça referência a esse personagem. Após estudar a letra da música, o grupo apresentará suas conclusões em aula respondendo às seguintes perguntas do(a) professor(a):
- Como a letra da canção aborda Dom Quixote?
- O que a música está criticando?
- Que tipo de metáfora podemos encontrar na letra? Dê exemplos.

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 2 – A ESPANHA NOS TEMPOS DO QUIXOTE



VAMOS CONVERSAR UM POUCO

- O que é loucura?
- Você conhece algum louco?
- Dê exemplos de representações de loucos que você conhece. Um personagem de um livro, de uma série ou de um filme.

VAMOS CRIAR UMA REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA

- Individualmente ou em duplas crie a imagem de um louco.
- O desafio não é conhecer sua representação da loucura e não avaliar sua capacidade de desenhar use o espaço abaixo:

TAREFA 4



CADERNO DE ATIVIDADES

3



REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 3 - LOUCURA E LITERATURA

ASSISTA AO VÍDEO
aqui →



ATIVIDADES IMPRIMÍVEIS PARA OS ESTUDANTES

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 3 - LOUCURA E LITERATURA



VAMOS LER UMA TIRINHA



95

- Por que você acha que Calvin está usando uma fantasia?
- Por que uma das personagens que era vizinha de Calvin disse não o conhecer?
- Você acha que Calvin está sofrendo preconceito por ter uma mente muito imaginativa?
- Se Calvin fosse um homem adulto e fizesse o mesmo, como acha que as pessoas o chamariam?
- Como os loucos são tratados hoje?
- Baseado no que vimos até o momento sobre Dom Quixote, como você acha que o louco era tratado em sua época, início do século XVII?

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 3 - LOUCURA E LITERATURA



1 IMAGENS & REPRESENTAÇÕES



Imagem em alta definição:
Extração da Pedra da
Loucura de Hieronymus
Bosch - Museu do Prado,
Madrid.



mo,” no qual o paciente era supostamente curado da sua “estupidez” ao ter uma pedra removida de sua cabeça, a pedra da loucura. O tema da pintura, juntamente com o seu formato circular, poderia remeter de certo modo a um espelho que devolve ao mundo a imagem da sua própria estupidez, ao desejar superá-la desta maneira,” (Matias, 2015, p.64), ou seja, com essa obra, Bosch nos convida a olhar para a insensatez humana, talvez querendo nos dizer o quão tolos podemos ser ao nos submetemos a procedimentos insalubres sob a custódia de figuras de autoridades que não passam de charlatões e tolos eles próprios. Essa mesma característica crítica e provocativa em relação a certos comportamentos humanos pode ser observada em A Nave dos Loucos, ou Nau dos Insensatos.

Apesar das diversas interpretações sobre a simbologia contida nessa obra, uma característica parece convergir entre elas. Trata-se de uma representação da estupidez, simbolizada pelo paciente que se submete à prática do charlatanismo, cujo símbolo é o falso cirurgião. Nos tempos de Bosch, o pintor dessa obra, a operação da extração da pedra era vista como uma “espécie de charlatanis-

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE

VÍDEO 3 - LOUCURA E LITERATURA



Vídeo da obra “A Nave dos loucos de Hieronymus Bosch - Museu do Louvre, Paris. Vídeo institucional.

Assista o vídeo institucional do Museu do Louvre, mostrando em detalhes a pintura medieval de Hieronymus Bosch. Analise os personagens nela retratados e depois responda as seguintes perguntas

1. Por que a pintura se chama A Nave dos loucos?
2. Descreva o que você achou da pintura com apenas um adjetivo. Explique...
3. Quantas pessoas você vê na imagem?
4. Descreva quem são os protagonistas em primeiro plano

3- DISCUSSÃO

Vamos discutir sobre as palavras opostas apresentadas abaixo. Dê exemplos de personagens de ficção que podem ser rotuladas dentro dos seguintes conceitos:

LOUCURA - LUCIDEZ
HUMOR - TRAGÉDIA

4- ESTABELEÇA A CONEXÃO

Leia o texto e estabeleça a conexão entre esses dois conceitos: **Renascimento e humanismo.**

O termo Humanismo surgiu no século XVI para designar as atitudes renascentistas que enfatizavam o homem e sua posição privilegiada na Terra. A própria denominação de Renascimento também só começou a ser empregada a partir do século XVI, para designar a retomada do pensamento e das formas de expressão da Antiguidade Clássica. O Humanismo é comumente definido como um empreendimento moral e intelectual que colocava o homem no centro dos estudos e das preocupações espirituais, buscando construir o mais alto tipo de humanidade possível. É preciso ressaltar, no entanto, que os humanistas não seguiam uma única filosofia, ou seja, não formavam um grupo homogêneo. Em comum, compartilhavam apenas o entusiasmo pelo estudo dos clássicos gregos e latinos.

5- MINHA EXPERIÊNCIA

1. O que você sabe sobre a Loucura na Europa do Século XVII?
2. Como são vistos os loucos hoje?
3. De que forma uma obra literária pode revelar os costumes de uma época, incluindo como os loucos são tratados?



6- ENQUANTO ASSITE

Tome notas sobre as representações da loucura em diferentes épocas

7 - DEPOIS DE ASSISTIR

- Como o louco era representado no final da Idade Média?
- Como a loucura era vista no início do século XVII, quando Dom Quixote foi publicado?
- Como uma obra literária pode servir como documento histórico para se compreender os modos de vida de uma época?
- Como o louco é tratado hoje em dia no nosso país? Faça um paralelo com o que temos visto nessas aulas.

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE VÍDEO 3 - LOUCURA E LITERATURA



8 Debate

a

Você está em total acordo com a frase atribuída a Dom Quixote no meme ao lado. Crie argumentos persuasivos para defendê-la.

b

Você não concorda com a frase atribuída a Dom Quixote no meme ao lado. Crie argumentos persuasivos para dizer o quão incoerente ela é.



Citações
em Preto
e Branco

"Mudar o mundo, meu amigo Sancho, não é loucura, não é utopia, é justiça!"

Dom Quixote

REFLEXÃO

1. O que significa para uma obra ficcional ser uma metáfora de seu tempo.
2. Qual seria então uma provável metáfora de nosso tempo?
3. O que é para você ser chamado de um "Dom Quixote"?

TAREFA 1

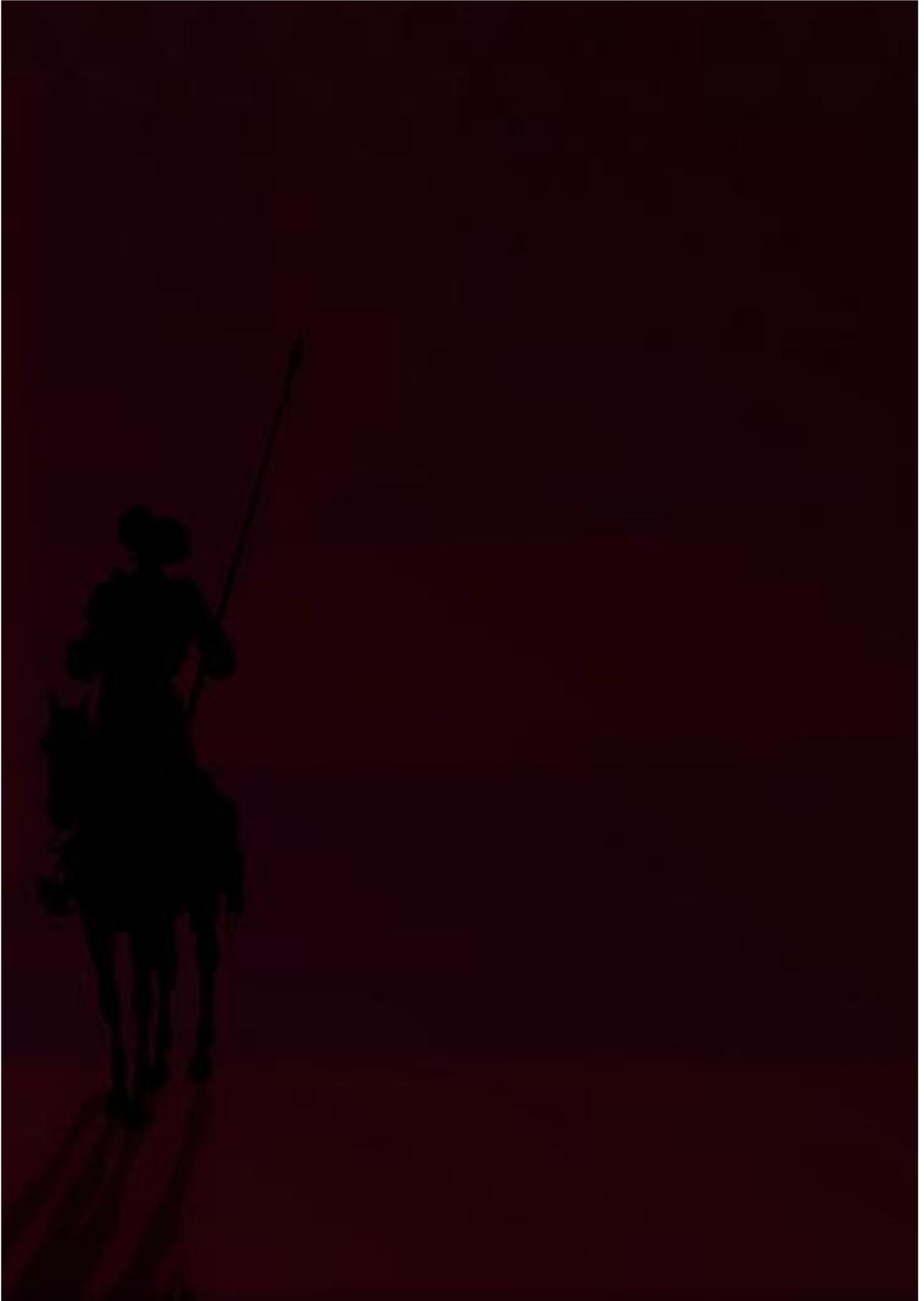
VER O VÍDEO E FAZER UM VÍDEO RESPOSTA

Após assistir aos três vídeos, é hora de produzir seu próprio vídeo resposta. O vídeo deve ser feito no intuito de responder aos questionamentos levantados pelo narrador.

COMO SERÁ A APRESENTAÇÃO?

O grupo se reunirá para gravar um vídeo resposta para as perguntas feitas ao final do vídeo 3. O vídeo deverá ter entre 2 e 6 minutos. Todos os alunos do grupo devem participar de alguma forma.







PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
Mestrado Profissional

PARTE II
REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE:
UMA CONEXÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

3.1 INTRODUÇÃO

Há abundantes representações da loucura na história da literatura mundial, mas é em *Dom Quixote de La Mancha* (1605/1615), do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), que sua manifestação se torna um modelo de crítica social através da literatura. O protagonista do romance de Cervantes tem um projeto de vida incompatível com o seu tempo. Defende fervorosamente pautas decadentes e obsoletas, encarnando, assim, uma cômica metáfora ao representar a decadência do império espanhol que passava por uma crise política, religiosa e econômica naquele momento – início do século XVII.

Dentro de uma perspectiva de História cultural, buscamos entender como as representações da loucura no romance de Cervantes evidenciavam a realidade daquele período. Para entendermos as representações da loucura naquela época, no tópico inicial, introduziremos ao leitor o contexto histórico da Espanha do final do século XVI e início do XVII.

No tópico seguinte, trataremos da publicação e recepção do romance para os contemporâneos de Cervantes, que consideram Dom Quixote uma figura risível, um sujeito alheio à realidade. Uma visão muito diferente de leituras posteriores, que em alguns casos apresentavam-no como uma pessoa por demais sensata, um visionário que enxergava a realidade que ninguém mais via.

Em seguida, trataremos da loucura no início da modernidade, dialogando com obras do final do Medievo que representavam a loucura de formas distintas e que criaram as condições necessárias para as representações da loucura vigentes no início do século XVII, como as pinturas de Hieronymus Bosch (1450 – 1516): *A extração da pedra da loucura* (cerca de 1475) e *A nau dos loucos* (cerca de 1490); além do ensaio filosófico *Elogio da loucura* (1509), de Erasmo de Rotterdam (1466-1536).

“As primeiras manifestações da loucura de Quixote e a metáfora de um tempo” é o próximo tópico, no qual analisaremos a primeira saída de Quixote pelo mundo em busca de aventuras, quando ele é armado cavaleiro em uma estalagem que pensava ser um castelo. Nesse ponto, discutiremos como a obra literária assume a incumbência de “imprimir” um momento histórico, servindo como valioso documento para a análise do historiador. Todos esses tópicos nos direcionarão para a compreensão de como Cervantes criou sua crítica usando a loucura de Dom Quixote como uma metáfora da Espanha de seu tempo.

3.2 A ESPANHA NOS TEMPOS DE DOM QUIXOTE

Nascida em certo contexto histórico, a grande obra-de-arte, embora dependente dele, ainda assim o supera (Rosenfeld, 1996, p.145).

Para entendermos a base das construções metafóricas por trás da crítica de Cervantes a seu tempo, é necessário voltar o olhar ao contexto histórico que permitiu que ela surgisse. Devemos ter em mente que o século XVI viu a Espanha se tornar o maior império ultramarino já visto. Com a conquista do Novo Mundo, o domínio das rotas comerciais marítimas e a anexação de Portugal e seus territórios, a Espanha da década de 1580 era muito similar ao que chamamos hoje de superpotência (Schaub, 2004, p.98).

O ímpeto expansionista espanhol pode ser observado desde a união dos reis católicos, mas só se tornou política de Estado com a ascensão da dinastia Habsburgo ao trono a partir do casamento de Joana I (1479-1555) com Filipe I (1478-1506) – herdeiro do Sacro Império Romano Germânico – pois, a partir desse momento, é possível notar um projeto imperial sendo construído. Segundo Jane Burbank e Frederick Cooper (2019), tanto o império otomano quanto o império espanhol – que se rivalizavam na conquista de territórios no norte da África – se inspiravam em “visões proféticas” que indicavam que suas dinastias governariam “todo o mundo conhecido”. Se para os otomanos a conquista de Constantinopla em 1453 significava o cumprimento de um destino que remontava a Alexandre, o Grande, “para os Habsburgos, a vitória sobre último califado muçulmano de Granada em 1492 e a unificação dos reinos espanhóis com o Sacro Império Romano representavam passos rumo a um império cristão universal” (Burbank; Cooper, 2019, p. 219).

Carlos V (1500-1558) – ou Carlos I da Espanha – se tornou rei de Castela em 1516 com a morte de Fernando II de Aragão¹(1452-1516) e em 1519 se tornou imperador do Sacro Império Romano-Germânico após a morte de seu avô Maximiliano I (1459-1519). O fato de seu poder decorrer da volatilidade política daquele período não o impediu de sonhar com a construção de uma nova Roma.

Carlos V, apesar de não ter tido uma vivência em território espanhol, foi o monarca que estabeleceu a centralidade do império e passou a explorar suas posses no Novo Mundo, políticas que foram continuadas e intensificadas por seu filho Filipe II (1527-1598). A ambição imperial

¹ **Fernando II de Aragão** (1452 -1516) governou Castela como regente de sua filha Joana I (1479 -1555), herdeira legítima do trono de sua mãe Isabel I (1451 – 1504). Conhecida pela alcunha ‘Joana a Louca’, foi declarada incapaz de governar em 1508, por supostamente sofrer de distúrbios mentais. Com a morte de Fernando II em 1516, Carlos V, filho mais velho de Joana I, divide o trono com sua mãe até a morte dessa em 1555.

da monarquia espanhola era alimentada, em grande medida, por suas crenças religiosas que vislumbravam uma hegemonia católica mundial sob o governo dos Habsburgos e pelo empenho individual de caçadores de riquezas no novo mundo. Segundo Burbank e Cooper “o expansionismo imperial espanhol dependia dos indivíduos aventureiros que reuniam capital e forças militares para fincar a bandeira do rei em outras terras” (Burbank; Cooper, 2019, p. 231). É importante mencionar, no entanto, que os viajantes que partiam para a América não compartilhavam das aspirações imperiais de seus monarcas,

Os homens que partiram da Europa e cruzaram os mares nos Séculos XV e XVI não tinham como objetivo a criação de “impérios mercantes” ou um “colonialismo ocidental”. Eles buscavam riquezas fora de um continente onde as ambições de maior vulto eram limitadas por tensões entre monarcas e senhores feudais, por conflitos religiosos e pelo bloqueio otomano do leste do Mediterrâneo (Burbank; Cooper, 2019, p.275).

Mesmo com objetivos distintos, tanto a crença profética dos Habsburgos quanto o ímpeto aventureiro e mercantilista dos navegadores ajudaram a consolidar o expansionismo espanhol a partir do século XVI. Para atingir o grau de hegemonia que tinha nos mares, a Espanha contava com uma poderosa marinha, responsável pela manutenção e expansão de seu império ultramarino. O próprio Miguel de Cervantes serviu à coroa espanhola como soldado na batalha de Lepanto (1571). Lepanto foi um marco importante para a monarquia espanhola, pois deu fim à expansão islâmica no Mediterrâneo. Segundo o historiador contemporâneo de Cervantes, Luis de Mármol y Carvajal (1524-1600), esta “foi a maior vitória naval que a Espanha já havia alcançado até então” (Mármol apud. Thompson, 2004, p.160).

Ao analisarmos as questões sociais e políticas dos tempos de Cervantes, é importante levarmos em conta a complexidade e a diversidade que esse tema evoca (Feros, 2004, P. 61). Afinal, estamos falando de um imenso império comercial administrado por uma monarquia católica tradicional em um mundo repleto de vieses ideológicos, que demandava mudanças. Antonio Feros, nos esclarece que:

Cervantes y sus contemporáneos, sin embargo, tenían una conciencia más clara del dinamismo del mundo político en el que habitaban. Todos los de su generación eran conscientes de que vivían en una sociedad donde era muy intenso el debate político relativo a en qué medida las estructuras e ideologías creadas durante el reinado de los Reyes Católicos seguían sirviendo a las cambiantes necesidades de una monarquía global y que afrontaba grandes retos internos.²(Feros, 2004 p.61)

² Cervantes e os seus contemporâneos, porém, tinham uma consciência mais clara do dinamismo do mundo político em que habitavam. Todos de sua geração tinham consciência de que viviam numa sociedade onde o debate político era muito intenso sobre até que ponto as estruturas e ideologias criadas durante o reinado dos

Como podemos ver, os contemporâneos de Cervantes já debatiam as posturas ideológicas seguidas pelos seus governantes e não ignoravam a necessidade de mudanças. Cervantes viveu sob o reinado de Filipe II (1527-1598) e viu Filipe III (1578-1621) ascender ao poder em 1598. O novo governo herdou de seu antecessor, não apenas um vasto território global, mas também, sequelas de campanhas desastrosas. Devemos mencionar que a última década do reinado de Filipe II foi marcado por uma série de derrotas político-militares.

A derrota militar mais emblemática de Filipe II ocorreu em 1588, quando sua “Invencível Armada” é derrotada pela marinha de Elizabete I (1533-1603) com ajuda de uma tempestade traiçoeira em águas inglesas. Em 1598, o monarca perdeu qualquer pretensão de influência na ascensão ao trono francês ao assinar o tratado de Vervins³, garantindo a Henrique IV – convertido ao catolicismo – total soberania sobre o reino da França. Enfraquecida por essas e outras derrotas político-militares, a Espanha perde seus últimos domínios nos países baixos. John H. Elliott diz que as políticas dos últimos anos de governo de Filipe II demonstram que, “até a vontade do Rei de Espanha teve de se curvar perante a dura realidade de um tesouro vazio e de uma nação exausta” (Elliott, 2002, p.215).

Filipe III assume um país militarmente arruinado e praticamente falido, além de estar vivendo um período de “desilusão nacional” (Elliott, 2002). Podemos dizer que a geração de Miguel de Cervantes estava ciente de que vivia em um mundo em crise, “em um período de transformação e incerteza econômica, social e política” (Feros, 2004, p.62).

A monarquia, como instituição, permanecia forte entre os contemporâneos de Cervantes. Segundo Antonio Feros (2004), nos primeiros anos do século XVII o “fundamento central” da política espanhola era a “aceitação generalizada” de que o sistema monárquico hereditário era a melhor forma de governo possível (Feros, 2004, p.64). Em geral, também não se questionavam os privilégios dos estratos superiores da sociedade, como a nobreza e o clero (Vincent, 2004, p.288).

Segundo Bernard Vincent (2004), a Espanha do final do século XVI tinha “uma nobreza numerosa, porém não muito homogênea.” Segundo sua estimativa, havia nesse período “18 duques, 38 marqueses e 43 condes”. Isso nos dá uma média da concentração de renda desse

Reis Católicos continuavam a servir as necessidades de mudança de uma monarquia global que enfrentava grandes dificuldades internas. (tradução minha)

³ Em seu livro, *Espanha Imperial 1469-1716*, J.H. Elliott fala sobre alguns relatos do momento em que Filipe II assinou o tratado em 2 de maio de 1598, com a presença dos representantes de Henrique IV da França, na cidade de Vervins. Tais relatos diziam que o rei da Espanha estava tão “murcho e magro” que achavam impossível que vivesse por muito mais tempo. O que se confirmou, pois Filipe II morreu no dia 13 de setembro daquele mesmo ano.

período, pois “todos poseían una fortuna importante, una media de unos 20.000 ducados de renta anual, mientras que un jornalero agrícola debía trabajar cinco días para conseguir uno solo de esos ducados” (Vincent, 2004, p. 288-289).⁴ A figura do hidalgo (fidalgo em português), classe à qual pertencia Dom Quixote, era mais numerosa, “cerca de 10% da população espanhola” na estimativa do autor (Vincent, 2004, p.290). Essa classe se encontrava em uma posição intermediária e, até certo ponto ambígua, na hierarquia espanhola do Século de Ouro⁵. Segundo José Montero Riguera (2006), a classe dos fidalgos “se situava entre dois extremos,” a pobreza por um lado e a nobreza por outro. “Nessa época ser fidalgo (especialmente de povoado [como é o caso de Dom Quixote]) significava, na maior parte das vezes, ostentar uma nobreza que não podia ser sustentada economicamente [...]” (Montero Riguera, 2006. p.20).

A sociedade espanhola nos tempos de Cervantes também era essencialmente marcada por um tipo de catolicismo de Estado que, em linhas gerais, constituía uma ferramenta de padronização social levada a cabo pelo numeroso clero. Bernard Vincent (2004) nos fala de ao menos “cem mil pessoas” com funções clericais na Espanha do final do século XVI, isso representava “1,5% da população de todos os reinos espanhóis”. O autor explica que apesar das recorrentes tentativas de expulsar os muçulmanos dos reinos ibéricos, da complicada relação com os judeus e da luta direta perpetrada contra os reformadores protestantes, principalmente nos Países-baixos, vinha se criando uma tolerância religiosa na Espanha do início do século XVII, permitindo que muçulmanos e judeus se convertessem ao catolicismo à custa de altas pagas em dinheiro. Como efeito dos tratados de paz assinados com a França (1598) e a trégua firmada com os Países-baixos (1604), foi permitida a circulação de protestantes no reino.

As tensões sociais presenciadas por Cervantes e seus contemporâneos estavam, portanto, ligadas a essas dicotomias entre a tradição disciplinadora, que propagava um catolicismo de Estado e a possibilidade da aceitação, que mesmo que de forma limitada assegurava o direito de existência do outro. Sobre isto, Bernard Vincent sintetiza

Tentaciones encontradas empujan en sentidos opuestos a la sociedad de la época del Quijote, una sociedad marcada por la gran empresa de poner disciplina en las creencias y los comportamientos a la vez que por los espacios de libertad cada vez más numerosos que encierra; por la fascinación ejercida por los modelos tradicionales

⁴ Todos tinham uma fortuna significativa, uma média de cerca de 20.000 ducados de rendimento anual, enquanto um trabalhador agrícola tinha de trabalhar cinco dias para obter apenas um desses ducados. (tradução minha)

⁵ Utilizaremos o termo Século de Ouro ou *Siglo de Oro* em espanhol, por ser mais difundido pela maioria dos autores que pesquisamos, mas o fato de se tratar de um período que se estende por dois séculos (entre séc. XV e XVII) alguns autores – como Francisco Rico – preferem tratá-lo de *Siglos de Oro*, no plural.

y por su cuestionamiento; por la reivindicación de una identidad fuerte y por la constante formulación de las dudas que le atañen (Vincent, 2004, p.306-307).⁶

Estamos falando, portanto, de um período paradoxal. Feros (2004) aponta que ao mesmo tempo em que a monarquia mantinha e fortalecia sua hegemonia como forma de governo irrefutável, entre 1580 e as primeiras décadas do século XVII havia uma “sensação” de que a monarquia da Espanha estava passando por “uma das mais importantes crises desde o fim do século XV” (Feros, 2006, p.67). Essa constatação não é uma contradição do autor; a crise em questão, não afetava a representação monárquica como governo legítimo, mas sim suas decisões e atitudes políticas que eram questionáveis. Os contemporâneos de Cervantes apontavam “a perda do equilíbrio nas estruturas sociais e políticas”. Escritores do período apontavam vários problemas com a estrutura política da monarquia, como tendências “despóticas” ao concentrar grande parte do poder e até mesmo uma “sacralização” da figura do rei (Feros, 2006, p.69).

Schaub (2006) também aponta que esse período está repleto de “contrastes” e “ambiguidades,” destacando o fato de que no período que coincide com a publicação de *Dom Quixote*, o “domínio espanhol” no mundo vinha sendo confirmado, ao mesmo tempo que se construía a “tomada de consciência de seus próprios limites” (Schaub, 2006, p. 99). Antonio Feros (2004) acrescenta que “La impresión entre los contemporáneos de Cervantes, pues, es la de asistir a un momento de cambio político, definible en sus causas y orígenes” (Feros, 2006, p. 68).⁷

Mas, quem eram os contemporâneos de Cervantes? Quem eram os homens e mulheres que caminhavam e trabalhavam pelos campos ibéricos na transição do século XVI para o XVII? Segundo Javier Salazar Rincón (1986), a Europa do final do Século XVI, salvo algumas exceções bem pontuais, parecia-se com “um vasto reino semifeudal”. Isso quer dizer que a nobreza mantinha um “sólido poder”, desfrutava de uma grande riqueza e ostentava uma vida de luxo com vestimentas caras, casas luxuosas e um grande número de serviços (Rincón, 1986, p.17).

O romance *Dom Quixote* descreve uma sociedade em movimento constante, algo bem distante da noção de isolamento feudal. Durante suas andanças, o Cavaleiro da Triste Figura se encontra com diversos tipos que atravessavam o seu caminho. A região de La Mancha, nos

⁶ Tentações conflitantes empurram a sociedade da época de Dom Quixote em direções opostas, uma sociedade marcada pelo grande esforço de disciplinar as crenças e os comportamentos, bem como pelos, cada vez mais numerosos espaços de liberdade; pelo fascínio exercido pelos modelos tradicionais e pelo seu questionamento; pela reivindicação de uma identidade forte e pela formulação constante das dúvidas que lhe dizem respeito. (tradução minha)

⁷ A impressão entre os contemporâneos de Cervantes é a de testemunhar um momento de mudança política, definível nas suas causas e origens. (tradução minha)

dizeres de Vincent, era “uma grande encruzilhada” onde homens e mulheres de todas as partes contavam suas experiências, “propagavam notícias verdadeiras ou falsas” sobre os acontecimentos até mesmo nos menores vilarejos (Vincent, 2006, p.281). Vincent rebate a ideia, corrente em certos círculos historiográficos, de que esse período era marcado sobretudo por uma imobilidade e isolamento, afirmando que “toda la sociedad se veía afectada por los desplazamientos. Esta es la razón por la cual me parece tan discutible afirmar que la sociedad española de fines del siglo XVI y principios del XVII se caracterizó por el aislamiento y el inmovilismo” (Vincent, 2006, p.288).⁸

Outro fator importante para caracterizar a sociedade espanhola do período é a estimativa de que três-terços da sociedade espanhola viviam no meio rural (Vincent, 2004, p. 280). O romance corrobora isso ao constatar a falta de referências às capitais dos reinos espanhóis.⁹ Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança passam quase toda a narrativa caminhando pelos interstícios manchegos, e grande parte daqueles que cruzavam seu caminho eram figuras campesinas, como lavradores e pastores.

No campo das artes, a Espanha vivia o *Siglo de Oro*, período entendido como o auge da produção cultural espanhola. A literatura espanhola desse período, além de Cervantes, produziu nomes como Lope de Vega (1562-1635), figura robusta da dramaturgia espanhola que escreveu centenas de peças. Além dele, Calderón de la Barca (1600-1681) se destacou, criando sua própria escola de dramaturgia. É importante mencionar que esse período viu o nascimento da estética maneirista na Espanha, com El Greco (1541-1614) sendo um dos grandes nomes da pintura desse estilo. A arte barroca também já se manifestava, principalmente na pintura, tendo como nome mais significativo desse movimento o sevilhano Diego Velázquez (1599-1660).

Miguel de Cervantes é fruto desse momento histórico. Um momento de mudanças nas formas de leitura do mundo. Tamaña ebulição, todavia, revelou contradições entre as estratégias políticas utilizadas pela monarquia católica da Espanha e o novo mundo que se descortinava diante daquela sociedade. A loucura de Dom Quixote seria uma forma de representação do mundo, baseada em uma economia imperial que dava sinais de falência a todo momento e em um ideal estético do Medievo em um mundo que já não o suportava.

É nesse sentido que J.H. Elliott descreve de forma bem objetiva sua interpretação do romance de Cervantes; para ele:

⁸ Toda a sociedade foi afetada pelos deslocamentos. Esta é a razão pela qual me parece tão discutível afirmar que a sociedade espanhola do final do século XVI e início do século XVII era caracterizada pelo “isolamento e imobilidade. (tradução minha)

⁹ Durante os reinados de Filipe II e Filipe III a capital do Império era Valladolid.

Foi neste clima de desilusão, de desilusão nacional, que Cervantes escreveu o seu *Dom Quixote*, [...]. Aqui, entre muitas outras parábolas, estava a parábola de uma nação que havia partido em sua cruzada apenas para descobrir que ela estava lutando contra moinhos de vento. No final foi a decepção, pois em última análise a realidade sempre invadiria a ilusão (Elliott, 2002, p. 221).

Mas será que os personagens que entraram em contato com o Cavaleiro da Triste Figura percebiam-no como um louco quando esse se apresentava como um cavaleiro andante? Afinal, o que era a loucura na virada do século XVI para o XVII? Como os contemporâneos de Cervantes recepcionaram o romance? Esses questionamentos nos guiarão no decorrer desse texto. Falaremos a seguir sobre a recepção do romance.

3.3 A PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO DO ROMANCE

Os acontecimentos envolvendo a publicação do romance estão muito bem documentados e por isso é possível estabelecer com precisão uma linha do tempo até sua publicação. Georgina Dopico Black, em seu artigo *La Historia del ingenioso hidalgo Miguel de Cervantes (2004)*, faz uma boa descrição cronológica dos fatos relacionados à publicação do primeiro volume do romance em 1605. Segundo ela:

A fines del verano de 1604, Cervantes escribe el prólogo del Quijote [...] Ese mismo año habría solicitado la pertinente licencia del Consejo de Castilla [...] A 26 de septiembre la licencia y privilegio fue otorgada por Juan de Amézqueta [...] Cuesta¹⁰ comenzó a imprimir tan pronto como se supo del privilegio real y completó la tirada de entre 1.500 y 1.750 ejemplares en escasamente dos meses. [...] El 'Testimonio de las erratas' lo firmó Francisco Murcia de la Llana el 1 de diciembre de 1604[...] la tasa de tres maravedís y medio por pliego — por un total de 290,5 maravedís — fue emitida el 20 de diciembre de 1604 (Dopico Black, 2004, pp.31-32).¹¹

Antes mesmo da publicação da segunda parte do *Quixote* em 1615, a primeira parte da obra já havia sido reeditada várias vezes nos reinos espanhóis e em outras nações. O historiador Roger Chartier, que já estudou essa obra em várias ocasiões e publicou vários artigos sobre o

¹⁰Juan de la Cuesta foi um impressor madrilenho, responsável por imprimir obras de Lope de Vega, Cervantes e outros autores importantes do “século de ouro”.

¹¹No final do verão de 1604, Cervantes escreveu o prólogo a *Dom Quixote* [...]. Nesse mesmo ano teria solicitado a licença necessária ao Conselho de Castela [...]. Em 26 de setembro, a licença e o privilégio foram concedidos por Juan de Amézqueta [...] Cuesta começou a imprimir assim que teve conhecimento do privilégio real e completou a tiragem de 1.500 a 1.750 exemplares em apenas dois meses. [...] O 'Testimonio de las erratas' foi assinado por Francisco Murcia de la Llana em 1º de dezembro de 1604[...] a taxa de três maravedís e meia por documento - para um total de 290,5 maravedís - foi emitida em 20 de dezembro 1604. (tradução minha)

tema, nos atenta para o fato de que o próprio romance trata de sua difusão. No capítulo III da segunda parte, Dom Quixote pergunta ao bacharel Sansón se era verdadeiro que havia um livro que contava sua história, no que lhe foi respondido. “Tão verdade, senhor — disse Sansón —, que tenho para mim que o dia de hoje já vão impressos mais de doze mil livros da tal história...” (Cervantes, 2017, p.72).

Chartier acredita ser possível que 12 mil exemplares tenham sido realmente colocados à venda durante este período, “ya que en esos años se publicaron nueve ediciones de la novela: tres en Madrid (dos en 1605, una en 1608); dos en Lisboa (ambas en 1605); una en Valencia en 1605; y una en Milán y dos en Bruselas (y no Amberes) en 1607 y 1611” (Chartier, 2004, p.130).¹² Acredita-se que a primeira tradução do *Quixote* para uma língua estrangeira foi feita para o inglês em 1612, pelo irlandês Thomas Shelton.

Ao considerar essas várias reedições, podemos notar que o romance *El ingenioso Hidalgo don Quijote de la Mancha* teve uma boa recepção entre seus contemporâneos, tornando-se bastante popular, mas o que sabemos das percepções que a história causou em seus leitores? É necessário considerar que o leitor da época de sua publicação não é o mesmo dos séculos vindouros e que por isso houve mudanças significativas na leitura que se fez desse romance no decorrer da história.

Em resumo, podemos dizer que no século XVII o *Quixote* foi recebido pelos leitores como uma figura cômica, pois, como diz Vieira (2016), a obra foi “concebida para suscitar o riso” (Vieira, 2016, p.19). Até mesmo em terras inglesas, onde as tragédias Shakespearianas faziam um grande sucesso, a figura caricata de Dom Quixote foi recepcionada como uma obra cômica e risível. Dale Randall afirma que, assim como na Espanha, os ingleses do início do século XVII receberam o romance como uma obra de puro entretenimento (Randall, 2009, p.16). A leitura do *Quixote* do Século XVIII parece ter permanecido relativamente dentro deste escopo, enquanto no século XIX, com o fortalecimento do movimento romântico na Europa, Dom Quixote torna-se uma figura heroica e detentora de uma sabedoria elementar, quase mística. Ana Teixeira Cruz diz que as “inquietações humanas” do século XIX e XX

[...]fizeram com que a obra de Cervantes ganhasse novos horizontes, como por exemplo o predomínio de uma leitura mais filosófica e simbólica do Quixote. Isso acabou favorecendo a criação de um mito em torno do Cavaleiro da Triste Figura, representando, em alguns casos, um “modelo exemplar” (Cruz, 2009, p.26).

¹²Já que naqueles anos foram publicadas nove edições do romance: três em Madrid (duas em 1605, uma em 1608); dois em Lisboa (ambos em 1605); um em Valência em 1605; e um em Milão e dois em Bruxelas (e não em Antuérpia) em 1607 e 1611. (tradução minha)

Ainda sobre a leitura romântica do *Quixote*, Maria Augusta da Costa Vieira acrescenta que este movimento tentou encontrar um “sentido trágico” para o fracasso das aventuras de Dom Quixote, por privilegiar os “princípios humanitários” em lugar de sua “loucura de ideia fixa,” (Vieira, 2016, p.22) ou seja, para o ideário romântico, o que devemos levar em conta é a vontade inquestionável de Dom Quixote de levantar a voz contra as injustiças do mundo. A autora ainda nos faz uma provocação: “cá entre nós, caro leitor, para a interpretação romântica visualizar o trágico num louco rematado seria tão paradoxal quanto encontrar razão no desatino” (Vieira, 2016, p.22).

As leituras do *Quixote* que chegaram até nós, portanto, sofreram distorções no decorrer da história e é importante nos aproximarmos das representações vigentes na época de sua produção, para sermos capazes de compreender como e por que Dom Quixote era visto como uma figura cômica e a leitura do romance provocava risos. Devemos ter em mente que o riso, assim como a loucura, aponta para um olhar crítico frente à realidade daquele período, e que, ao não considerarmos isso, podemos deixar passar em branco a crítica do autor e até mesmo deixar de notar as contradições sociais no cerne daquela sociedade paradoxal.

3.4 AS REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA DO FIM DO MEDIEVO AO INÍCIO DA MODERNIDADE E OS ANTECEDENTES DE DOM QUIXOTE

Em todos os lados, a loucura fascina o homem. As imagens fantásticas que ela faz surgir não são aparências fugidias que logo desaparecem da superfície das coisas. Por um estranho paradoxo, aquilo que nasce do mais singular delírio já estava oculto, como um segredo, como uma inacessível verdade, nas entranhas da terra (Foucault, 2019, p.22).

Nesse tópico, iremos explorar as representações da loucura durante o período inicial da modernidade. Ao examinar as transformações sociais, culturais e intelectuais que caracterizaram o período histórico que proporcionou um campo fértil para a concepção de *Dom Quixote*, é possível compreender os desdobramentos da concepção de loucura e suas representações na sociedade europeia, como um processo, e não somente um fato pontual sem nexos com representações pretéritas.

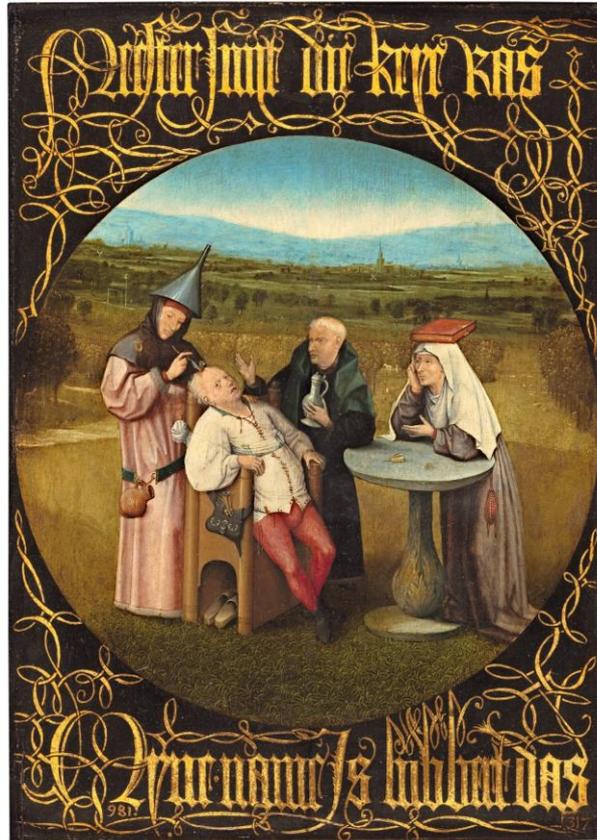
Devemos lembrar que a figura de Dom Quixote emerge em um contexto de conflito de gerações, onde as ideias e valores de uma época passada, como as ordens cavaleirescas, se chocam com a nova realidade de um mundo impregnado pelo ideal humanista e em rápida transformação.

Buscamos, portanto, explorar as interseções entre a construção da noção de loucura e a narrativa de Cervantes, destacando como os elementos culturais, filosóficos e artísticos que vinham sendo difundidos naquele período contribuíram para moldar a representação da insanidade de Dom Quixote dentro do imaginário popular. Entendemos o imaginário dentro da concepção de Pesavento, que diz que “os imaginários são construções sociais e, por tanto, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades, assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço” (Pesavento, 1997, p.13).

A chamada pintura medieval – ou pelo menos aquela produzida no final do Medievo entre os séculos XV e XVI – pode nos fornecer importantes contribuições para entender as representações da loucura em um estágio transitório da arte dedicada ao sagrado, predominante durante o período medieval, para as primeiras manifestações da Renascença que destacavam a figura humana e as relações sociais, além de explorar temas mais humanistas como a condição humana e o papel do indivíduo na sociedade. Apresentamos como contribuição, para compreender a temática proposta, devido à sua proeminência e capacidade de retratar o imaginário popular da Europa ocidental do final do século XV e início do XVI, as obras *Extração da pedra da loucura* (Figura 1) e *A Nau dos insensatos* (Figura 2) do holandês Hieronymus Bosch (1450-1516).

Filipe II da Espanha foi um grande apreciador da arte de Bosch, tendo adquirido várias de suas obras após a morte do pintor, por isso, boa parte das pinturas de Bosch preservadas até os dias de hoje são parte do acervo do museu do Prado em Madrid; dentre elas, o pequeno quadro *Extração da pedra da loucura*. Como grande parte das obras de Bosch, não há uma datação precisa, mas estima-se que fora produzida entre 1475 e 1480. Nessa obra de apenas 48cm x 35cm, há uma cena em que um homem de trajas campestres está sendo submetido a uma cirurgia craniana ao ar livre.

Figura 1



A Extração da Pedra da Loucura - Hieronymus Bosch
 Óleo sobre madeira - c. 1475-1480
 Museu do Prado, Madrid, Espanha

A imagem está representada dentro de um círculo, cuja borda é ornamentada com uma intrincada caligrafia, onde pode-se ler a seguinte inscrição: *Meester snyt die Keye ras, myne name is Lubbert Das* que significa “mestre, extrai-me a pedra rapidamente, o meu nome é Lubbert Das.” Há duas outras pessoas observando a cena, uma freira e um frade. A presença de membros do clero, é uma constante nas obras de Bosch desse período, geralmente em situações constrangedoras. Nesse caso, podemos notar que o frade segura um cântaro de vinho, que indica sua índole duvidosa.

Há uma série de simbolismos na imagem e na frase que a emoldura. Essa simbologia sempre gerou grandes discussões na comunidade dos historiadores da arte. A primeira controvérsia está no nome da obra; apesar de se chamar, *Extração da pedra da loucura*, o que o cirurgião retira da cabeça do paciente é uma flor. É bem difundido até hoje que a flor extraída da cabeça do protagonista da imagem, trata-se de uma tulipa; Maria Tsaneva aponta que a presença da flor era uma brincadeira com a palavra tulipa que no holandês do século XVI também carregava um sentido pejorativo para denominar “estupidez” ou “tolice” (Tsaneva, 2013, p. 17). Monteiro e Calado apontam, entretanto, que “a introdução da tulipa na Holanda é

muito posterior” (Monteiro; Calado, 2008, p.140). Enfim, qual seja o simbolismo por trás da presença dessa flor nessa pintura, ainda é motivo de discussões.

Outra alegoria está na cabeça do homem que executa o procedimento. O suposto cirurgião tem um funil invertido enfiado à cabeça, um “símbolo da alquimia” segundo Monteiro e Calado (2008), mas, é também visto como um “símbolo da estupidez” (Matias, 2015, p.63). O fato de o pintor ter escolhido um objeto alheio a função da medicina para ornamentar o cirurgião indica que se trata de um falso médico, um charlatão. A freira equilibra um livro em sua cabeça, podendo simbolizar, segundo Monteiro e Calado (2008) “um conhecimento, com pouco valor, porque não era transmitido pelo contacto directo com os mestres” (Monteiro; Calado, 2008, p.140).

Outra possibilidade é apontada por Matias (2015). Segundo a autora, o livro sobre a cabeça da religiosa “pode ser uma alusão à superstição e à ignorância, pelas quais o clero era fortemente acusado” (Matias, 2015, p.63). Outro simbolismo está no nome atribuído ao paciente na inscrição externa à imagem. O homem é chamado Lubbert, nome que, segundo Bosing, é frequentemente encontrado na literatura flamenga para caracterizar as pessoas extremamente estúpidas” (Bosing, 1991, p. 28). Matias também aponta para Lubbert Das como uma “personagem satírica da literatura holandesa que representava a estupidez” (Matias, 2015, p.64).

Apesar das diversas interpretações possíveis sobre a simbologia contida nessa obra, uma característica parece convergir entre elas; trata-se de uma representação da estupidez, simbolizada pelo paciente que se submete à prática, e do charlatanismo, cujo símbolo é o falso cirurgião. Walter Bosing aponta que nos tempos de Bosch a operação da extração da pedra era vista como uma “espécie de charlatanismo,” no qual o paciente era supostamente curado da sua “estupidez” ao ter uma pedra removida de sua cabeça. A pedra da loucura (Bosing, 1991, p.28).

Kamila Matias (2015) aponta que “o tema da pintura, juntamente com o seu formato circular, poderia remeter de certo modo a um espelho que devolve ao mundo a imagem da sua própria estupidez, ao desejar superá-la desta maneira” (Matias, 2015, p.64), ou seja, com essa obra, Bosch nos convida a olhar para a insensatez humana. Talvez querendo nos dizer o quão tolos podemos ser ao nos submetemos a procedimentos insalubres sob a custódia de figuras de autoridades que não passam de charlatões e tolos eles próprios. Essa mesma característica crítica e provocativa em relação a certos comportamentos humanos também pode ser observada em *A Nave dos Loucos*, ou *Nau dos Insensatos* (Figura 2).

Figura 2



A Nave dos Loucos - Hieronymus Bosch
Óleo sobre madeira - c. 1490-1500
Museu do Louvre, Paris

Essa outra obra muito conhecida de Bosch se encontra hoje no Museu do Louvre em Paris. Estima-se que foi pintada entre 1490 e 1504. Nessa pintura, Bosch traz à tona outra representação da loucura, na qual alguns indivíduos representando membros da sociedade se encontram em um barco à deriva, incluindo a figura caricata de um louco pendurado no cordame a desfrutar de alguma bebida. É possível observar três religiosos como figuras centrais: duas freiras e um frade. Essas figuras destoam de suas funções clericais, pois estão evidentemente entregues aos prazeres mundanos ao serem retratados cantando e tocando um instrumento popular. Como dissemos antes, criticar os membros do clero que apresentavam condutas imorais era um fato constante nas obras de Bosch daquele período. Matias afirma que “os vícios típicos dos conventos – como luxúria e gula – foram por ele amplamente denunciados” (Matias, 2015, p.61).

Esse tipo de denúncia, no entanto, não era particularidade de Bosch. O pintor estava reproduzindo em suas telas um sentimento compartilhado pelos seus contemporâneos. A autora acrescenta que as “críticas em relação ao comportamento da Igreja ganharam força, e a

“loucura” dos religiosos foi amplamente denunciada, principalmente na região de Flandres” (Matias, 2015, p.57).

Muitos estudiosos sugerem que esta obra pode ter sido inspirada pelo poema satírico *A Nau dos Loucos* (1494), do alemão Sebastian Brant (1458-1521). A popularidade desse poema é demonstrada pelo fato de que ele teve seis edições e foi traduzido diversas vezes enquanto o autor ainda estava vivo (Bosing, 1991, p.30). Para Bosing, “Bosch deve ter conhecido, de facto, o poema de Brant. No entanto, não precisava desse conhecimento para sua pintura, pois a nau era uma das metáforas mais populares da Idade Média” (Bosing, 1991, p.30).

Em *História da Loucura* (1961), Foucault considera que o quadro de Bosch é fruto de uma “onda onírica” muito em voga na literatura daquele período. Alegorias de um barco tripulado por membros distintos da sociedade de então foram utilizadas por Josse Bade (1462-1535) em *Nau das mulheres Tolas* (1498) e por Symphorien Champier (1471-1539) em *Nau dos Príncipes e das Batalhas* (1502) e *Nau das Damas Virtuosas* (1503), dentre outros. Para o filósofo, naquele contexto histórico e artístico, “a moda é a composição dessas naus cuja equipagem e heróis imaginários, modelos éticos ou tipos sociais, embarcam para uma grande viagem simbólica que lhes traz, senão a fortuna, pelo menos a figura de seus destinos ou suas verdades” (Foucault, 2019, p.9).

De todas essas representações satíricas apontadas por Foucault, a *Nau dos loucos* é “a única que teve existência real”. Segundo o autor, tais barcos existiram. Os loucos tinham uma “existência facilmente errante,” pois “as cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos” (Foucault, 2019, p.9).

Esse costume tinha um viés pragmático de evitar que o louco ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, no entanto, carrega um significado simbólico mais profundo que Foucault elucida em sua análise ao afirmar que:

Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. E a terra à qual aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única vergonha e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer (Foucault, 2019, p.12).

Expondo um vínculo com a pregação cristã medieval, Foucault aponta para a representação mística da barca que permanecerá “prisioneira da grande loucura do mar se não souber lançar sólidas âncoras, a fé, ou esticar suas velas espirituais para que o sopro de Deus a

leve ao porto” (Foucault, 2019, p.13). Essa simbologia concedia ao mar um aspecto diabólico devido a sua inquietude que contrastava com a solidez da terra firme. Essa representação ajudava a naturalizar a expulsão do louco das cidades lançando-os nas incertezas do mar.

Em síntese, a nau lotada de pessoas insensatas representava um desejo de exílio, de expurgar da sociedade o diferente, aquele que está em pecado, entregue a devassidão. Bosch direciona sua crítica dando protagonismo aos membros do clero, representados nessa obra, em primeiro plano. Isso vai ao encontro das representações da loucura vigentes em sua época, que tinham em geral um cunho moralista. A denúncia da insensatez e da loucura se tornou uma forma popular de crítica satírica no mundo das artes ao final do Medievo. Para Foucault, “nas farsas e nas sotias, a personagem do Louco, do Simplório, ou do Bobo assume cada vez mais importância” (Foucault, 2019, p.14).

O uso literário e imagético da loucura estava ligado à exposição das fraquezas humanas por meio de sátiras. Sebastian Brant delineava, e ao mesmo tempo, denunciava as características comuns dos insensatos e dos loucos de sua época. Em seu poema, *A Nau dos Loucos*, mencionado anteriormente, Brant chega a apontar para a incapacidade de seus contemporâneos de verem-se como alguém falível e até tolo, enxergando somente a figura idealizada de si próprios. Assim, ele escreve em uma crítica contundente: “Quem reconhecer a si mesmo como tolo, logo será colocado ao lado dos sábios, mas quem insistir na própria sapiência não passa de um fátuo, um compatriota dos néscios” (Brant, 2010, p.22).

Seguindo essa linha temporal de produções que exploram a loucura, em 1509 Erasmo de Rotterdam (1466-1536) publicava *Elogio da Loucura*, que continha uma crítica contundente direcionada principalmente à Igreja por meio da personificação da loucura que toma a palavra e defende sua atuação entre os homens. Para Erasmo, apenas a loucura é capaz de tirar o homem das amarras de sua performance social e colocá-lo no caminho da verdadeira felicidade e da “vida eterna” (Rotterdam, 1990, p.13). Assim como Brant, Erasmo usa a loucura como recurso retórico para criticar a incoerência de certos indivíduos e instituições.

Apesar de as duas obras coincidirem em seu tom sarcástico e crítico e na constatação humanista de que ninguém está livre da ação da loucura, há uma diferença contextual importante entre essas duas obras. Enquanto Brant apontava as falhas de caráter das pessoas, sempre com um teor moralizante, considerando a loucura como dos males da sociedade, Erasmo buscava mostrar a loucura como uma propulsora da ação, ou seja, é necessário, em certos momentos, render-se à loucura para livrar-se do medo de agir. Segundo a Loucura personificada por Erasmo, “Dois obstáculos principais impedem o êxito nos negócios: a hesitação, que turva

a clareza do espírito, e o medo, que mostra o perigo e dissuade de agir. A Loucura extingue-os [...]” (Rotterdam, 1990, p.26).

Segundo Foucault, “em Erasmo; a loucura não está mais à espreita do homem pelos quatro cantos do mundo. Ela se insinua nele, ou melhor, é ela um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo” (Foucault, 2019, p.24). O viés humanista de Erasmo traz a loucura para o debate, liberta-a do obscurantismo moralista cristão e lança luz sobre ela, justamente para revelar que não é uma figura estranha, ligada ao pecado e a punição divina. A loucura de Erasmo se aproxima de um traço do caráter humano que, eventualmente, contrasta com o que se estabelece socialmente como razão.

É notória a influência de Erasmo na produção artística e intelectual da Espanha do século XVI, especialmente após a ascensão de Carlos V. Para Eugenio Asensio, o humanismo espanhol desse período se inspirava nos mesmos ideais do humanismo italiano, que tinha como meta, reviver “o conhecimento e o cultivo do latim como língua universal”. Saber latim equivalia a ser “um homem justo”. Esse resgate da latinidade atuaria como um meio expressivo para difundir “uma nova sensibilidade refinada”, abrindo assim, uma viabilidade de resgate dos clássicos da antiguidade pagã (Asensio, 1991, p.26). O reinado de Calos V é marcado; portanto, por uma secularização cada vez maior da produção cultural. Asensio acrescenta que o contato com a cultura italiana e nórdica “hace perder el miedo a la paganización del espíritu, mientras la necesidad de educar a la nobleza y de preparar empleados y gobernantes, van quitando el sello eclesiástico a los estudios. Se va secularizando la cultura, se va abriendo a la vida” (Asensio, 1991, p.28).¹³ No entanto, o próprio Asensio pontua que o fator mais “eficaz” que contribuiu para o desenvolvimento desse ideal humanista na Espanha, foi o “erasmismo.” Esse termo se refere a um movimento artístico e intelectual da Espanha da primeira metade do século XVI que se inspirava nas ideias de Erasmo de Rotterdam. Segundo Asensio:

El erasmismo vitalizó su virtuosismo retórico proponiéndole unas tareas morales y religiosas que podrían culminar en la reforma de una sociedad consciente de sus miserias. Para activar esta conciencia le ofreció una estrategia literaria muy distante de la oratoria apocalíptica o de la estricta lógica: los juegos de la ambigüedad, de la paradoja o de la sátira alternando con el fervor y la exhortación. Cada uno encontraba en Erasmo lo que buscaba y algo más: la tradición aliada a la modernidad, el evangelio formulado con arte, la retórica al servicio de la paz y la reforma social, las fuentes cristianas y sus afluentes paganos fertilizando la nueva cultura. Cada humanista tomó de Erasmo lo que corroboraba sus gustos e intenciones (Asensio, 1991, p.29).¹⁴

¹³ Faz perder o medo da paganização do espírito, enquanto a necessidade de educar a nobreza e preparar funcionários e governantes, vai se retirando o selo eclesiástico dos estudos. (tradução minha)

¹⁴ O Erasmismo vitalizou seu virtuosismo retórico ao propor tarefas morais e religiosas que pudessem culminar na reforma de uma sociedade consciente das suas misérias. Para ativar esta consciência, ofereceu uma estratégia literária muito distante da oratória apocalíptica ou da lógica estrita: os jogos de ambiguidade, paradoxo ou

O dramaturgo espanhol Hernán López de Yanguas (1487 –?) escreveu, em 1521, um poema intitulado *Triunfos de Loucura*, claramente inspirada em *Elogio da Loucura* de Erasmo, onde propõe um diálogo entre a loucura e a prudência. Segundo Duro, esse poema, e vários outros desse período, representavam a loucura de forma estendida “para todo o universo social, servindo de pretexto para a crítica ou para a sátira” (Duro, 2021, n.p). Assim, se concretizava o ideal renascentista na Espanha décadas antes da criação de *Quixote*.

Não podemos deixar de destacar ainda, que apesar do prestígio do Latim como a língua da “alta cultura,” o espanhol vinha se consolidando como idioma de fato do império. Tomado pelas ideias humanistas que se espalhavam pela Espanha, naquele momento, Antonio de Nebrija (1444-1522) que já havia publicado *Introducciones Latinae* (1481), um manual de latim considerado revolucionário à época, produziu a primeira gramática da língua espanhola, *Gramática de la lengua castellana*, em 1492. Neste mesmo ano, devido ao sucesso da Gramática, ele publica um dicionário de Latim-espanhol.

Nebrija passa a ser uma referência da Renascença espanhola. Tanto que a data da publicação de sua gramática castelhana marca, para muitos estudiosos, o início do Século de Ouro espanhol. Os dicionários de Nebrija podem nos ajudar a rastrear o sentido do termo “loucura” neste período inicial da renascença espanhola, um momento que, até mesmo a língua espanhola estava sendo solidificada. Analisando o dicionário de Nebrija, Diego Gracia Guillén (2017) identifica quatro usos distintos da palavra *Locura*. Segundo ele:

- Hay una locura que es enfermedad: insania, vesania, amentia, dementia
- Locura tiene también el sentido de estulticia o necedad: stultitia, fatuitas
- Se califica también de locura al acto temerario: temeritas
- Y se identifica también locura con furia: furiositas
(Guillén, 2017, p.121)¹⁵

sátira alternados com fervor e exortação. Cada um encontrou em Erasmo o que procurava e algo mais: a tradição aliada à modernidade, o evangelho formulado com a arte, a retórica ao serviço da paz e da reforma social, as fontes cristãs e seus afluentes pagãos fecundando a nova cultura. Cada humanista tirou de Erasmo o que corroborava os seus gostos e intenções. (tradução minha)

15

- Existe uma loucura que é doença: insania, vesania, amentia, dementia
- A loucura também tem o sentido de estupidez ou tolice: stultitia, fatuitas
- Um ato imprudente também é descrito como insanidade: temeritas
- E a loucura também é identificada com a fúria: furiositas (tradução minha)

Guillén usou o seguinte dicionário como fonte:
Antonio de Nebrija, *Dictionarium ex hispaniense in latinum sermonem*, Salamanca:1494/5.

Como podemos notar, as duas primeiras definições de loucura de Nebrija se alinham ao quadro *Extracção da pedra da loucura* (Figura 1) de Bosch, que considera a loucura uma enfermidade, portanto, necessita da intervenção de um médico e eventualmente uma cirurgia, buscando atingir a cura. Mas também, é uma loucura que demonstra a estupidez dos envolvidos que se submetem a ação de um charlatão. Já em a *Nau dos Loucos* (Figura 2), Bosch lança o holofote à loucura como ato de imprudência ao se jogar nas águas dos prazeres mundanos de forma inconsequente, indo ao encontro da terceira noção de loucura de Nebrija.

No entanto, se as definições de Nebrija estão pelo menos um século distantes da produção de *Dom Quixote*, como podemos analisar as definições de loucura na Espanha de Cervantes? É novamente Guillén quem nos apresenta através de sua pesquisa lexicográfica a definição de “louco” em um período mais próximo de *Quixote*. Segundo Guillén, no dicionário de Sebastián de Covarrubias, *Nuevo Tesoro de la lengua castellana o española* de 1611, a primeira definição de *loco* (louco) descrita é de “el hombre que ha perdido el juicio” (Covarrubias apud. Guillén, 2017, p.121).¹⁶ Covarrubias ainda apresenta dois tipos distintos de loucos. Eram eles:

Loco: el hombre que ha perdido el juicio

- Loco atreguado: el que tiene diluidos intervalos, haciendo treguas con la locura
 - Loco perenal: el que perpetuamente persevera en su locura.
- (Covarrubias apud. Guillén, 2017, p. 121)¹⁷

Podemos notar, em um dicionário do início do século XVII, que a definição de louco se divide em dois tipos distintos. O primeiro tipo é aquele que adquire a loucura em intervalos, intercalando momentos de loucura e lucidez. O segundo tipo é aquele que possui uma loucura perene, ou seja, permanece perpetuamente louco. Embora possamos especular sobre uma possível influência do próprio *Quixote* na construção desse verbete, considerando a popularidade que o romance adquiriu desde a sua publicação em 1605, podemos concluir que Covarrubias sintetizou em seu verbete uma noção popular de loucura que era vigente na primeira década do século XVII. Guillén defende que o dicionário é uma forte evidência de que à época de Cervantes era usual distinguir estes dois tipos de loucura e ainda defende que Cervantes fez uso do tipo de loucura “atreguada”, aquela que aparece em intervalos de lucidez, para criar seu personagem mais conhecido (Guillén, 2017, p.121).

¹⁶ O homem que perdeu o juízo. (tradução minha)

¹⁷ Louco: O homem que perdeu o juízo.

- Louco lunático: aquele que tem intervalos diluídos, fazendo tréguas com a loucura.
- Louco perene: aquele que persevera perpetuamente em sua loucura. (tradução minha)

Ao explorar a volatilidade das representações da loucura desde as pinturas “apocalípticas” de Hieronymus Bosch até a criação de *Dom Quixote* no início do século XVII, notamos que a loucura passou por diversas metamorfoses. Sendo considerada uma crítica moral, ou mesmo uma denúncia da insensatez humana nos anos finais do século XV, ela foi adquirindo cada vez mais notoriedade entre os artistas renascentistas. A loucura adentra o século XVI, despindo-se de seu véu estritamente moralista para, assim, assumir “uma das próprias formas da razão” (Foucault, 2019, p.33). É nesse sentido que reconhecemos a contribuição de Erasmo de Rotterdam ao colocar a loucura como parte imanente de nós. “Tudo que havia de manifestação cósmica obscura na loucura, tal como a via Bosch, desapareceu em Erasmo” (Foucault, 2019, p.24). A tradição crítica da loucura ainda permanece em *Quixote*, no entanto, não se trata mais de uma crítica moral direcionada aos pecadores e infiéis, mas sim de uma crítica que revela a verdade essencial que a sanidade, muitas vezes, se recusa a reconhecer.

3.5 AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DA LOUCURA DE QUIXOTE E A METÁFORA DE UM TEMPO

La locura no es sino una forma de interacción social impregnada por la cultura del medio en que aparece. Transciende a quienes la padecen, afecta al entorno social, y genera las más diversas y contradictorias actitudes sociales (Duro, 2021, n.p).¹⁸

Neste tópico, dividimos nossa análise em duas partes: a primeira trata de como os personagens recebem e interagem com Dom Quixote, e a segunda discute como o protagonista é apresentado como uma metáfora de seu tempo. Dessa forma, investigamos algumas das atitudes do personagem Dom Quixote e as impressões de seus interlocutores ao presenciarem sua figura “exótica”, o que nos permitiu compreender a noção de loucura construída por Cervantes. Partimos da análise dos eventos ocorridos durante a primeira saída de Dom Quixote em busca de sua jornada cavaleiresca. Sobre isso, é importante mencionar que há uma grande semelhança entre a primeira saída de Quixote e uma peça teatral curta, que apesar de algumas especulações sobre sua autoria, permanece anônima. Trata-se de *Entremés de los romances*, que conta a história de Bartolo, um (anti)herói que após ter lido muitos romances de cavalaria decide imitar os feitos dos heróis destes livros saindo pelo mundo em busca de aventuras.

¹⁸A loucura nada mais é do que uma forma de interação social impregnada pela cultura do ambiente em que se insere. Transcende quem a sofre, afeta o meio social e gera as mais diversas e contraditórias atitudes sociais. (tradução minha)

Segundo José Montero Reguera, os capítulos inspirados hipoteticamente no “*Entremés*” corresponderiam “à primeira saída de Dom Quixote” que são contadas entre os capítulos 1 e 5. O autor defende que esses cinco capítulos teriam sido “uma possível novela curta que constituiria o plano inicial de Cervantes” (Montero Reguera, 2006, p.21). Afinal, até então, Cervantes era conhecido por suas novelas curtas¹⁹. Apesar de não haver consenso, Reguera acredita que é muito provável que o *Entremés de los Romances* é anterior ao *Quixote* e que por isso podemos considerá-lo como “fonte ou precedente, e não o contrário” (Montero Reguera, 2006, pp.19,20).

O que nos interessa aqui, no entanto, é que a sequência de eventos narrados durante a primeira saída de Dom Quixote forma um arco narrativo que pode ser visto isoladamente. Esse arco se inicia com a partida do protagonista de sua casa e termina com seu retorno ao mesmo local, sob os cuidados dos mesmos personagens que o assistiam antes da sua transformação do fidalgo Alonso Quijano no cavaleiro andante Dom Quixote. Esse momento inicial do romance traz à tona as razões que levaram o velho Alonso Quijano a perder o juízo e como seus amigos e familiares reagiram ao ocorrido.

Nesse momento, não temos a figura de Sancho Pança que irá se juntar a Dom Quixote somente em sua segunda saída. A falta de um escudeiro nessa primeira parte do romance também serve de argumento para a tese de que essa era originalmente uma novela curta inspirada no *Entremés*, cujo protagonista Bartolo, tampouco conta com essa assistência. Em síntese, nesses capítulos iniciais, somos apresentados às primeiras manifestações da loucura de Dom Quixote e aos seus possíveis sentidos críticos. A versão do romance que iremos utilizar é a tradução de Sergio Molina, publicado em 2016 pela editora 34, em edição bilíngue.

Para compreendermos como o autor personificou a loucura em um fidalgo manchego de meia-idade, trabalharemos com o conceito de representação apresentado por Roger Chartier. A partir dele, podemos compreender de que maneira o discurso de um louco e a forma como ele é recepcionado estão ligados a uma leitura crítica da sociedade, pois, para Chartier, “as percepções do social não são de forma alguma, discursos neutros” (Chartier, 2002, p.17). Além disso, temos o apoio teórico de Sandra Jatahy Pesavento, que estabelece uma intercomunicação entre História e Literatura. Segundo a autora, “um diálogo se estabelece no jogo transdisciplinar e interdiscursivo das formas de conhecimento sobre o mundo, onde a história pergunta, e a

¹⁹ Segundo Ángela Morales, na Espanha de Cervantes, *Novela Corta* (Novela Curta) tem como “característica formal de maior singularidade, a presença de uma história curta em uma estrutura maior, assim como as *Novelas Exemplares* (1613) do próprio Cervantes. Sua situação narrativa inicial convida à narração de outras histórias, que, fora dessa estrutura, seriam meras histórias independentes” (Morales, 2004, p.405).

literatura responde” (Pesavento, 2006, p.20). A autora ainda acrescenta que “literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica” (Pesavento, 2006, p.22). Assim, trataremos o romance como um testemunho histórico de seu tempo, pois as obras de ficção carregam representações e imaginários que evidenciam os modos de vida de seu tempo.

Nesse primeiro momento, traremos à tona as percepções que a excêntrica figura de Dom Quixote deixou durante sua jornada pela região de la Mancha e como essas percepções estão ligadas às noções de loucura construídas ao longo dos séculos XVI e XVII. Para Enrique González Duro, a loucura, “enquanto potencial expressivo”, que se contrasta com a “normalização social”, se encontra “implícita na natureza humana”. Assim, é possível detectá-la na “realidade social” do período histórico onde ela se desenvolveu (Duro, 2021, n.p).

O narrador, já no início do livro, declara que o protagonista da sua história é um homem de meia idade, que “do pouco dormir e muito ler se lhe secaram os miolos, de modo que veio a perder o juízo” (Cervantes, 2016, p.59). Portanto, o leitor já se encontra desde o início imbuído da informação de que o protagonista padece de algum tipo de loucura. Muitas vezes, no decorrer da narração irá se denominar esse traço de Dom Quixote, como “uma estranha loucura”; afinal, reproduzir a prática da cavalaria em pleno século XVII se torna incoerente com a realidade daquele período, pois o ideal cavaleiresco que durante a Idade Média se constituía em uma prática cultural, até certo ponto legítima, tornou-se no período pós-renascentista um formalismo vazio e desgastado, nada além de um ornamento, ou em alguns casos uma ostentação da nobreza.

O velho cavaleiro manchego surge como uma figura “exótica”, “estranha” e até “fantasmagórica” para seus contemporâneos, ao mesmo tempo em que tem um grande potencial para revelar permanências de épocas pretéritas na sociedade em questão. A causa de sua loucura é fundamental para se entender que tipo de crítica é construída ao longo das milhares de páginas do romance. A leitura aficionada de livros de cavalaria é a força motivadora por trás das ações de Dom Quixote, que encontrou naqueles livros uma idealização de mundo que ele não encontraria no mundo real. Sua entrega àquela loucura deu-se por conta de sua frustração com a realidade, e seu comportamento diante do mundo está intimamente ligado ao que esses romances de cavalaria estabelecem como valores. É na forma como ele expressa esses valores – peculiares para aquela sociedade – que o protagonista é visto como louco por seus ouvintes e interlocutores.

Durante sua primeira saída em busca de executar os famosos feitos cavaleirescos que leu em seus livros, Dom Quixote encontra uma estalagem, onde busca hospedar-se. O narrador

conta que a frente da referida estalagem “estavam por acaso à porta duas moças, dessas que chamam da vida” (Cervantes, 2016, p.68) que na visão distorcida de Quixote eram duas “formosas donzelas ou duas graciosas damas que aos portões do castelo estavam a folgar” (Cervantes, 2016, p.69), pois para Dom Quixote a estalagem era um castelo com todas as suas mais altas e sublimes características descritas nos livros que leu.

As damas, ao verem “um homem daquele jeito armado, e com lança e adarga, cheias de medo foram entrando” (Cervantes, 2016, p.69). Dom Quixote, notando a fuga das presumidas donzelas diz: “— Non fuxan as vossas mercês, nem temam desaguizado algum, ca à ordem de cavalaria que professo non toca nem tange fazê-lo a nenguêm, quanto mais a tão subidas donzelas como as vossas presenças demonstram” (Cervantes, 2016, p.69)²⁰. As moças o olhavam com certa curiosidade e não entenderam muito do que disse Dom Quixote, “mas ao ouvir que as chamava donzelas, coisa tão alheia à sua profissão, não puderam conter o riso [...]” (Cervantes, 2016, p.69).

Essa foi a primeira vez que Dom Quixote estabelece contato com alguém fora de seu círculo familiar após sua partida e podemos notar que “a linguagem, não entendida pelas senhoras, e a má presença do nosso cavaleiro acrescentava nelas o riso, e nele a ira.” (Cervantes, 2016, p.70) A reação das mulheres, primeiro com assombro e depois com riso, constitui um padrão que se repetirá muitas vezes ao longo da narrativa. Dom Quixote, com sua visão idealizada, frequentemente provoca reações mistas nas pessoas com quem interage. Enquanto ele se vê como um cavaleiro nobre, imponente e incumbido de lutar pela permanência da cavalaria, a realidade percebida pelos outros é bastante diferente. O contraste entre a percepção que Dom Quixote tem de si mesmo e a maneira como os outros o veem gera situações cômicas, onde muitas vezes o riso surge como uma reação natural.

As mulheres, assim como outros personagens, encontram dificuldade em levar a sério as palavras e ações de Dom Quixote, o que ressalta o embate entre o idealismo do protagonista e o senso comum dos outros personagens. Após perceber o riso das mulheres, Dom Quixote, sentindo-se desrespeitado, se mostrou irritado com as mulheres o que lhe fez proferir um discurso exasperado em direção a elas: “e muito além teria chegado se nesse instante não saísse o estalajadeiro, [...]” que “vendo aquela figura malconformada, armada de armas tão desiguais como eram arreeiros de bridão, lança, adarga e corselete [...] esteve a ponto de acompanhar as donzelas nas mostras de seu contentamento. Mas, temendo a máquina de tantos petrechos, determinou de lhe falar comedidamente [...]” (Cervantes, 2016, p.70). Depois de se ajoelhar

²⁰ Segundo o tradutor Sérgio Molina, Dom Quixote imita “aqui, e em diversos momentos-chave, a linguagem arcaizante característica do gênero cavaleiresco” (Molina, 2016).

diante do dono da estalagem proferindo um palavrorio pomposo, tratando-o como castelão e pedindo para que este o armasse cavaleiro, o estalajadeiro “que tinha já suas suspeitas de falta de juízo do seu hóspede, acabou de confirmá-las [...]” (Cervantes, 2016, p.76).

O narrador conta que o estalajadeiro era um pouco “socarrón” (Cervantes, 2016, p.76), que, em uma tradução moderna para o português do Brasil, seria como uma pessoa habituada a fazer trolagens. Para “ter do que rir naquela noite determinou de lhe seguir o humor” (Cervantes, 2016, p.76), e ofereceu a Quixote estadia, além da cerimônia da armação cavaleiresca no dia seguinte. Mal sabia ele que sua zombaria resultaria em uma contenda feia entre seu hóspede louco e os arreeiros que ali se encontravam.

Dom Quixote foi o pivô de uma briga e só não foi espancado devido a intervenção do estalajadeiro que o defendeu. A peleja se deu da seguinte forma: Um arreeiro que fora alimentar os cavalos, precisou retirar as velhas armas de Quixote do lugar onde estavam para que não lhe atrapalhassem, sendo repreendido veementemente pelo velho manchego: “— Oh tu, quem quer que sejas, atrevido cavaleiro, que ousas tocar as armas do mais valoroso andante que jamais tomou espada! Cuida no que fazes, e não as toque se não queres deixar a vida em paga do teu atrevimento” (Cervantes, 2016, p.78). Assim, advertiu nosso cavaleiro o pobre arreeiro, que não teve chance e, ao tocar novamente as armas, foi atingido por sua lança, caindo ao chão gravemente ferido. Um segundo arreeiro também foi até o local para alimentar os cavalos e, da mesma forma, Dom Quixote “ergueu outra vez a lança, e, sem terçar nem quebrar, em mais de três quebrou a cabeça do segundo arreeiro, pois partiu em quatro” (Cervantes, 2016, p.79).

Os outros arreeiros presentes, ao verem seus companheiros caídos, começaram a apedrejar Dom Quixote. O estalajadeiro, desesperado, gritava para que parassem, lembrando-lhes que já havia alertado sobre a loucura do cavaleiro: “O estalajadeiro dava vozes que o deixassem, pois já lhes dissera como era louco” (Cervantes, 2016, p.79).

Em meio às hostilidades de ambos os lados, Dom Quixote se defendia das pedras lançadas pelos arreeiros com sua espada, enquanto proferia um discurso pomposo e totalmente incompreensível para seus atacantes. Assim disse o protagonista: “Mas de vós outros, soez e baixa canalha, não faço caso algum: atrai, chegai, vinde e ofendei-me o quanto puderes, que logo vereis a paga que recebeis pela vossa sandice e demência” (Cervantes, 2016, p.80). O narrador nos informa, ainda, que Dom Quixote “dizia isso com tanto denodo que infundiu um terrível temor naqueles que o atacavam; e assim como pelas persuasões do estalajadeiro, pararam de o apedrejar, e ele deixou retirar os feridos e voltou ao velamento de suas armas [...]” (Cervantes, 2016, p.80).

Após a peleja com os arreeiros amedrontados, enfim, Dom Quixote é armado cavaleiro pelo estalajadeiro, que para o seu mundo delirante é um castelão. O estalajadeiro organizou e liderou toda a cerimônia, pois, a essa altura, já se encontrava temeroso sobre o que seu hóspede era capaz de fazer.

[...] o castelão trouxe logo um livro onde levava a conta da palha e da cevada aos arreeiros, e com um coto de vela que lhe trazia um rapaz, e com duas ditas donzelas, foi aonde D. Quixote estava, a quem mandou ajoelhar; e lendo seu manual como se dissesse alguma devota oração, em meio à fabulosa leitura ergueu a mão e lhe deu um bom golpe no pescoço e, em seguida, com sua mesma espada, uma gentil espaldeira, sempre, sempre murmurando entre os dentes, como se rezasse. Isso feito, mandou uma daquelas damas cingir-lhe a espada, a qual o fez com muita desenvoltura e discrição, porque não foi mister pouca para não rebentar a rir a cada passo de cerimônia; mas as proezas que já haviam visto do novel cavaleiro eram bastantes para lhes frear o riso. Ao cingir-lhe a espada. Disse a boa senhora.
— Deus faça vossa mercê mui venturoso cavaleiro e lhe dê ventura nas lides (Cervantes, 2016, pp.80-81).

Essa cena mostra a paródia do Medieval, trazida à tona por um velho fidalgo em pleno século XVII. As pessoas envolvidas na falsa cerimônia tinham que segurar o riso para não causar um entrevero ao se desviar da encenação e provocar a ira daquele que era o motivo de tudo aquilo. Essa atitude demonstra o contraste entre a realidade vivenciada por aquelas pessoas e a impossibilidade prática da fantasia daquele homem, que se entregava de corpo e alma a um simbolismo completamente obsoleto sem demonstrar nenhum sinal de constrangimento. Para aquelas pessoas envolvidas na paródia do cerimonial de cavalaria, Dom Quixote representava um motivo de entretenimento devido ao seu comportamento excêntrico e à sua aparência desajustada. Devido ao anacronismo inerente ao desejo do cavaleiro, somente a paródia era possível nessa situação.

Logo após esse evento, no capítulo IV, Dom Quixote se depara com um lavrador que açoitava um de seus criados. O agora oficialmente declarado cavaleiro andante não perde a oportunidade de agir à maneira dos cavaleiros andantes de seus romances, interpela e exige a soltura do rapaz, e recebe a seguinte resposta de seu interlocutor:

Senhor cavaleiro, este rapaz que estou castigando é um meu criado que me serve em guardar um rebanho de ovelhas que tenho nestes contornos, e é ele tão descuidado que a cada dia me falta uma; e porque castigo seu descuido, ou velhacaria, diz ele que o faço por miserável, para não lhe pagar a soldada que lhe devo, e por Deus e minha alma juro que ele mente (Cervantes, 2016, p.84).

Dom Quixote liberta o servo do açoite e faz com que seu senhor prometa pagar todo salário que lhe deve. O lavrador não viu problema em usar do argumento de que não tinha dinheiro com ele naquele momento e que seu criado o seguisse até sua casa para que fosse

efetuado o pagamento. O criado, por sua vez, entendendo a artimanha de seu amo, se nega a voltar com ele: “— Ir com ele? — disse o rapaz. — Mas qual?! Não, senhor, nem por sonho, pois em se vendo só vai me esfolar como um São Bartolomeu” (Cervantes, 2016, p.86).

Podemos notar que o Cavaleiro da Triste Figura só tinha sua prerrogativa cavaleiresca para exigir a reparação ao servo. Ele tinha plena convicção de que bastava sua palavra para que seu requerimento se tornasse real, afinal nos romances de cavalaria as palavras dos cavaleiros determinam o que é honra ou não. “Não fará mal — replicou D. Quixote. — Basta o meu mandato para que me acate; e jurando-me ele pela lei da cavalaria que recebeu, deixá-lo-ei seguir em liberdade e garantirei a paga” (Cervantes, 2016, p.86).

Dom Quixote não tem dúvidas de que sua vontade é correta, afinal, ele está ancorado em anos de leituras de romances de cavalaria, os quais instalaram em sua cabeça um arcabouço ético e moral que se torna inquestionável para ele, e por isso todos devem acatar suas palavras como lei, é justamente o padrão defendido na literatura cavaleiresca que modelou sua concepção de justiça, honra, bondade, coragem etc. Esses elementos constituíam parte importante de sua visão de mundo.

O velho cavaleiro deixou o conforto de sua casa, pois muitos eram os “agravos que pensava desfazer, os tortos que endireitar, as sem-razões que emendar, e os abusos que corrigir, e as dívidas que saldar” (Cervantes, 2016, p.65). Quixote queria transformar o mundo naquilo que lia em seus livros, vestido em uma velha armadura enferrujada e usando armas obsoletas que pertenciam a seus bisavôs, o que constrói a caricatura perfeita de um homem ancorado no passado. Para Andrés, o servo açoitado por seu amo e que foi salvo por Quixote, sua liberdade realmente parecia palpável. Vislumbrou ares de verdade no que o velho manchego pregava, apesar de não reconhecer os códigos e valores apresentados por Dom Quixote como prerrogativas para conceder sua liberdade. Se conhecesse esses códigos, notaria que todo aquele discurso pomposo não passava de palavras vazias de significado.

Disse ele ao seu amo após a partida de Quixote: “Bem faz vossa mercê em cumprir o mandamento daquele bom cavaleiro, que mil anos viva, pois, tão valoroso e bom juiz é que se vossa mercê não pagar, por meus santos que voltará a executar o que disse!” (Cervantes, 2016, p.87). Notamos que o servo viu Dom Quixote como uma figura dotada de poder, talvez por suas palavras difíceis, talvez por sua indumentária, que o jovem provavelmente desconhecia. Isso o levou a depositar uma confiança infundada nas promessas e palavras do cavaleiro, ou seja, Andrés acreditou que estava diante de uma figura de autoridade que poderia finalmente corrigir a injustiça que sofria. No entanto, sua ignorância quanto à verdadeira natureza dos dizeres de

um homem iludido pelas fantasias dos romances de cavalaria o impediu de perceber que o discurso de Dom Quixote não tinha qualquer força prática no mundo real.

Ao final desse episódio, Dom Quixote cavalgava contente pelo desagravo desfeito e, mais adiante, notou um grupo de pessoas que seguiam a caminho de Múrcia, mercadores de seda, segundo o narrador. Quixote vai ao encontro dos homens para exigir-lhes que jurassem que não há no mundo donzela mais formosa que Dulcineia d'El Toboso. Como todo cavaleiro há de ter uma musa inspiradora de suas aventuras, para Dom Quixote não poderia ser diferente.

Assim o narrador descreve a recepção dos viajantes: “Pararam os mercadores ao som dessas razões e para ver a estranha figura de quem as dizia; e pela figura e pelas razões logo se lhes mostrou aos olhos a loucura do seu dono” (Cervantes, 2016, p.89). A figura exótica de Quixote logo denunciou para esses mercadores, que aquele que vinha, se tratava de uma pessoa “fora de seu juízo”, apesar do espanto inicial causado por Quixote, os mercadores quiseram saber do que se tratava a exigência desse estranho cavaleiro e um dos mercadores então disse: “— Senhor cavaleiro, nós não sabemos quem é essa boa senhora que dizeis. Mostrai-no-la, que, se ela for dona de tanta formosura como significais, de bom grado e sem pejo algum confessaremos a verdade que da vossa parte é nos pedida” (Cervantes, 2016, p. 89). Dom Quixote se torna colérico diante da recusa dos mercadores em exaltar a beleza de Dulcineia e a tensão cresce à medida que Dom Quixote insiste na seriedade de sua demanda, que para os mercadores não passa de uma exigência absurda.

A reação dos mercadores, que inicialmente buscaram tratar o assunto com leveza, acaba se transformando em uma situação potencialmente perigosa conforme se dão conta da intensidade da loucura do cavaleiro. Esse trecho evidencia mais uma vez o contraste entre a seriedade de Dom Quixote e a incredulidade dos mercadores, ressaltando a desconexão entre o mundo de fantasia do cavaleiro e a realidade das pessoas que encontra pelo caminho.

No decorrer desse episódio, Quixote sofre então um grave revés. Ao empunhar sua lança em riste e golpear seu Rocinante para partir em direção aos mercadores a fim de atacá-los, sofre uma queda. Um dos viajantes, encolerizado pelos impropérios do velho, decide quebrar a velha lança do cavaleiro e, com um dos pedaços, o espanca até cansar. Esse episódio destaca que a impulsividade e o ímpeto irrefletido são características essenciais do nosso protagonista, sendo a impulsividade o que o conduz a vários infortúnios.

Caído no chão em situação lastimável e citando de memória livros de cavalaria, Dom Quixote é encontrado por um caminhante que, ao ver o velho ferido e caído ao solo, se aproxima e tenta ajudá-lo. Ao limpá-lo, reconhece seu vizinho Alonso Quijano; coloca-o em seu burro e o leva de volta a seus familiares. Durante o percurso, ao tentar extrair do velho as razões de

suas moléstias, não consegue resposta sensata, pois Quixote delirava com as narrações de seus romances. Assim é narrado: “O lavrador ia praguejando por ouvir tamanha máquina de necessidades; donde conheceu que seu vizinho estava louco, e se dava pressa de chegar à vila por escusar o enfado que D. Quixote lhe causava com sua longa arenga” (Cervantes, 2016, p.96).

Notamos que o comportamento de Dom Quixote nesse momento reforça a percepção de sua insanidade aos olhos do lavrador. Inicialmente, o homem pode ter sentido compaixão ao encontrar seu vizinho ferido e em situação precária, mas logo percebe que Dom Quixote não é apenas um homem em apuros, mas alguém completamente desconectado da realidade. As divagações intermináveis sobre cavalaria e aventuras fantásticas revelam um estado mental profundamente alterado e refratário à realidade e as tentativas do vizinho em estabelecer qualquer ponto de comunicação com Dom Quixote foram infrutíferas, o que transforma a preocupação inicial do lavrador em impaciência e desejo de se livrar do incômodo.

De volta ao lar, o velho Quixote estava sob os cuidados de sua sobrinha e recebia ajuda de seu barbeiro e do padre local.

Fizeram a D. Quixote mil perguntas, mas a nenhuma quis ele responder outra coisa senão que lhe dessem de comer e o deixassem dormir, que era o que mais queria. Assim fizeram, e o padre informou de longo com o lavrador sobre o modo como encontrara D. Quixote. Aquele lhe contou tudo, com disparates que ao encontrá-lo e trazê-lo dissera, o que veio a acrescentar o desejo do licenciado de fazer o que no dia seguinte fez, que foi chamar seu amigo barbeiro mestre Nicolás e com este voltar à casa de D. Quixote (Cervantes, 2026, p.99).

Como pudemos notar, a loucura de Dom Quixote é logo percebida por quase todos os seus interlocutores dessa primeira parte do romance. O estalajadeiro nota que Dom Quixote é louco quando este lhe pede para armá-lo cavaleiro em seu castelo, que na verdade não passava de uma estalagem. O lavrador que batia em seu criado tem a confirmação de que Dom Quixote é louco quando esse o faz libertar um servo que ele açoitava e prometer pagar seu salário devido, usando um juramento antiquado que ninguém poderia levar a sério.

O criado, vítima do açoite do patrão, é o único que parece dar razão às palavras do velho Quixote, mesmo que ainda um pouco desconfiado. Depois que é largado a beira da morte ao ser espancado pelo seu amo novamente após a partida de Quixote, sai a chorar a procura do cavaleiro que queria libertá-lo. Notamos que, de todos os interlocutores que conversaram com Quixote até o momento, o servo açoitado é o personagem que representa a classe mais subalterna daquela sociedade, portanto, um indivíduo provavelmente analfabeto ou, no mínimo, incapaz de entender o que era uma ordem cavaleiresca. Talvez, por isso, vislumbrou ter sido

realmente liberto de seu amo, por um velho de armadura que falava de maneira pomposa sobre honra.

Os seis mercadores que iam de Toledo a Murcia logo notaram que estavam diante de um homem sem juízo quando este os parou no meio do caminho e ordenou que jurassem que Dulcineia del Toboso era a mais linda de todas as donzelas do mundo. Surpreenderam-se com o ímpeto do velho e suas declarações sem sentido. O vizinho, que resgatou Quixote após este ter sido espancado, notou que o velho padecia de algum tipo de loucura quando percebeu que este não parava de recitar romances de cavalaria de memória, mesmo depois de ser arguido várias vezes sobre o que acontecera. O padre e o barbeiro já denunciavam a loucura de Quixote e apontavam como causa da enfermidade os romances de cavalaria. A sobrinha era quem mais culpava os livros pela causa da insanidade do tio, que, por ser uma doença, eventualmente poderia ser curada ao se afastar a causa do mal de perto do doente.

Não é possível negar, portanto – ao menos até essa parte do romance –, a loucura de Dom Quixote diante dos olhos daquela sociedade, em detrimento de uma possível representação heroica do personagem, como se tendeu a fazer em alguns períodos da história, o que, de certa forma, dominou a percepção popular construída sobre Dom Quixote na atualidade. O que vimos até aqui vai ao encontro da investigação lexicográfica de Guillén (2017) que aponta que já na época de Cervantes havia dois tipos de loucura distinguíveis, uma loucura que podemos chamar de “patológica,” ou seja, daquele “indivíduo que perdeu o juízo” e outra que Covarrubias chamou de “loquear” ou do sujeito que faz atos pontuais considerados insanos, mas que não perdeu o juízo de vez. Nessa mesma linha, Vieira nos lembra que “ao longo do século XV e até meados do XVII a loucura ainda estava integrada na vida social e, desde que não muito exagerada ela continha boa dose de divertimento” (Vieira, 1998, p.70).

Fica claro que a primeira crítica identificável construída por Cervantes é direcionada aos livros de cavalaria, já que o velho Alonso Quijano fica tão aficionado por esse tipo de literatura que acaba por criar o “mais estranho pensamento com que jamais deu algum louco neste mundo” (Cervantes, 2016, p.60). Pareceu-lhe de bom tom abandonar a monotonia de sua propriedade para buscar agravos a desfazer no mundo. A ideia “se assentou de tal maneira na imaginação que era verdade toda aquela máquina daquelas soadas sonhadas invenções que lia, que para ele não havia no mundo história mais certa” (Cervantes, 2016, p.59). Quixote já tinha uma idade avançada para se tornar um cavaleiro, mas a urgência era grande, afinal, quanta falta ele vinha fazendo ao mundo? Quantos agravos ele já poderia ter desfeito enquanto permanecia pensando sobre?

O velho Alonso Quijano utiliza uma armadura antiga; toma seu próprio nome de uma peça da armadura que é usada para proteger a coxa; inspirado em Amadis de Gaula, que ele considera o maior cavaleiro já visto, ele adota “la Mancha” para complementar seu nome de cavaleiro. Todos esses marcadores servem como uma caricatura perfeita dos exageros dos romances de cavalaria.

Ian Watt aponta que essa ideia de parodiar romances de cavalaria não é exatamente original. Segundo o autor, cerca de um século antes da publicação da primeira parte de *Dom Quixote*, “grandes poetas do renascimento italiano já haviam tratado os heróis da cavalaria em tom de fina sátira” (Watt, 1997, p.63). O autor apresenta como exemplos o “caso das narrativas sobre os amores e a loucura do paladino Orlando, primeiro por Boiardo (*Orlando innamorato*) e depois por Ariosto (*Orlando furioso*), obras que Cervantes conhecia e admirava (Watt, 1997, p.63).

Ainda há a probabilidade de que *Entremés de los Romances* tenha sido publicado pelo menos alguns anos antes do *Quixote*. Seu tema central também critica os romances de cavalaria explorados por Cervantes em *Dom Quixote*. Nesse caso, Watt nos traz uma ponderação importante, segundo ele:

[...] nem o *Entremés* nem *Dom Quixote* operam através dos métodos usuais da sátira ou da caricatura, e sim do tratamento dramático e essencialmente realístico de uma ideia psicologicamente cômica: o que ambos fazem é mostrar como são ridículos os resultados a que chega um devoto do romance quando confunde inteiramente o mundo real com o seu mundo ficcional, e tenta manter sua idealização sob o fogo das implacáveis baterias da realidade cotidiana (Watt, 1997, p.63-64).

O que eram os romances de cavalaria afinal? Por que Cervantes e outros escritores os criticavam? Devemos entender que para a paródia de Cervantes fazer sentido, seus leitores deveriam ter uma mínima noção do que era um cavaleiro andante e de onde veio essa tradição. Segundo Watt, “a cavalaria atingiu no século XII o ponto mais alto de desenvolvimento, e foi nessa época que surgiu uma literatura a ela associada” (Watt, 1997, p.66). Nesse período, vieram a luz obras que relatavam heroicamente as sagas associadas ao Rei Artur e a Carlos Magno, por exemplo, e dos cavaleiros que os seguiam. Ambos os personagens foram mencionados por um delirante Quixote como modelos a serem seguidos.

A alta circulação dessas obras durante um longo período acabou construindo uma noção de ética que, por muito tempo foi considerado a representação daquele período. Essa noção foi difundida até mesmo pelos historiadores e cronistas do século XVI. Huizinga denunciou a interpretação desses escritores ao dizer que “é como se o espírito desses autores – um espírito

pouco profundo é preciso dizer – empregasse a ficção cavaleiresca como um corretivo à sua própria época, que lhes parecia incompreensível” (Huizinga, 2021, p.131).

O ideal cavaleiresco se resumia a grandes feitos heroicos e na busca por um ideal de “vida bela” que apesar de ter causado alguns efeitos ocasionais no mundo real, até pelo menos o século XVI, estava essencialmente ligado a um imaginário criado por romances ficcionais. Huizinga acrescenta que a concepção cavaleiresca “é um ideal essencialmente estético, composto de fantasias vívidas e emoções nobres que também almeja um ideal ético” (Huizinga, 2021, p.132). Complementando essa perspectiva histórica, Italo Calvino oferece uma reflexão provocativa em *Por que ler os clássicos* (1991): “talvez a cavalaria não tenha nunca existido antes dos livros de cavalaria ou até que só existiu nos livros” (Calvino, 1991, p.62).

Esse tipo de literatura, por mais fantasiosa que fosse, incorporava um teor didático visando criar uma moral cívica nos leitores. Além disso, havia um vínculo íntimo entre o ritual de consagração do cavaleiro e os rituais religiosos, ou seja, um sacramento, algo como um batismo, um casamento ou algum ritual cristão (Huizinga, 2021, p.129). Portanto, a origem e desenvolvimento do ideal cavaleiresco, que segundo Huizinga “dava uma coloração fantástica ao mundo” (Huizinga, 2021, p.129), estava fincada no imaginário da sociedade medieval, onde pequenos reinos feudais precisavam de proteção militar, e o cristianismo era o único estandarte de moralidade que se podia vislumbrar na Europa daquele período. É também Huizinga que aponta que essa “coloração fantástica” de mundo muito difundida pelos historiadores daquele período não se sustenta por muito tempo.

A decadência do ideal cavaleiresco está ligada, em grande parte, ao desenvolvimento tecnológico e às novas necessidades político-militares. Watt explica que:

Pela altura do século XVI começaram a cair em desuso muitas das funções militares da cavalaria que ainda não tinham sido desativadas. As cruzadas haviam terminado; e as novas técnicas militares, as novas armas e as novas formas organizacionais estavam transformando o cavaleiro coberto de ferro em uma relíquia do passado (Watt, 1997, p.68).

Sem o monopólio do poder militar, a cavalaria se tornou uma instituição simbólica com funções estritamente cerimoniais ligadas principalmente aos rituais das cortes. Os romances de cavalaria, no entanto, sobreviveram ao declínio das ordens cavaleirescas a partir de um recurso que já estava em voga ao final do Medievo, a ideia de poupar vidas mediante o combate individual. É nesse contexto que fica cada vez mais proeminente, já no final do século XV, a figura do cavaleiro andante. Um herói independente que encerra em si todas as virtudes das ordens cavaleirescas medievais. Esses cavaleiros solitários ou assistidos por um escudeiro, eram

os heróis de praticamente todos os romances de cavalaria surgidos no início do século XVI. O cavaleiro andante não estava preso a um território; não lutava por um senhor feudal, pois cada um deles elegia individualmente seu objetivo de vida e o motivo de sua luta.

Esse objetivo era “muito comumente o triunfo de sua Dama e a superação de vários obstáculos que isso implicava: inimigos, rivais, gigantes e mágicos” (Watt, 1997, p.69). Watt adiciona que “nos romances de cavalaria o modelo de ação é individual e não coletivo; e o seu clímax chega não com a batalha, mas com a aventura – o perigo ou a oportunidade que se apresenta casualmente na estrada” (Watt, 1997, p.69). Para Watt, na Espanha, “o mais completo exemplo de fusão dos velhos ideais cavalleirescos com os ideais humanistas está no romance que Dom Quixote mais admira, *Amadis de Gaula*” (Watt, 1997, p.70). A versão conhecida mais antiga desse romance é creditada a García Ordóñez (ou Rodrigues) de Montalvo (1450-1505) e foi publicada em 1508. Há rumores de que o original desse romance é de origem portuguesa e data do século XIV, ou antes.

Amadis foi muito popular na Espanha, assim como em toda a Europa Ocidental. Segundo Watt, “a popularidade de Amadis e dos seus sucessores despertou um generalizado interesse pelos romances de cavalaria, e muitos conseguiram alcançar um público mais amplo mediante versões abreviadas, edições baratas, peças teatrais e letras de canções” (Watt, 1997, p.70-71). A popularidade de Amadis pode ser confirmada por meio de vários testemunhos sobre a sua influência. Watt fala sobre:

[...] quando os conquistadores espanhóis comandados por Cortés viram pela primeira vez *Tenochtilan*, a capital dos astecas, compararam-na à cidade encantada do *Amadis*. E o nome “Califórnia,” que eles inscreveram no mapa do Novo Mundo, deriva da ilha utópica de *Esplanadián*, a primeira continuação de *Amadis* (Watt, 1997, p.71).

Cervantes, ao parodiar os romances de cavalaria, expunha o ridículo contido nessa forma fantasiosa de narrativa, denunciando a loucura que era viver em uma sociedade que buscava amparo em narrativas heroicas que estavam longe de demonstrar o que a realidade impunha. Apesar de não ter sido o único nem o primeiro ataque aos romances de cavalaria no século XVI, *Dom Quixote* foi a obra que se destacou como a mais relevante metáfora de seu tempo. Ou como observa Dopico Black “la novela ofrece la más brillante y – hasta el presente – la más perdurable reflexión jamás escrita en torno al papel del papel y la tinta y a las locuras a las que llevan las palabras” (Dopico Black, 2006, p.345).²¹

²¹ O romance oferece a mais brilhante – até o presente – a reflexão mais duradoura jamais escrita a respeito do papel do papel e da tinta e as loucuras a que levam as palavras. (tradução minha)

Por isso, a mera crítica literária, apontada até aqui como a intenção principal de Cervantes, não daria conta de estabelecer sua conexão com o contexto histórico em que foi criado nem de sua permanência nos cânones da literatura mundial. A crítica aos livros de cavalaria pode ser vista como um farol que nos conduz para uma região mais profunda da situação caótica vivida pelo império espanhol no início da Idade Moderna e como isso era recepcionado pelo imaginário coletivo.

Para Pesavento, “o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo que dá coerência, legitimidade e identidade” (Pesavento, 2006, p.12). A autora considera o imaginário como “um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade” (Pesavento, 2006, p.12), no entanto, não se confunde com a realidade, mas, sim, a tem como referência. Analisando o caso específico do *Quixote*, é Dopico Black quem nos dá uma pista sobre os bastidores que levaram Cervantes a construir sua crítica por meio da representação cômica dos livros de cavalaria. Para a autora:

Cervantes escribe *Don Quijote* desilusionado de la Monarquía y el mal gobierno. No resulta difícil imaginar que la intención que aduce de desbaratar esa «máquina mal fundada» pueda estar dirigida a la ideología subyacente en el relato caballeresco y su popularidad, demasiado cercana a la promulgada por los defensores del imperio (Dopico Black, 2004, p.354).²²

A autora ainda acrescenta que o livro de cavalaria “a pesar de todos sus elementos del mundo de lo fantástico, estaba ligado tanto material como ideológicamente a la consolidación del imperio y a una visión mesiánica y heroica de la historia española” (Dopico Black, 2004, p.350).²³ Como discutido no tópico 3.2 – *A Espanha nos Tempos de Dom Quixote*, a Espanha vinha passando por uma crise financeira e política causada principalmente pelas ambições imperiais de seus monarcas. Carlos V desejava construir uma nova Roma. Seu sucessor, Filipe II se envolveu em várias guerras impelido sobretudo, por seu fundamentalismo religioso, e seu filho, Filipe III herdou um império falido e entregue ao oportunismo de conselheiros afoitos por poder. Durante seu reinado, foi criado até mesmo um sistema de venda de títulos nobiliários como forma de se livrar das dívidas. Segundo Rincón, sob o reinado de Filipe III foram criados 66 novos títulos nobiliários. Para Rincón (1986), a história de Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança é um “retrato paródico de una sociedad atenazada por la miseria y ofuscada por

²²Cervantes escreve *Dom Quixote* desiludido com a monarquia e seu mal governo. Não é difícil imaginar que a intenção que alega em desbaratar essa “máquina mal fundada” possa estar dirigida à ideologia subjacente no relato cavaleiresco e sua popularidade, demasiado próxima àquela propagada pelos defensores do império. (tradução minha)

²³Apesar de todos os seus elementos do mundo fantástico, estava ligado tanto material como ideologicamente a consolidação do império e a uma visão messiânica e heroica da história espanhola. (tradução minha)

la paradoja y la confusión” (Rincon, 1986, p.305).²⁴ *Dom Quixote* é um texto “ancorado em seu presente” (Dopico Black, 2006, p.346).

Ao se tornar a paródia de um cavaleiro andante, Quixote se transforma em uma imagem do seu Estado, pois sua luta solitária por um ideal anacrônico, reflete a própria Espanha de seu tempo que continuava a ruir sob o peso de sua própria grandiosidade. A proliferação dos títulos nobiliários, por exemplo, não apenas esvaziou o significado de ser nobre, mas também ilustrou o desespero de uma monarquia que buscava de todas as formas sustentar sua imagem e sua representação como instituição de caráter heroico e guerreiro sem se dar ao luxo de refletir sobre consequências futuras para os cofres públicos. Em outras palavras, o apoio da nobreza era mais importante que a solidez do Estado para a monarquia.

As representações da loucura em *Dom Quixote* estão, portanto, ancoradas nas contradições e na complexidade daquela Espanha construída por meio de narrativas heroicas e na expectativa de um retorno a uma idade dourada. O romance de Cervantes, como diz Dopico Black, “reproduce a la vez que cuestiona las certezas epistemológicas e ideológicas de esa España” (Dopico Black, 2006, p.346).²⁵

Retornando ao tema da intercomunicação entre História e Literatura podemos estabelecer que a obra literária, como aponta Pesavento, é uma fonte privilegiada para o historiador “porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam” (Pesavento, 2006, p.22). A literatura nos apresenta o mundo de forma cifrada por meio de alegorias e metáforas. Portanto, a obra literária, mesmo que não seja uma descrição da realidade, nos apresenta o imaginário de um determinado povo em um tempo específico. “A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada” (Pesavento, 2006, p.22).

Sob a perspectiva da História Cultural, fazer uma “leitura das questões em jogo” diz respeito a entender as práticas culturais de um determinado tempo e espaço por meio de suas representações ou, como diz Barros, dos “modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros”

²⁴ ...retrato paródico de uma sociedade ameaçada pela miséria e ofuscada pelo paradoxo e pela confusão. (tradução minha)

²⁵ ...reproduz ao mesmo tempo em que questiona as certezas epistemológicas e ideológicas daquela Espanha. (tradução minha)

(Barros, 2018, p.131). Portanto, a literatura é a forma mais concreta pela qual podemos ter acesso a esses modos de vida, mesmo que cifrados.

Os contemporâneos do *Quixote* o perceberam como uma figura risível por manter-se fiel a um estilo de vida que nunca existiu de fato. No entanto, a obra vai além do humor e do absurdo de crenças obsoletas para aquele período histórico; ela expõe as tensões entre o idealismo da corte e a realidade que as pessoas viam e viviam no cotidiano. Esse descompasso entre a aspiração de Quixote e o pragmatismo que se instalava naquela sociedade, extrapola as fronteiras da Espanha, replicando dilemas universais da condição humana, ao ponto de ter se tornado um modelo literário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Quixote é uma paródia dos romances de cavalaria que eram muito populares nos tempos de Cervantes e, ao mesmo tempo, uma metáfora da Espanha no momento em que foi escrito, expondo a crise de valores pela qual passava o império espanhol no início do século XVII. Em meio a uma grande crise social e econômica causada por Filipe II, a monarquia espanhola buscava sustentação em narrativas de um passado glorioso e heroico, atribuindo a si própria a incumbência da manutenção da fé católica e seu espalhamento mundo afora mesmo em uma conjuntura de total crise financeira.

Este contexto de ambição hegemônica em busca de uma idade dourada, ou de uma Nova Roma, contrastava com a realidade política e econômica de um período cuja principal faceta era a quebra de paradigmas. Era o florescimento do humanismo, o surgimento da estética renascentista e o cisma levado a cabo pela reforma protestante, só para apontar alguns marcos desse período. A Espanha, por sua vez, insistiu em sua economia imperial decadente que se seguiu sob o reinado de Filipe III.

O autor de *Dom Quixote* não pôde deixar de refletir sobre essas dinâmicas em sua obra-prima. O romance, publicado no auge do *Siglo de Oro* espanhol, não só satirizou as idealizações cavaleirescas medievais, mas também criticou as contradições e os enganos do poder imperial. A figura do cavaleiro sonhador, lutando contra inimigos imaginários, tornou-se uma metáfora poderosa para a desilusão nacional e a desconexão entre a grandiosidade imaginada e a realidade decadente enfrentada pela Espanha.

É nesse sentido que a literatura se torna um documento histórico essencial para a redescoberta de um dado período. Um documento ainda mais crível do que a História oficial,

que tende a replicar os anseios de uma era dourada como algo factual. Como vimos, os cronistas do século XVI viviam sob o anseio de um mundo dourado propagado, sobretudo pela monarquia. Por não ter o compromisso de descrever fatos como eles realmente ocorreram, a literatura busca confirmar ou negar algum aspecto de um dado período através de narrativas. É justamente esse descompromisso com a verdade atribuído de antemão que nos permite acessar o imaginário de um dado momento histórico, ou seja, “a literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas” (Pesavento, 2016, p.14).

Esse dinamismo acumulado entre os séculos da leitura de um clássico também é um fator a ser considerado na análise de uma obra literária pelo crivo da História. O romance de Cervantes demonstrou – e vem demonstrando – a capacidade de ressoar de diferentes formas através das gerações. *Dom Quixote* teve uma trajetória inicial bem documentada e foi possível identificar que a reação inicial dos leitores refletiu uma recepção cômica e risível, tanto na Espanha quanto em outros países. Mas ao longo dos séculos seguintes, a interpretação do *Quixote* destoou significativamente do sentido original. De uma obra de humor no século XVII, ganhou ares de romance trágico no auge do romantismo europeu do século XIX. Coube a nós, nesse trabalho, nos aproximar da representação da loucura de Dom Quixote em sua concepção.

Por isso nos debruçamos sobre as formas de representações da loucura durante o período final do Medievo e início da Modernidade, destacando a importância de se compreender as transformações históricas, culturais e intelectuais que proporcionaram um ambiente fértil para a concepção da loucura usada na construção do *Quixote* dentro de um contexto de conflitos de gerações e rápidas mudanças sociais.

Notamos a importância histórica das pinturas de Hieronymus Bosch, *Extração da pedra da loucura* e *A Nau dos Insensatos*, ao refletirem críticas satíricas às instituições sociais e religiosas de sua época; uma tendência na literatura e nas pinturas daquele período. Além das pinturas, nossa análise se estendeu para outras expressões culturais, como o poema *A Nau dos Loucos* de Sebastian Brant e o ensaio *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam, que também exploram a loucura como metáfora e crítica social.

Essas obras, juntamente com as definições contemporâneas de "louco" nos dicionários da época, contribuíram para moldar o entendimento coletivo sobre a loucura. Buscamos, assim, oferecer uma visão panorâmica das representações da loucura desde o final da Idade Média mostrando como essas representações evoluíram de críticas moralistas a instituições até uma reflexão mais profunda sobre a condição humana e o papel do indivíduo na sociedade, elementos fundamentais na construção literária de *Dom Quixote*.

Ao analisarmos os personagens que interagem com Dom Quixote, destacamos sua recepção como figura exótica e sua consequente identificação como louco pela sociedade. Nesses encontros, observa-se como Cervantes utiliza Dom Quixote como uma metáfora de seu tempo, refletindo críticas sociais e políticas através do contraste entre as ideias cavaleirescas do protagonista e a realidade do século XVII.

Cervantes utilizou sua obra para satirizar a persistência desses romances como um entretenimento social, enquanto o império ruía atrelado a uma idealização do heroísmo e a busca por um passado glorioso. Mas o que ficou claro para nós é que essa crítica não se limitou à literatura, mas refletiu profundamente a situação histórica e cultural da Espanha daquele período. Assim, ao unir História e Literatura, podemos entender Dom Quixote como um reflexo das contradições e complexidades da sociedade espanhola que vivia sua transição para a Idade Moderna, na qual o imaginário coletivo se confrontava com a realidade de um império em declínio.

REFERÊNCIAS

- ASENSIO, E. Tendencias y Momentos en el Humanismo Español. *In*: RICO, F. (org.) **Historia y Crítica de la Literatura Española 2/1 Siglos de Oro: Renacimiento**. Barcelona: Editora Crítica, 1991. p. 26-36
- BARROS, J. D.A. **História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, v. 9, n. 1, p. 125 - 141, 22 jan. 2018.
- BOSING, W. **Bosch, Obra Completa de Pintura**. Taschen. 1991.
- BRANT, S. **A Nau dos Insensatos**. Tradução: Karin Volobuef. São Paulo: Actavo, 2010.
- BURBANK, J. COOPER, F. **Impérios: Uma nova visão da História universal**. Tradução: Bruno Cobalchini Mattos. São Paulo: Planeta. 2019.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- CERVANTES, M. de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Primeiro Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. **O Engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha: Segundo Livro**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2017.
- CHARTIER, R. **A beira da falésia: A História entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2002.
- _____. La Europa Castellana durante el tiempo del Quijote. *In*: FEROS, A; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004, p. 129-158.
- CRUZ, A. A. T. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma**. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americana) - Universidade de São Paulo, 2009.
- DOPICO BLACK, G. La Historia del Ingenioso Hidalgo Miguel de Cervantes. *In*: FEROS, A; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 23-40.
- _____. España abierta: Cervantes y el Quijote. *In*: FEROS, A; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 345-388.
- DURO, E. G. **Historia de la locura en España**. Siglo XXI de España, 2021.*E-book*
- FEROS, A; GELABERT, J. (org.) **España En Tiempos Del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da loucura**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GUILLÉN, D.M.G. **Don Quijote: ¿Locura O Heroísmo?** Anales de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, Número 94. 2017. p. 119-131

HUIZINGA, J. **O Outono da Idade Média.** Tradução: Francis Petra Janssen. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MATIAS, K. D. **A Loucura na Idade Média:** Ensaio sobre algumas representações. Dissertação de Mestrado em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015.

MONTERO REGUERA, J. Miguel de Cervantes e o Quixote: De como surge o romance. *In:* VIEIRA, Maria Augusta da Costa (Org.). **Dom Quixote: a Letra e os Caminhos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006. p. 17-43

MONTEIRO, J; CALADO, C. **A Pedra da Loucura.** Lisboa: Edeal, 2008. p. 137-144. *E-book.*

MORALES, Á. La tradición del marco de la novela corta y la justificación de la ficción en el Renacimiento. *In:* **Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas.** New York. 2004. p. 405-410

PESAVENTO, S. J. História e Literatura: uma velha nova história. *In:* COSTA, C. B; MACHADO, M. C. T. (org.). **História & Literatura.** Uberlândia: EDUFU, 2006. P. 11-24

RANDALL, D.B.J; BOSWELL, J.C. **Cervantes in Seventeenth Century England: The Tapestry Turned.** New York: Oxford University Press, 2009.

RINCÓN, J.S. **El Mundo Social Del "Quijote".** Madrid: Editorial Gredos, 1986.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto I.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROTTERDAM, E. de. **Elogio da Loucura.** Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SCHAUB, J. F. La Monarquía Hispana en el sistema Europeo de Estados. *In:* FEROS, A; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote.** Madrid: Taurus, 2004. p. 97-128.

THOMPSON. I.A.A. La guerra y el soldado: De la euforia de Lepanto a la tristeza de 1605. *In:* FEROS, A; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote.** Madrid: Taurus, 2004. p. 159-195.

TSANEVA, M. **Hieronymus Bosch: 110 Masterpieces** (Annotated Masterpieces Book 53). Create Space Independent Publishing Platform (Maria Tsaneva; 1ª edição). 2013. *E-book*

VIEIRA, M. A.C. Apresentação de D. Quixote. *In:* CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.** Primeiro Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, v. I, 2016, p. 9-24.

_____. **O Dito pelo não-dito: Paradoxos de Dom Quixote.** São Paulo: Edusp, 1998.

VINCENT, B. La sociedad española en la época del Quijote. *In*: FEROS, A; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 179 – 307

WATT, I. **Mitos do Individualismo Moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robison Crusue. Tradução: Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Fontes Iconográficas:

BOSCH, Hieronymus. **A Extração da pedra da loucura**, óleo sobre madeira, 48x35cm, Madrid, Museo del Prado.

BOSCH, Hieronymus. **Nave dos Loucos ou A Nau dos Insensatos**, óleo sobre madeira, 56,8x32,5cm, Paris, Musée National du Louvre.

PARTE III

REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM DOM QUIXOTE: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA

5.1 INTRODUÇÃO

Ao observar como certas representações literárias da loucura são construídas e disseminadas em diversas instâncias, como na mídia, nas escolas, na própria universidade entre outros, decidimos construir uma proposta didática que apresente a literatura como fonte primordial para estudar e entender a loucura não só como manifestação do comportamento humano, mas sobretudo, como instrumento de crítica social.

Diante das configurações do tempo presente, que apresenta a loucura como um estigma social, nos cabem alguns questionamentos. De que forma o ensino de História pode abordar um tema considerado tabu pela sociedade? Como favorecer o protagonismo do jovem estudante? E um terceiro ponto, que está ligado à segunda pergunta, como nos aproximar do universo dos estudantes? A partir desses questionamentos decidimos trabalhar com uma obra literária que apresenta uma faceta risível da loucura e que se tornou modelo de ficção no mundo ocidental. Pois, como diz Calvino, “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (Calvino, 1991, p.15).

Consideramos que o romance *Dom Quixote de la Mancha* (1605/1615), do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), oferece uma excelente oportunidade para explorar com os alunos o uso da loucura como estratégia literária para criticar uma determinada sociedade. Ao trabalharmos com uma obra clássica da literatura mundial, que veio a público no início do século XVII, abre-se diante de nós uma série de desafios e possibilidades de questionamentos conceituais que poderão ser tratados em uma ou várias aulas de História. Por exemplo:

- Anacronismo – Como a forma como vemos a loucura hoje difere das representações de loucura dos contemporâneos de Cervantes, e como isso deve ser levado em consideração para que evitemos fazer análises incoerentes de uma obra – ou de um documento histórico qualquer?
- Documento histórico – Até que ponto um romance pode ser considerado um documento histórico capaz de nos fazer entender a sociedade em que foi produzido?
- Dualidade – Como a imaginação e a realidade são retratadas no romance? Como a Literatura trabalha com esses conceitos?

- Estereótipo – Por que o protagonista do romance se tornou um modelo de ficção, gerando até mesmo formas linguísticas de se referir a alguém que esteja alheio à materialidade dos fatos, como "quixotesco"?
- Renascimento – Como as representações de loucura do renascimento ajudaram a estabelecer uma visão patológica da loucura?
- Humanismo – Como os pensadores e artistas do período transitório entre a Idade Média e a Moderna passaram a usar modelos reais para expressar suas ideias?

Nosso foco temático se concentra nas representações da loucura. Nosso objetivo é trazer à tona como a loucura era vista pela sociedade que presenciou o surgimento de *Dom Quixote* e como foi utilizada como metáfora para criticar aquele período. Outro aspecto particularmente importante explorado em nossa proposta didática é sua aptidão interdisciplinar. Algumas áreas que poderão se beneficiar de nossa proposta didática são:

Quadro 1 - Áreas que poderão se beneficiar dessa proposta didática

Literatura	O uso da metáfora como estratégia literária, as fundamentações do romance moderno, literatura como representação social, mito literário, escolas literárias etc.
Psicologia e psiquiatria	Como o conceito de loucura se modifica durante o processo histórico. Como o efeito <i>Dom Quixote</i> se tornou um tema comum na sociedade moderna. E como as casas de saúde que cuidam exclusivamente dos loucos é um fenômeno recente.
Sociologia	Como a sociedade do século XVII tratou da loucura e como a sociedade atual carrega resquícios desse tipo de tratamento. Como a criação de estereótipos da loucura ajuda a manter o assunto como um tabu.
Ensino de espanhol	Como uma obra canônica de língua espanhola ajudou a moldar a língua espanhola como a conhecemos hoje.
História	Como a Literatura pode servir como um documento histórico. Como as representações da loucura se modificam no decorrer da história e como podemos identificar o anacronismo nos estudos das obras literárias.
Cinema	Como as representações de Dom Quixote foram traduzidas para a linguagem cinematográfica.
Filosofia	Como Erasmo de Rotterdam personificou a loucura de forma satírica para criticar a sociedade de seu tempo.

Não é o foco deste trabalho estudar a loucura como patologia ou fenômeno social. No entanto, como trabalhamos com jovens estudantes que inevitavelmente trazem suas vivências para a sala de aula, é importante que o professor esteja preparado para intervenções anedóticas, eventualmente compartilhadas pelos alunos, já que a loucura nunca teve protagonismo nas apostilas, livros didáticos ou planos de ensino das disciplinas escolares citadas acima.

Talvez devido à hegemonia da visão médica, que encarcerou a loucura em um território restrito aos profissionais da saúde mental, ou devido ao seu caráter complexo e estigma social, estabeleceu-se que esse é um assunto a ser evitado. No entanto, a loucura carrega em seu cerne uma série de reflexões que não podemos negligenciar enquanto agentes educadores.

Conhecer como uma sociedade trata seus loucos é essencial para entender, por exemplo, como enfrentar o problema da exclusão social sofrida por indivíduos que não se alinham às representações hegemônicas da sociedade. Ter consciência de que há uma narrativa que não é coerente com a sociedade que criamos, mas que evidencia um comportamento de instabilidade mental, nos alerta para outras possibilidades de pensamento e concepção de mundo. Essas possibilidades seriam inacessíveis caso alguém não extrapolasse os limites estabelecidos entre o real e o imaginário. Em outras palavras, o próprio fazer literário não seria possível sem dar valor aos mundos imaginários. Portanto, é essencial que o educador tenha clareza sobre a abordagem a ser utilizada para garantir o bom andamento da aula, estando preparado para eventuais polêmicas.

Outra questão que nos guiou na produção de nossa proposta didática foi: como fazer adolescentes, criados em um mundo avesso à leitura de romances clássicos, se interessarem por uma obra tão distante de sua realidade? Considerando que estamos falando de estudantes que são, acima de tudo, espectadores “nativos digitais” (Prensky, 2001), decidimos criar uma série de vídeos curtos em formato de minidocumentários sobre o tema, *Representações da loucura em Dom Quixote*.

A intenção é partir do contemporâneo para introduzir o tema. Em seguida, abordaremos como a loucura foi utilizada como recurso cômico na literatura para criticar a sociedade da Espanha do início do século XVII, que, apesar do poderio ultramarino, ainda mantinha uma estrutura política e religiosa com muitos resquícios medievais.

Consideramos que a escolha por vídeos curtos (até 6 minutos) não só atende a uma conveniência tecnológica acessível, mas também favorece a receptividade de nosso público-alvo, que consome cada vez mais esse tipo de conteúdo. A utilização de imagens nos vídeos, obviamente, deve ser pautada pelo método histórico de pesquisa. Como diz Flavia Eloisa Caimi, “as imagens devem ser devidamente contextualizadas, com legendas que permitam a

identificação temporal e espacial da fonte, contendo no mínimo alguns dados, como época de produção, autoria, natureza e créditos” (Caimi, 2008, p.143). A produção de uma série de vídeos como opção didática para trabalhar a História em sala de aula não implica, no entanto, em uma simples decisão estética ou na simplificação do conteúdo deixando a atuação do professor e do aluno inertes.

Para criar dinamismo e motivar a prática escolar, disponibilizamos um roteiro didático, chamado *Manual do Professor*, que segue uma sequência de atividades propostas para antes e depois da exibição dos vídeos. Na prática, apresentamos aos professores uma série de atividades possíveis que eles poderão utilizar na íntegra ou modificá-las de acordo com a recepção da sala. Não se trata de diretrizes fixas, mas sim de sugestões de problematizações dos tópicos levantadas pelos vídeos.

Como nossa proposta de atividades busca instigar a capacidade reflexiva dos estudantes, em vez de simplesmente apresentar-lhes novos conceitos de loucura, entendemos que uma abordagem baseada em competências é o caminho mais coerente. Destaca-se que o ensino por competências não exclui a importância do conhecimento teórico, mas busca integrá-lo às habilidades práticas necessárias para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Essa abordagem promove um aprendizado mais profundo e significativo, preparando os alunos para uma variedade de situações da vida real. O que desejamos fazer aqui, portanto, é traçar estratégias para suscitar discussões entre os estudantes sobre o caráter cultural, social e histórico da loucura e de como ela pode ser usada como narrativa crítica em uma obra literária. Isso só é possível dentro de uma abordagem que seja:

Quadro 2 – Princípios básicos da aprendizagem por competências.

Ativa	Os alunos são encorajados a participar ativamente do processo de aprendizagem, envolvendo-se em atividades práticas, projetos e trabalhos em grupo.
Significativa	O conteúdo deve ter significado para o estudante, ou seja, deve estar relacionado com seu mundo.
Interdisciplinar	As competências podem ser desenvolvidas em diferentes disciplinas, permitindo uma abordagem interdisciplinar, em que os conhecimentos e habilidades são aplicados em contextos variados.
Com ênfase no processo	O foco não está apenas nos resultados – apesar de ser um elemento importante ao planejamento – mas também no processo de aprendizagem, sendo mais coerente avaliá-los na capacidade de desenvolver competências. Erros são vistos como oportunidades de aprendizagem.
Personalizada	Leva em conta as necessidades e interesses individuais dos alunos, buscando oferecer experiências de aprendizagem mais significativas.

Fonte: Perrenoud (2008)

Acreditamos que a escola, seja pública ou privada, é o local onde podemos questionar visões de mundo, cumprindo um papel social fundamental na formação e construção de sujeitos críticos, ou seja, não se trata simplesmente de transmitir conteúdo, mas também, em chamar os estudantes a refletirem sobre suas próprias concepções de mundo por meio desse conteúdo. É nesse sentido que bell hooks²⁶, dentro de uma perspectiva de “pedagogia engajada²⁷”, diz que é necessário construir uma “*práxis*” que consiste sobretudo em “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (hooks, 2013, p.26), em outros termos, se quisermos mudar algo que nos incomoda nesse mundo não será por meio da reprodução automática e passiva de conteúdos “pré-moldados.”

Acreditamos que uma das atribuições do professor que busca uma “prática reflexiva²⁸” seja tornar a leitura significativa para o estudante. Como fazer isso em uma sociedade inundada de conteúdos superficiais e cada vez menos reflexivos? Uma alternativa seria a utilização de produtos culturais como revistas em quadrinho, filmes, séries, jogos de RPG e vídeos de curta duração, ou seja, tudo que é consumido pelos jovens de hoje, para servirem como chamarizes para leituras mais complexas. E se considerarmos o espírito dos tempos atuais, estimular os jovens a lerem obras literárias, clássicas ou mesmo contemporâneas, nunca foi tão essencial quanto hoje.

Calvino (1991) propôs alguns importantes questionamentos nesse sentido, ao perguntar, “por que ler os clássicos em vez de concentrar-nos em leituras que nos façam entender mais a fundo o nosso tempo? Onde encontrar o tempo e a comodidade da mente para ler clássicos, esmagados que somos pela avalanche de papel impresso da atualidade?” (Calvino, 1991, p.14) Dentro de uma perspectiva realista, o autor ainda acrescenta que:

Talvez o ideal fosse captar a atualidade como o rumor do lado de fora da janela, que nos adverte dos engarrafamentos do trânsito e das mudanças do tempo, enquanto acompanhamos o discurso dos clássicos, que soa claro e articulado no interior da casa. Mas já é suficiente que a maioria perceba a presença dos clássicos como um reboar

²⁶A própria autora preferia que se escrevesse seu nome com letra minúscula.

²⁷A ideia de uma “pedagogia engajada” sugerida por bell hooks em sua obra: “Ensinando a Transgredir” (2013), está ligada a constatação da autora que durante seu processo de formação docente se frustrou com as abordagens pedagógicas que buscavam depositar conhecimentos de mundo nos estudantes e não se atentavam ao fato de que todos tinham sua história pregressa, sua cultura e suas emoções. hooks, que é bastante influenciada por Paulo Freire, nos conta o seguinte: “A maioria dos meus professores não estavam nenhum pouco interessados em nos esclarecer. Mais que qualquer outra coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro de seu reininho – a sala de aula” (hooks, 2013, p.30).

²⁸Um dos proponentes da “abordagem reflexiva” na formação do professor é Philippe Perrenoud. Em seu livro “A prática Reflexiva no ofício do Professor” (2008), o autor sugere a necessidade de se criar uma estratégia de longo prazo de profissionalização do ofício de professor, uma mudança estrutural na formação inicial e continuada do profissional da educação, segundo ele “não poderá haver profissionalização do ofício de professor se essa evolução não for desejada, desenvolvida ou sustentada continuamente por numerosos atores coletivos, durante décadas, para além das conjunturas e das alternâncias políticas” (Perrenoud, 2008, pp.9,10).

distante, fora do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume (Calvino, 1991, p.15).

Para Calvino, portanto, um clássico é “aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo (Calvino, 1991, p.15). Nosso papel como mediadores desse processo é, portanto, mostrar o que os clássicos têm a dizer aos nossos alunos, mesmo que o barulho de fundo esteja cada vez mais alto, portanto, mais difícil de não ser notado.

5.2 ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E O ENSINO POR MEIO DE COMPETÊNCIAS

Diante da perspectiva teórica à qual nos alinhamos, baseada no ensino por competências, a interdisciplinaridade é o caminho sem o qual não conseguiríamos produzir uma problematização coerente com a complexidade do tema. Falando sobre a didática do ensino de História nas escolas, Saddi aponta para a impossibilidade de um ensino eficaz ao se ignorar os saberes pedagógicos.

Quando a Didática da História ignora seu vínculo com as ciências afins, ela é incapaz de cumprir os seus objetivos. Na análise da História escolar, por exemplo, se não leva em consideração os acúmulos alcançados pela Pedagogia e pela Psicologia da Aprendizagem, a análise didática tende a ignorar os saberes e interesses que envolvem a especificidade do ambiente escolar, bem como não é capaz de produzir um aprendizado complexo ao não compreender a relação entre os sujeitos da aprendizagem (Saddi, 2010, p.77).

Dominar o saber histórico e as especificidades do tema proposto não basta se quisermos realmente criar um ambiente favorável onde possamos mediar o processo de aprendizagem entre nosso conteúdo e os estudantes. A produção de uma proposta didática por si só é uma exigência interdisciplinar, pois sua construção está ligada a uma intencionalidade prática que lida com vários campos do saber.

Em última instância, nossa intervenção como professores visa a formação do indivíduo como ser social, como diz Antônio Joaquim Severino, “o homem só pode ser efetivamente formado como humano se for formado como cidadão” (Severino, 2008, p.41). E formar cidadãos diz mais respeito a como esses indivíduos usam seus saberes coletivamente do que seus conhecimentos individuais. O autor acrescenta que “em todas as esferas de sua prática, os homens atuam como sujeitos coletivos. Por isso mesmo, o saber, como expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber quando se der interdisciplinarmente” (Severino, 2008, p.40).

De uma forma mais simples, uma abordagem interdisciplinar em sala de aula é uma maneira de preparar os alunos para enfrentar desafios do mundo real que não se limitam às fronteiras de uma única disciplina. Ela promove uma compreensão mais profunda dos temas e estimula a curiosidade e a criatividade dos estudantes.

Quando falamos em competências no âmbito educacional, estamos nos referindo a habilidades, conhecimentos, atitudes e valores que os estudantes adquirem durante sua jornada educacional, que vão muito além do simples domínio de conteúdos teóricos e envolvem a capacidade de aplicar o que foi aprendido em situações práticas, resolver problemas complexos, trabalhar em equipe, comunicar-se efetivamente e adaptar-se a diferentes contextos.

Para o sociólogo e teórico da educação Phillipe Perrenoud – uma das principais autoridades sobre ensino baseado em competência –, competência é:

[...] uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos (Perrenoud, 1999, p.7).

O ensino baseado em competências tem sido cada vez mais valorizado nas abordagens educacionais contemporâneas como uma forma de tornar a aprendizagem mais relevante e alinhada com as demandas da sociedade atual. Muitos criticam esse tipo de abordagem por ter sido originária do mundo laboral e declaram que sua função seria somente dar ênfase nas habilidades úteis ao mercado de trabalho deixando um déficit de conhecimento no indivíduo. Antoni Zabala e Laia Arnau, por outro lado, trazem à tona uma outra forma de se enxergar as competências no campo da educação. Eles enfatizam que:

Enquanto, no mundo laboral, o objetivo das competências era identificar o que promovia maior eficiência na realização das tarefas profissionais, a fim de aumentar a produtividade, no mundo educacional a sua introdução se deve à incapacidade manifesta dos alunos de aplicar os conhecimentos aprendidos na escola para resolver seus problemas cotidianos (Zabala; Arnau, 2020 n.p).

O ensino baseado em competências prioriza, portanto, a formação integral dos alunos e sua preparação para enfrentar os desafios da vida adulta, fortalecendo sua autonomia no processo de aprendizagem. É preciso enfatizar que dentro de uma abordagem que destaca o desenvolvimento de competências ao invés da aplicação mecânica de conhecimentos teóricos, o professor, ao chamar o aluno para a reflexão, não deixa de ter voz no processo de ensino-aprendizagem. Há a necessidade de uma negociação. Segundo Perrenoud:

O professor não está ali para atender a qualquer preço as demandas dos alunos. A negociação é uma forma não só de respeito para com eles, mas também um desvio

necessário para implicar o maior número possível de alunos em processos de projeto ou solução de problemas (Perrenoud, 1999, p.62).

O professor assume um papel de orientador e motivador, em suma, ele é um facilitador, sendo responsável por criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e desafiador que estimule o desenvolvimento das competências dos estudantes, preparando-os de forma mais abrangente para os desafios do mundo contemporâneo. Como isso ocorre em uma aula de História?

Para Circe Bittencourt, a intensão maior da História como disciplina escolar é “desenvolver uma autonomia intelectual capaz de propiciar análises críticas da sociedade em perspectiva temporal” (Bittencourt, 2008, p.327). Assim, é esperado que os alunos desenvolvam a capacidade não só de ler as informações que estão à sua disposição, mas também, confrontá-las com outras. Podemos fazer isso com o auxílio de materiais didáticos desenvolvidos especificamente para a prática escolar ou com o uso de “documentos” que não necessariamente foram criados para fins educativos, como fotos, cartas, filmes, vídeos etc (Bittencourt, 2008, p.327).

Segundo a autora, há basicamente três tipos de documentos que podem ser apropriados para o uso em sala de aula. Podem ser “escritos, materiais (objetos de arte, ou do cotidiano, construções ...) e visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais)” (Bittencourt, 2008, p.333). O objetivo da análise de documentos em uma aula de História ocorre no âmbito da produção de um pensamento crítico, instigando os estudantes a questionar seus modos de vida e analisar criticamente os processos que levaram a eles. Neste sentido, Fernando Seffner reforça que “o objetivo de uma aula de História é a produção de saberes de natureza histórica que façam sentido aos alunos, que sirvam para que eles se indaguem acerca de sua vida social e familiar, de seus relacionamentos, de seus valores” (Seffner, 2011, p.1).

Nesse sentido, nossa proposta didática pretende auxiliar na criação de um ambiente propício para que o estudante manifeste seus conhecimentos prévios utilizando ferramentas de uso corrente em seus meios sociais. Sobre a importância de se explorar o conhecimento prévio dos estudantes, nos serve de apoio teórico a visão de David Ausubel, o proponente da *teoria da aprendizagem significativa*, que criticava as formas de aprendizagem por memória. Segundo ele:

A interação entre novos significados potenciais e ideias relevantes na estrutura cognitiva do aprendiz dá origem a significados verdadeiros ou psicológicos. Devido à estrutura cognitiva de cada aprendiz ser única, todos os novos significados adquiridos são, também eles, obrigatoriamente únicos (Ausubel, 2003, p.17).

Sendo assim, entrar em contato com as diversas “estruturas cognitivas” presentes em uma sala de aula, é também uma forma de o professor avaliar e aprender a linguagem deles, seus códigos sociais, suas leituras de mundo peculiares e aguçar uma postura crítica na forma de se ver o mundo. Entendemos uma postura crítica como: “a possibilidade de olhar para sua realidade com algum distanciamento, de efetuar um olhar mais amplo, que possa colocar em perspectiva as ações que examinamos” (Seffner, 2011, p.1).

Sintetizando, a decisão por uma abordagem de ensino por competências nos permitirá partir da realidade do aluno, considerando-o partícipe da sua aprendizagem, além de aguçar nossa postura reflexiva, o que nos permite crescer como profissionais.

5.3 PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO

Apesar de estar em voga ultimamente, o uso de vídeos como recurso pedagógico não é novidade. Devemos lembrar que em 1974, em plena ditadura militar, foi implantado no Brasil o Projeto SACI (Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares), um projeto de educação primária – quatro primeiros anos do antigo primeiro grau – que funcionava por meio de aulas transmitidas via satélite com auxílio de material impresso. Foi uma iniciativa do Ministério da Educação, do Centro Nacional de Pesquisas e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), para reduzir a alta taxa de analfabetismo, que era uma das maiores críticas enfrentadas pelo governo daquele período.

Também utilizando a TV como propagadora, o *Telecurso* foi uma iniciativa criada pela Fundação Roberto Marinho em parceria com o sistema FIESP. A primeira edição do projeto foi aplicada em 1977 e começou a ir ao ar pela Rede Globo, TV Cultura e TV Brasil simultaneamente. Outras versões do *Telecurso* continuaram sendo produzidas no decorrer dos anos 80 e 90.

Com o advento da internet e com o barateamento das ferramentas de criação audiovisual, a produção de vídeos se tornou bastante viável para qualquer pessoa que tenha um celular em mãos. Principalmente para quem nasceu na geração quando a internet já era uma realidade.

Segundo Marc Prensky, criador do termo “nativos digitais”,²⁹ os estudantes de hoje são “falantes nativos da linguagem digital dos computadores, vídeo *games* e *internet*” enquanto os

²⁹Não estamos considerando aqui os problemas relativos à desigualdade social. Ao adicionarmos essa questão à equação, devemos ter em mente que, dentro da realidade do ensino público brasileiro, existem escolas em comunidades muito empobrecidas, onde os professores realizam verdadeiras façanhas com um número

professores recebem a alcunha de “imigrantes digitais”. Assim como um imigrante fora de seu país de origem carrega marcas que o identificam como não nativo, o professor carrega seu “sotaque” de um mundo analógico (Prensky, 2001). Nesse sentido, disponibilizar formas multimídias de interação no processo de ensino-aprendizagem seria uma maneira de nós, “professores analógicos”, nos aproximarmos mais do mundo desse estudante, que antes de tudo, é um espectador nativo digital. No entanto, o termo “nativos digitais” vem provocando controvérsia entre os profissionais da educação. Segundo Ana Claudia Ferrari, Daniela Machado e Mariana Ochs em seu Guia da Educação Midiática (2020):

Prensky quis dizer apenas que nativos digitais são os que já nascem em um mundo em que os dispositivos digitais são onipresentes, mas houve quem entendesse que essas crianças e jovens já “vinham de fábrica” com pleno conhecimento e aptos a lidar com tecnologia. Longe disso (Ferrari *et al.*, 2020, p.23).

Em uma pesquisa realizada pela *Stanford History Education Group (SHEG)* em 2016, o psicólogo da educação, Sam Wineburg que conduziu a pesquisa com alunos estadunidenses de Ensino Médio, chegou à seguinte conclusão

Our “digital natives” may be able to fit between Facebook and Twitter while simultaneously uploading a self to Instagram and texting a friend. But when it comes to evaluating information that flows through social media channels, they are easily duped (Wineburg, 2016, p.4).³⁰

As autoras supracitadas, que usaram as apurações de Wineburg para fundamentarem seu guia, concluem que “apesar de serem a geração mais familiarizada com as novas tecnologias de comunicação e informação, essas crianças e jovens têm muita dificuldade de processar informações encontradas nas redes sociais” (Ferrari *et al.*, 2020, p.23), ou seja, os alunos, em grande medida, sabem mais que seus professores como acessar redes sociais e se utilizarem delas para vários propósitos, e isso só evidencia que a intervenção do professor nunca foi tão necessária. Como acrescentam as autoras:

Saber viver, aprender, discernir e prosperar, tanto online quanto offline, em uma cultura de mídia global e diversificada, é exercício constante que demanda compreensão do ecossistema das mídias como condição essencial para o gerenciamento de informação, consumo consciente, criação responsável de conteúdo e participação ativa na sociedade (Ferrari *et al.*, 2020, p.20).

extremamente limitado de recursos tecnológicos. Para alunos desse tipo de instituições, aplicar o termo “nativos digitais”, seria uma ingenuidade de nossa parte.

³⁰Nossos ‘nativos digitais’ são capazes de ir e voltar do *Facebook* para o *Twitter* e simultaneamente postam uma *selfie* no *Instagram* escrevendo uma mensagem para um amigo. Mas, quando o assunto é avaliar as informações que transitam pelas redes sociais, eles são facilmente ludibriados. (Tradução minha).

As novas configurações sociais que vêm se descortinando diante de nós atualmente por meio da internet, não raramente vêm inundando a sociedade com conteúdo pseudo-históricos, muitas vezes, utilizados de má-fé. Parafraseando Anita Lucchesi, Pedro Telles da Silveira e Thiago Lima Nicodemo – quando levantaram a voz contra o pessimismo que estabelecia uma certa crise das humanidades na atualidade – eu diria que a presença do historiador nas redes sociais “nunca foi tão útil” (Lucchesi *et al.*, 2020).

Canais do *YouTube* como o *Manual do Mundo*³¹, *Nerdologia*³² e *Ciência Todo Dia*³³ se tornaram verdadeiros fenômenos de público na *internet* se destacando na produção de conteúdos que podem servir ao professor ou tutor como auxílio na sua interação com os estudantes, afinal, recursos audiovisuais que prendem a atenção do telespectador têm grande chance de aumentar a motivação.

É essencial sempre reforçar a importância do professor nas tomadas de decisões sobre o processo de uso do vídeo em sala de aula. Como explicam Agnaldo Arroio, Manuela Lustosa Diniz e Marcelo Giordan, “um vídeo, um filme ou programa de televisão, não pode por si só gerar conhecimento, nem mudanças de comportamento nos alunos, não substituem nem o texto escrito e muito menos o papel do professor como orientador dos processos de aprendizagem” (Arroio *et al.*, 2005, p.5).

Sendo assim, um vídeo de *YouTube*, por si só, não é exatamente um objeto de aprendizagem, ele pode tomar essa forma ao ser introduzido no planejamento do professor como ingrediente didático. Para Circe Bittencourt:

Contos, lendas, filmes de ficção ou documentários televisivos, músicas, poemas, pinturas, artigos de jornal ou revistas, leis, cartas, romances são documentos produzidos para um público bastante amplo que, por intermédio do professor e seu método, se transformam em materiais didáticos (Bittencourt, 2008, p.297).

No caso da nossa proposta didática, temos um romance do século XVII como fonte de estudo primordial e por isso devemos nos atentar para o problema da linguagem e dos tópicos a serem trabalhados, afinal, nossa intenção não é tornar a compreensão dos estudantes mais difícil, mas como diz Circe Bittencourt, o objetivo de um documento em uma aula de História “é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais” (Bittencourt, 2008, p.330).

Chegamos então à elaboração de uma proposta de produzir uma série de vídeos de curta duração no formato de minidocumentários, explicando de forma didática os aspectos

³¹ **Manual do Mundo:** Disponível em: <https://www.youtube.com/@manualdomundo>

³² **Nerdologia:** Disponível em: <https://www.youtube.com/@nerdologia>

³³ **Ciência todo dia:** Disponível em: <https://www.youtube.com/@CienciaTodoDia>

contraditórios sobre a loucura dentro de uma perspectiva histórica e tendo como foco e objeto de estudo o uso da loucura como metáfora no romance *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes.

5.4 CRIAÇÃO E APLICABILIDADE DA PROPOSTA DIDÁTICA

O nosso objetivo ao desenvolver essa proposta didática é criar formas de engajar os alunos do Ensino Médio – ou qualquer outra pessoa que tenha acesso e interesse no nosso conteúdo. Nossa intenção é disponibilizar documentos de análise (vídeos, imagens e textos) que sejam significativos para os estudantes e, ao mesmo tempo, auxiliem o professor na criação de atividades, partindo de práticas e ferramentas mais próximas da realidade compartilhada por eles. A produção de vídeos hoje em dia se tornou tecnicamente viável para grande parte da população que tenha um celular nas mãos e uma boa ideia na cabeça. Acreditamos que podemos nos apropriar dessas ferramentas como auxiliaadoras do processo de ensino-aprendizagem.

Temos como desafio traduzir esse tema tão controverso e delicado para jovens estudantes do Ensino Médio. Por isso, julgamos fundamental abrir as discussões em sala de aula usando a contemporaneidade e as noções de loucura compartilhadas pela juventude atual para, a partir daí, especificar a loucura encarnada por Dom Quixote. Para isso, devemos nos preocupar com o processo de transposição de alguns temas historiográficos para nosso público-alvo, tendo em mente que não queremos formar pequenos historiadores, mas sim leitores críticos – não só de literatura, mas também – da sociedade.

Nossa proposta didática está organizada em 3 vídeos em forma de minidocumentários, disponibilizados no *YouTube* e em formato MP4 para *download*. Entendemos que a escolha da produção de vídeos de curta duração atende uma conveniência tecnológica, pois hoje em dia temos ferramentas muito eficazes de produção de vídeos, como as de uso aberto *CapCut*, *ShotCut*, *Adobe Premiere Rush* e *Filmora*, além de editores mais refinados e de uso profissional como, *Adobe Premiere*, *After Effects*, *Soni Vegas*, dentre outros. Além dessa possibilidade técnica na produção de conteúdo, temos a nosso favor a receptividade de nosso público-alvo, que consome cada vez mais conteúdo desse tipo.

A utilização livre de imagens de domínio público também é uma vantagem no que diz respeito à produção desse tipo de mídia, pois podemos encontrá-las em acervos digitais disponíveis para pesquisadores e leigos que queiram se aprofundar. Alguns sites populares que

fornecem esse tipo de material são *PNG Wing*³⁴ – que disponibiliza ótimas imagens livres de *royalties* em formato PNG que facilitam na edição dos vídeos – *Pexels*³⁵, *Pixabay*³⁶ *Canva*³⁷, *Freepik*³⁸ etc.

Também disponibilizamos, em PDF, um roteiro didático que chamaremos de *Manual do Professor* que segue uma sequência didática de atividades propostas para serem feitas antes e depois da reprodução dos vídeos. O *Manual do Professor* contém uma série de atividades possíveis que poderão ser feitas na íntegra ou modificadas de acordo com a recepção da sala.

Além do *YouTube*, os vídeos estão disponibilizados para *download* para utilização *offline*. Juntamente com os vídeos e o *Manual do Professor* em PDF, serão disponibilizadas apresentações de slides em PPT (editável) e em PDF. Todos esses itens são públicos e se encontram no repositório da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) podendo ser encontrado nos links disponibilizados pela instituição.

Para a aplicação efetiva dessa proposta didática, da forma como ela foi pensada, é esperado do professor um conhecimento mínimo de acessibilidade *online* e na reprodução de ferramentas auxiliares como *Powerpoint Office* ou *Canva*. Mas isso não é um impeditivo, pois sempre haverá a possibilidade de se trabalhar com o conteúdo impresso.

Como foi dito durante essa apresentação, uma das prerrogativas de nossa proposta didática é explorar o entendimento dos alunos sobre a loucura partindo do contemporâneo e buscando elementos de suas vivências, para isso desenvolvemos atividades de *warm-up* (aquecimento) para o início de cada aula. A ideia é que o *warm-up* ajude a estabelecer um ambiente positivo para a aprendizagem, reduzindo a resistência inicial dos alunos e criando um clima mais favorável para a participação e absorção do conteúdo da aula. É uma oportunidade para o professor entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno, ou seja, ao conhecimento que esse indivíduo construiu no decorrer de sua vivência social. Dentro de uma perspectiva piagetiana:

O homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outras palavras, o homem não social, o homem considerado como molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe (Piaget apud. La Taille, 1992, p.11)

³⁴ <https://www.pngwing.com/pt>

³⁵ <https://www.pexels.com/pt-br/>

³⁶ <https://pixabay.com/pt/>

³⁷ <https://www.canva.com/pt-br/login/>

³⁸ <https://br.freepik.com/>

Entendemos que uma atividade de *warm-up* bem trabalhada pode ser valiosa para o professor estabelecer um contato dialógico com o mundo do aluno, além de indicar um caminho a ser usado no decorrer da aula. Nesta proposta didática, chamamos nossos *warm-ups* de “primeiros passos” como uma forma de demonstrar o aspecto de atividade inicial que propomos. Os *primeiros passos* são atividades iniciais curtas, geralmente baseada em algum tipo de *gamificação* para preparar os alunos para avançar na aula.

Assim, podemos utilizar, por exemplo, um *quiz* com perguntas de múltipla escolha, cujo objetivo é criar um vínculo entre o conteúdo e o estudante, avaliar o conhecimento prévio e avaliar o interesse e a motivação deles sobre o tema. Há também a possibilidade dessas atividades iniciais serem feitas por intermédio de ferramentas online como o *Kahoot*³⁹ e o *Mentimeter*⁴⁰, caso os alunos e o professor tenham familiaridade com esses aplicativos.

Nossa intenção é trabalhar com os alunos do Ensino Médio aspectos reflexivos sobre a utilização da loucura na literatura como estratégia crítica da sociedade. Nesse sentido, as atividades que propomos se encontram no campo metafórico e, muitas vezes, são de difícil compreensão, o que torna nosso desafio ainda maior. Portanto, a capacidade de abstração do estudante deve ser avaliada e eventualmente aguçada pelo professor. Nesse sentido, buscamos respaldo no nível de habilidades cognitivas estabelecido pela BNCC para o aluno do Ensino Médio.

A exploração dessas questões sob uma perspectiva mais complexa torna-se possível no Ensino Médio dada a maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos. O desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração permite percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos – com base em um número maior de variáveis –, além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração. Portanto, no Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área (BNCC, 2018, p.561).

O intuito é desenvolver uma proposta didática condizente com o mundo social dos estudantes e que permita que eles investiguem, intervenham e reflitam sobre seu próprio papel social. Para isso, buscamos estabelecer uma harmonia de conteúdos condizentes com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, no que diz respeito ao Ensino Médio no Brasil

³⁹ <https://kahoot.com/pt/>

⁴⁰ <https://www.mentimeter.com/pt-BR>

atual. O artigo 35 da LDB – Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017 – estabelece que nessa etapa da educação do jovem deve haver:

- I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Concluímos com isso que nosso público-alvo tem competência para trabalhar de forma reflexiva o tema da loucura por meio de uma obra do século XVII e fazer paralelos com sua vivência atual e sua responsabilidade social mediante um tema que não é muito debatido na escola nem no cotidiano do adolescente médio brasileiro.

O processo de criação dos vídeos consistiu, primeiramente, em criar um roteiro baseado nos estudos teóricos que desenvolvemos sobre o nosso tema. Em seguida, selecionamos imagens em bancos de imagens gratuitos que poderiam ser úteis para ilustrar nosso roteiro e serem utilizadas na construção do vídeo.

Finalmente, gravamos a locução do roteiro de forma cadenciada, servindo como guia para a construção da parte gráfica do vídeo. Para a mixagem e edição do vídeo foram usados o programa *Adobe Premiere* e para a finalização usamos o *Adobe After Effects*. O arquivo final foi salvo em formato MP4 para melhor possibilidade de compactação e compartilhamento.



Thumbnails (miniaturas) dos vídeos no *YouTube*.

No início do vídeo 1, que batizamos de “Introdução: Quem é Dom Quixote?”, apresentamos algumas releituras contemporâneas de *Dom Quixote*, com o intuito de apresentar esse romance como um lugar-comum no imaginário popular.



Cena do vídeo 1 mostrando a banda Engenheiros do Hawaii e o rapper Dijonga

O professor poderá explorar essas releituras de *Dom Quixote* na música e no cinema como uma forma de despertar o interesse dos alunos. No *Manual do Professor*, selecionamos algumas obras artísticas que poderão ser utilizadas pelo professor com esse intuito. No início do vídeo, apresentamos os questionamentos que nos guiarão ao longo dele.



Cena do vídeo 1 mostrando alguns questionamentos iniciais

Apresentamos o conceito de romance de cavalaria, cuja leitura é o motivo alegado da loucura de Dom Quixote, e mostramos o quão populares esses livros eram no período em que Dom Quixote foi publicado. No decorrer do vídeo, damos aos alunos, informações sobre como Dom Quixote representa uma crítica a esse tipo de literatura.



Cena do vídeo 1 mostrando um cavaleiro medieval

Sendo assim, o professor pode, caso ache necessário, fazer recortes pontuais no vídeo para atender à demanda de seu plano de aula e cronograma escolar. No primeiro vídeo, temos como objetivo principal apresentar aos alunos o personagem Dom Quixote, cujo nome é conhecido por muitos, mas sua origem e significado ainda são desconhecidos por grande parte dos alunos dentro da faixa etária que cursa o Ensino Médio.

No segundo vídeo, intitulado: “A Espanha nos tempos de Quixote” mostramos as origens do romance na Espanha do século XVII. Para isso, iniciamos com elementos da Espanha atual, visando despertar o interesse dos alunos.



Cena do Vídeo 2 mostrando o mapa da Espanha, destacando a região da Mancha.



Cena do Vídeo 2 mostrando algumas celebridades espanholas.

No terceiro vídeo, apresentamos questões sobre o papel da literatura nos estudos históricos e as mudanças nas formas de se enxergar a loucura no processo histórico.



Cena do vídeo 3 mostrando uma capa do livro *Dom Quixote*.



Cena do vídeo 3 mostrando a pintura *A nave dos loucos* de H. Bosch.



Cena do vídeo 3 mostrando a imagem da peça *Dom Quixote* da companhia CIAUM.

Preparamos algumas questões para reflexão após a reprodução do vídeo, além de propor atividades para que os alunos criem seus próprios vídeos, baseados no que assistiram. Nosso objetivo ao sugerir essa atividade é estimular a criatividade, promover reflexões sobre questões sociais e psicológicas da loucura e incentivar a autonomia no processo de aprendizagem.

Devido às várias possibilidades temáticas revisitadas em nosso trabalho, entendemos que a parceria com professores de outras áreas, como Literatura, Sociologia, Filosofia e Língua Espanhola, pode ser importante para renovar e reutilizar o entendimento do tema de diferentes

maneiras, estimulando o aluno. Nesse sentido, Barros (2006) explica, em relação ao historiador – mas que também pode ser aplicada ao docente – que ao considerar não somente o espaço físico, mas também outros tipos de espaço, como o “imaginário” ou o “literário” estudados por outras áreas do conhecimento como a semiótica, a psicanálise ou a crítica literária é de grande valia para o historiador que queira ou necessite de alguma forma intensificar sua interdisciplinaridade (Barros, 2006).

Como resultado desse processo de criação, o *Manual do Professor* se torna uma ferramenta completa e acessível, projetada para apoiar o docente em cada etapa da aplicação de nossa proposta. Com procedimentos bem definidos, fundamentação pedagógica sólida, e roteiros de atividades objetivos, o material oferece uma síntese do que foi pesquisado, além de uma variedade de propostas práticas para as aulas. As imagens selecionadas estão cuidadosamente referenciadas e tornam a experiência de uso mais intuitiva e visualmente agradável. Assim, o *Manual do Professor* não é apenas um suporte pedagógico, mas uma ferramenta que valoriza a criatividade e a eficácia no processo de ensino, ajudando os professores a transformarem o aprendizado em uma experiência dinâmica e envolvente para seus alunos.

Amostra do manual do Professor



Capa do Manual do Professor



Aspectos metodológicos Gerais



Uma Reflexão sobre o uso de vídeos no processo de ensino-aprendizagem



Passo a passo – vídeo 1



Explicação detalhada do passo a passo da atividade de Warm-up



Caderno de Atividades Imprimíveis

5.5 SÍNTESE DA PROPOSTA

Quadro 3 – Sobre a aplicação da proposta didática.

Público-alvo	Alunos do Ensino Médio (podendo ser adaptado para outros públicos)
Duração da atividade	Sugerimos que cada uma das 3 atividades com vídeo seja aplicada em 1 hora aula, ou seja, a aplicação dos três vídeos tomará 3 horas aulas.
Conteúdos abordados	Crítica literária, Linguagem Metafórica, História da Loucura, Renascimento Espanhol, Monarquia Espanhola, Sociedade Espanhola do século XVII.
Áreas com as quais a proposta dialoga	Literatura Espanhola, História, Sociologia, Psicologia, Psiquiatria, Cinema, Teatro, Filosofia etc.
Objetivos	Discutir a maneira como a loucura de Dom Quixote representa uma crítica ao contexto social em que o personagem está inserido.
Resultados esperados	Espera-se que ao final da aplicação desta proposta, os estudantes sejam capazes de refletir a respeito das representações metafóricas da loucura em <i>Dom Quixote</i> e produzir a partir de suas reflexões conteúdos críticos significativos para o mundo deles.
Recursos	Computador com <i>Powerpoint Office e Internet</i> . Equipamentos audiovisuais, como <i>Datashow</i> e caixas de som. Obs. Há também a possibilidade de se imprimir as atividades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, essa proposta didática busca contemplar as demandas atuais, marcadas pelo uso intensivo de tecnologias digitais e a falta de interesse na literatura clássica. De forma empírica, notamos a necessidade de inserir no processo de ensino-aprendizagem, elementos mais próximos do cotidiano do jovem estudante do Ensino Médio, ao mesmo tempo em que evidenciamos a importância do professor como mediador desse processo considerando o alto número de informações sem averiguação a que esses jovens estão expostos. Nesse sentido, defendemos uma abordagem interdisciplinar baseada em competências para preparar os alunos no enfrentamento dos desafios do mundo contemporâneo e promover uma compreensão mais significativa dos tópicos, estimulando sua curiosidade e criatividade.

O suporte teórico de Philip Perrenoud, um dos pioneiros na defesa da aprendizagem por meio de competências, nos permitiu ter uma direção em relação à aplicabilidade de nossa proposta; no entanto, nunca foi nossa intenção criar uma nova metodologia de ensino. Nossa pesquisa se baseou, sobretudo, em tentar responder a questões basilares que todos nós, professores, temos dificuldades em abordar na prática cotidiana do ensino. Questões como: Será que é possível trabalhar literatura clássica com os alunos do Ensino Médio? Que ferramentas temos disponíveis para isso? Essas questões estão, em grande parte, ligadas ao nosso anseio de desempenhar um papel social relevante em uma sociedade cada vez mais tecnológica e saturada de dados facilmente acessíveis.

Tendo em mente que a informação, por si só, não gera conhecimento, achamos necessário conectar as experiências de mundo dos alunos ao conteúdo proposto, estimulando o pensamento crítico e promovendo a reflexão. Nossa proposta está, portanto, baseada em práticas colaborativas, nas quais os alunos são incentivados a trabalhar em grupos, trocar ideias e construir sua própria relação com o processo de aprendizagem, fornecendo recursos cognitivos para que desenvolvam estratégias pessoais de construção do conhecimento.

Assim, nossa visão de ensino se propõe a promover não apenas a transmissão de saberes recíprocos entre professor e aluno, e entre alunos, mas também o aperfeiçoamento de habilidades essenciais para suas vivências cotidianas, buscando construir estratégias baseadas nas necessidades de cada momento. Ao pensarmos na produção e utilização de vídeos de curta duração, buscamos democratizar o processo de ensino-aprendizagem, não apenas chamando o estudante para a construção do saber, mas também aguçando sua capacidade crítica. Partindo da realidade do aluno e considerando-o como parte ativa de sua aprendizagem, além de

reforçarmos seu protagonismo no processo de ensino-aprendizagem, temos a oportunidade de adotar uma postura reflexiva que nos permitirá crescer como profissionais.

REFERÊNCIAS:

ARROIO, A.; DINIZ, M. L.; GIORDAN, M. A utilização do vídeo educativo como possibilidade de domínio da linguagem audiovisual pelo professor de ciências. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 5., 2005, Bauru. [Atas...], Bauru, 2005.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BARROS, J. D.A. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. *Varia hist.* [online]. 2006, vol.22, n.36, pp.460-475

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2017. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 05 f ago. 2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

CAIMI, F. E. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar - Anos 90** (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 129-150, 2008.

CHARTIER, R. A História entre narrativa e conhecimento. *In: A beira da falésia: A História entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2002.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. *E-book*

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LA TAILLE, Y. *et al.* **Piaget, Vygotsky, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão**. SP, Summus, 1992.

LUCCHESI, A.; SILVEIRA, P. T; NICODEMO, T. L. **Nunca fomos tão úteis**. Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Porto Alegre: Artimed. 2008.

_____. **Construir competências desde a escola.** Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.** Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. De On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro (2001). Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>> Acesso em: 03 e ago. 2023.

SADDI, R. **Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica.** História & Ensino, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SEFFNER, F. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História.** In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo / SP. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH NACIONAL Brasil, 2011. v. 1. p. 1-23.

SEVERINO, A. J. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, I. C. A.; (org.). **Didática e interdisciplinaridade.** Campinas: Papirus, 2008, v., p. 31-44.

WINEBURG, S. **Evaluating Information Online: The cornerstone of Civic Online Reasoning.** Disponível em: <stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/SHEG%20Evaluating%20Information%20Online.pdf> Acesso em: 23 de ago. 2023.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Métodos para ensinar competências.** Porto Alegre: Penso, 2020. *E-book*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta didática visa aproximar as questões históricas e metafóricas que envolvem a figura de Dom Quixote do mundo dos estudantes do Ensino Médio, por meio de atividades práticas baseadas em uma abordagem ativa e significativa. Durante este trabalho, exploramos o contexto de crise em que a Espanha se encontrava entre o final do século XVI e o início do século XVII, resultante de decisões políticas equivocadas. Observamos como a loucura em Dom Quixote é utilizada como uma metáfora da permanência da Espanha em uma concepção ultrapassada de mundo, enquanto outras nações da Europa caminhavam para uma visão mais moderna de comércio e política. Baseando-nos na História Cultural, promovemos um diálogo entre Literatura e História para esclarecer as representações simbólicas que Cervantes utilizou como forma de crítica social.

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos, na íntegra, nossa proposta didática. Optamos por criar nossos próprios vídeos de curta duração como uma forma de nos aproximarmos das mídias mais populares entre os estudantes do Ensino Médio brasileiro. No entanto, a simples produção de vídeos com informações históricas poderia se perder entre as inúmeras produções disponíveis *online*. Por isso, sentimos a necessidade de desenvolver, em paralelo, um guia pedagógico, chamado aqui de *Manual do Professor*, para apoiar o docente na utilização dos vídeos em sala de aula, utilizando uma abordagem interdisciplinar, ativa, personalizada e com foco no processo.

O *Manual do Professor*, além de fornecer orientações sobre como utilizar os vídeos, também oferece sugestões de atividades práticas que incentivam a participação ativa dos alunos. Propomos discussões em grupo, debates, e até mesmo a criação de projetos que permitam aos estudantes aplicarem os conceitos aprendidos de maneira criativa e significativa para eles.

Na segunda parte, apresentamos nossa pesquisa teórica, identificando como a loucura em Dom Quixote funciona como uma metáfora de um império que se agarrava desesperadamente na exaltação de um passado glorioso enquanto se deteriorava politicamente. Refletimos sobre as tensões sociais e políticas da Espanha daquela época, analisando a construção do romance como uma crítica a essa realidade. Baseando-nos na História Cultural, promovemos um diálogo entre Literatura e História para esclarecer as representações simbólicas que Cervantes utilizou como forma de crítica social.

Na terceira parte deste trabalho, discutimos como os aspectos históricos e literários abordados em nossa análise poderiam ser aplicados em uma aula do Ensino Médio. Para isso, realizamos um levantamento metodológico que nos ajudou a compilar experiências práticas que

promovam a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, dentro de uma visão de ensino por meio de competências. Nosso objetivo é que nossa proposta didática seja um apoio para a prática escolar, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades pedagógicas sobre o tema.

Esperamos que nossa proposta didática inspire educadores a explorar novas formas de ações pedagógicas, conectando os alunos não apenas ao conteúdo, mas também ao contexto histórico e cultural que o molda. Embora reconheçamos que não haja um remédio infalível para os desafios inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, acreditamos que nossas ideias oferecem um caminho promissor para tornar o estudo de *Dom Quixote* mais envolvente e relevante para os estudantes do Ensino Médio.

Além disso, a abordagem interdisciplinar e ativa que propomos pode ser adaptada para diversas áreas do conhecimento, permitindo que os educadores apliquem esses princípios em diferentes disciplinas. Seja na Literatura, História, Filosofia ou em qualquer outro campo, nossa proposta oferece um modelo flexível que pode ser moldado para atender às necessidades específicas de cada turma. Que esta proposta sirva como um ponto de partida para professores e educadores construïrem suas próprias práticas pedagógicas de forma significativa para seus alunos ajudando a transformar a sala de aula em um espaço onde o passado ressoe no presente, despertando a curiosidade e o pensamento crítico dos alunos.

REFERÊNCIAS

ARROIO, A.; DINIZ, M. L.; GIORDAN, M. A utilização do vídeo educativo como possibilidade de domínio da linguagem audiovisual pelo professor de ciências. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 5., 2005, Bauru. [Atas...], Bauru, 2005.

ASENSIO, E. Tendencias y Momentos en el Humanismo Español. *In: RICO, F. (org.) Historia y Crítica de la Literatura Española 2/1 Siglos de Oro: Renacimiento*. Barcelona: Editora Crítica, 1991. p. 26-36

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BARROS, J. D.A. **História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, v. 9, n. 1, p. 125 - 141, 22 jan. 2018.

_____. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. *Varia hist.* [online]. 2006, vol.22, n.36, p.460-475

_____. **Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo**. *Ler História*, 71 | 2017, Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/2930>>; Acesso em: 04 de ago. 2023.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

BOSING. W. **Bosch, Obra Completa de Pintura**. Taschen. 1991.

BRANT, S. **A Nau dos Insensatos**. Tradução: Karin Volobuef. São Paulo: Actavo. 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2017. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 05 f ago. 2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BURBANK, J.; COOPER, F. **Impérios: Uma nova visão da História universal**. Tradução: Bruno Cobalchini Mattos. São Paulo: Planeta. 2019.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

CAIMI, F. E. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar - Anos 90** (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 129-150, 2008.

CERVANTES, M. de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Primeiro Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **O Engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**. Segundo Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2017.

CHARTIER, R. **A beira da falésia: A História entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2002.

_____. La Europa Castellana durante el tiempo del Quijote. *In*: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004, p. 129-158.

CRUZ, A. A. T. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma**. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americ.) - Universidade de São Paulo, 2009.

DOPICO BLACK, G. La Historia del Ingenioso Hidalgo Miguel de Cervantes. *In*: FEROS, A.; GELABERT, J. (org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 23-40.

_____. España abierta: Cervantes y el Quijote. *In*: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 345-388.

DURO, E. G. **Historia de la locura en España**. Siglo XXI de España, 2021. *E-book*

FEROS, A.; GELABERT, J. (org.) **España En Tiempos Del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GUILLÉN, D.M.G. **Don Quijote: ¿Locura O Heroísmo?** Anales de la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, Número 94. 2017. p. 119-131

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HUIZINGA, J. **O Outono da Idade Média**. Tradução: Francis Petra Janssen. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LA TAILLE, Y. *et al.* **Piaget, Vygotsky, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão**. SP, Summus, 1992.

LUCCHESI, A.; SILVEIRA, P. T.; NICODEMO, T. L. **Nunca fomos tão úteis**. Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.

MATIAS, K. D. **A Loucura na Idade Média**: Ensaio sobre algumas representações. Dissertação de Mestrado em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015.

MONTEIRO, J.; CALADO, C. **A Pedra da Loucura**. Lisboa: Eual, 2008. p. 137-144. *E-book*.

MONTERO REGUERA, J. Miguel de Cervantes e o Quixote: De como surge o romance. *In*: VIEIRA, M. A. C. (Org.). **Dom Quixote**: a Letra e os Caminhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006. p. 17-43

MORALES, Á. La tradición del marco de la novela corta y la justificación de la ficción en el Renacimiento. *In*: **Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**. New York. 2004. p. 405-410

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor**: Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artimed. 2008.

_____. **Construir competências desde a escola**. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999

PESAVENTO, S. J. História e Literatura: uma velha nova história. *In*: COSTA, C. B.; MACHADO, M. C. T. (org.). **História & Literatura**. Uberlândia: EDUFU, 2006. P. 11-24

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. De On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro (2001). Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>> Acesso em: 03 e ago. 2023.

SADDI, R. **Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica**. História & Ensino, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SEFFNER, F. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos**: atravessamentos no território do Ensino de História. *In*: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo / SP. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH NACIONAL Brasil, 2011. v. 1. p. 1-23.

SEVERINO, A. J. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. *In*: FAZENDA, I. C. A.; (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2008, v. , p. 31-44.

RANDALL, D.B.J.; BOSWELL, J.C. **Cervantes in Seventeenth Century England**: The Tapestry Turned. New York: Oxford University Press, 2009.

RINCÓN, J.S. **El Mundo Social Del "Quijote"**. Madrid: Editorial Gredos, 1986.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROTTERDAM, E. de. **Elogio da Loucura**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SCHAUB, J. F. La Monarquía Hispana en el sistema Europeo de Estados. *In*: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 97-128.

THOMPSON. I.A.A. La guerra y el soldado: De la euforia de Lepanto a la tristeza de 1605. *In*: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 159-195.

TSANEVA, M. **Hieronymus Bosch: 110 Masterpieces** (Annotated Masterpieces Book 53). Create Space Independent Publishing Platform (Maria Tsaneva; 1ª edição). 2013. *E-book*

VIEIRA, M.A.C. Apresentação de D. Quixote. *In*: CERVANTES, M. de. **O Engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Primeiro Livro. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, v. I, 2016, p. 9-24.

_____. **O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote**. 1. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

VINCENT, B. La sociedad española en la época del Quijote. *In*: FEROS, A.; GELABERT, J.(org.) **España en Tiempos del Quijote**. Madrid: Taurus, 2004. p. 279-307.

WATT, I. **Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robison Crusoe**. Tradução: Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

WINEBURG, S. **Evaluating Information Online: The cornerstone of Civic Online Reasoning**. Disponível em: <stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/SHEG%20Evaluating%20Information%20Online.pdf> Acesso em: 23 de ago. 2023.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Métodos para ensinar competências**. Porto Alegre: Penso, 2020. *E-book*

Fontes Iconográficas:

BOSCH, Hieronymus. **A Extração da pedra da loucura**, óleo sobre madeira, 48x35cm, Madrid, Museo del Prado.

BOSCH, Hieronymus. **Nave dos Loucos ou A Nau dos Insensatos**, óleo sobre madeira, 56,8x32,5cm, Paris, Musée National du Louvre.